este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 5 DE JANEIRO DE 1971 N.º 17 255 ANO 50.º PREÇO 1$50

1x2 totoBOLA

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana? Na pág. 16 pode encontrar uma ajuda...

O próprio aspecto da cidade foi transformado pelo nevoeiro. Só perto do meio-dia é que tudo voltou a parecer-se com o nada dos outros dias. Dissipou-se o névoa — e lá se foi a surpresa dos vultos difusos.

O nevoeiro perturbou a cidade

SUSPENSAS AS CARREIRAS FLUVIAIS E ALTERADO O TRÁFEGO AÉREO

Impossibilidade de aterragem nas pistas da Portela, tráfego fluvial suspenso veículos circulando muito lentamente e com os faróis acesos — este o resultado do denso nevoeiro que assentou sobre a cidade às primeiras horas de madrugada e a apresentou de manhã aos alfacinhas com um aspecto verdadeiramente londrino.

Causas do nevoeiro, segundo a Meteorologia Nacional: **«uma depressão a noroeste da Península Ibérica transportou na sua circulação uma massa de ar marítimo, húmido e quente, o qual, em contacto com a costa, muito fria, se condensou e deu origem a bancos de nevoeiro e neblina em vários pontos do País.**

As 6 horas, foram detectados bancos de nevoeiro sobre Lisboa, Portalegre, Porto, Viana do Castelo, Beja e Évora.

Cerca das 10 horas, alguns desse bancos de nevoeiro tinham tendência para transformar-se em bancos de neblina Aconteceu isso no Porto e em Viana do Castelo.

Segundo os meteorologistas (informação prestada ás 11 e 15) «o nevoeiro dissipar-se-ia durante a tarde».

O tráfego no Tejo, entre

(Continua na ultima página)

A FORTUNA SEM DAR UM PASSO

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

UM DOS ASPECTOS mais aliciantes da nossa iniciativa é, sem dúvida, a sua extrema simplicidade: quem nos enviar um cupão-duplo de identificação, devidamente preenchido, e coleccionar os «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» publicados entre 2 de Janeiro e 31 de Março, fica habilitado não só ao maior prémio da história da Imprensa portuguesa, mas também a outros de grande valor e utilidade.

Inútil será dizer que esta iniciativa se destina a abrir o ciclo comemorativo do primeiro cinquentenário de existência deste Jornal, que se orgulha da sua juventude, mas que o grande prémio de um leitor do «Diário de Lisboa» é, sempre, o próprio «Diário de Lisboa».

Como temos vindo a informar, os prémios que aguardam os participantes nesta iniciativa são de molde a inte-

(Continua na pág. seguinte)

Exclusivo

SUPLEMENTO DE 12 PÁGS.

COM COPYRIGHTS DE «LE MONDE», «WASHINGTON POST», «LOS ANGELES TIMES» e «PUNCH»

HOJE 32 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

Os principais trabalhos dos 40 mil que, este ano, concorreram a «O Natal visto pelas crianças» estão expostos, desde ontem, na S. N. B. A. Uma explosão de cor e alegria — verdadeiro «mergulho» no mundo infantil

(Ler na 3.ª página)

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

(Continuação da pág. anterior)

ressar um vasto número de leitores, e a quantidade de cupões-duplos já recebidos nos nossos serviços revela o acerto do critério que presidiu à sua selecção — um magnífico e amplo andar em Miraflores bem como um «Mercedes-Benz-220», além de mobiliário «Gibo» no valor de 70 000$00 com que o andar será equipado, um automóvel «Rebel-700», dois automóveis «Fiat-600-D», uma «roulotte» marca «Sprite-Cadet», máquinas de costura «Oliva», bicicletas «Vilar», gravadores e rádios «Philips», isqueiros «Muraman» de mesa e de bolso, entre outros, não são prémios que se desprezem, principalmente quando o leitor do «Diário de Lisboa» se pode tornar milionário sem dar um passo.

De entre os esclarecimentos que nos têm pedido ùltimamente, um ressalta que julgamos necessário elucidar o mais depressa possível — perguntam-nos até que data podem os interessados inscrever-se como leitores do «Diário de Lisboa». Pretendemos que não haja acerca deste ponto a menor dúvida: até ao dia 31 de Março, os nossos leitores podem inscrever-se nesta iniciativa, desde que nos enviem os seus cupões de identificação, que publicaremos todos os dias, devidamente preenchidos Não esquecer que basta um só cupão-duplo. O único problema que se levanta diz respeito às colecções de «cabeçalhos» que todos têm de formar para exibirem quando e se lhes for atribuído um prémio. Os leitores que não tiverem iniciado as suas colecções ao inscreverem-se como leitores do «Diário de Lisboa» terão de dirigir-se aos nossos serviços pedindo os jornais que lhes faltarem à data em que o fizerem Os leitores que começarem a constituir as suas colecções imediatamente não terão, evidentemente, de o fazer. Esta é a razão por que temos insistido na vantagem de os interessados se inscreverem na nossa iniciativa tão depressa quanto possível.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões), deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185, 1.º — Lisboa-1.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se, desde já, assinaturas pelo período da iniciativa Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.

PRÉMIOS PARA QUEM VENDE O «DIÁRIO DE LISBOA»

TORNA-SE cada vez maior a expectativa provocada pela revelação feita nestas colunas: os vendedores do «Diário de Lisboa» que os premiados tiverem indicado nos seus cupões de identificação como sendo aqueles a quem, habitualmente, compram o Jornal, também vão receber prémios.

Em devido tempo, tornaremos pública a lista dos prémios instituídos para aqueles que venderem o «Diário de Lisboa» aos leitores premiados nesta iniciativa.

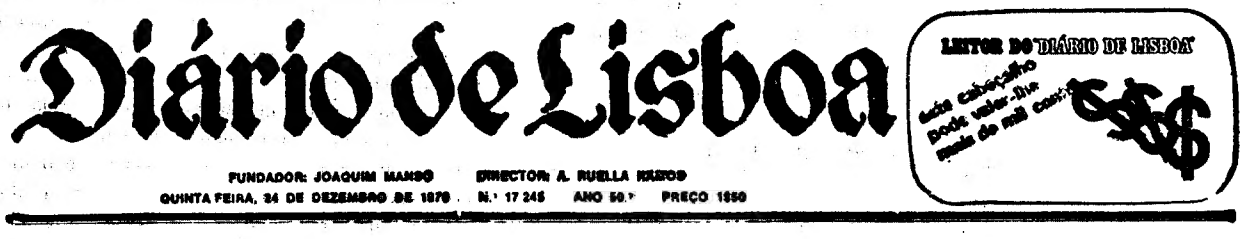
Por isso insistimos: se pretende que o seu vendedor beneficie de um prémio — no caso de lhe ser atribuído um a si —, indique, no cupão de identificação, onde e a quem adquire habitualmente o «Diário de Lisboa».

REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diario de Lisboa» residentes no continente.
- o leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada, a localidade onde reside, e facultativamente, a profissão e o número de telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185-1 -Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1$00, se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa», o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00, que se destina, lògicamente, a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuido em sorteio, terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos ★ do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971 É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês

★ Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do jornal donde consta o nome deste e a data de publicação.

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos



É ESTE O «CABEÇALHO» (TÍTULO E DATA DO JORNAL) QUE A PARTIR DE HOJE, ATÉ 31 DE MARÇO, DEVE COMEÇAR A GUARDAR. É PERMITIDA A FALTA DE CINCO EXEMPLARES POR MÊS.

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

_____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

_____

_____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

_____ telefone (b) _____

profissão (b) _____

_____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

_____

_____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1$00

INAUGURADA A EXPOSIÇÃO DE «O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS»

UM VERDADEIRO MERGULHO NO MUNDO INFANTIL

Meia dúzia de discretos adultos e muitas e irrequietas crianças inauguraram, ontem, singelamente, ao fim da tarde, no salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, a exposição de oito mil trabalhos concorrentes a «O Natal Visto Pelas Crianças», velha iniciativa do «Diário de Lisboa» que, este ano, teve um êxito fulgurante, excedendo todas as expectativas.

A exposição está patente ao público das 14 às 20 horas até sábado na S. N. B. A.

Um presépio atrai as atenções

Com a presença do dr. António Pedro Ruella Ramos, director do «Diário de Lisboa», prof. Calvet de Magalhães, director da Escola Preparatória Francisco de Arruda e do sr. Pepe Blanco, do Departamento de Promoção do nosso jornal, alunos de três turmas da Francisco de Arruda, acompanhados por alguns dos seus professores e um inspector do Ensino Técnico, percorreram a ampla sala — gentilmente cedida pelo dr. Adriano Gusmão, director da S. N. B. A., procurando e reconhecendo os seus próprios trabalhos ou simplesmente vendo e discutindo os dos seus colegas.

A simples abertura das portas, franqueando a exposição ao publico, constituiu a inauguração portanto de extrema simplicidade. Sem palavras solenes, os oito mil trabalhos principiaram, assim, a funcionar imediatamente como importante elemento pedagógico, demonstrativo da pujança criadora da criança, como assinalou o ministro da Educação Nacional na cerimónia da entrega dos prémios, no cinema São Jorge.

Das 14 ás 20 horas, até ao próximo sábado, inclusive, graças á direcção da S. N. B. A., a exposição ficará aberta ao publico — adultos e crianças — que poderá dessa forma testemunhar uma verdadeira «mensagem de paz, amor e cultura», ainda parafraseando o prof. dr. Veiga Simão.

João Alberto Santos, de 11 anos, aluno do primeiro ano, um dos primeiros visitantes da exposição, declarou-nos acerca dela:

— Estes trabalhos são bestialmente giros. Eu cá. não tenho nenhum desenho aqui nem recebi nenhum prémio. Mas vim cá por causa do pingue-pongue. O ano passado deixavam-nos jogar ao pingue-pongue.

Um colega deste «senhor», José Gilberto, da mesma idade e do mesmo ano, embora de turma diferente, declarou-nos, por seu lado:

— Eu vim porque a escola organizou esta visita. Gosto muito. Não tenho é jeito nenhum para desenhar. Mas não faz mal, porque quando for crescido quero ser jogador de futebol. Jogo a avançado-centro.

Os numerosos premiados, que receberam bicicletas, livros e brinquedos antes do findar do ano no cinema São Jorge, estavam também presentes, mas perfeitamente integrados entre os jovens que cruzavam a sala, olhando os outros trabalhos.

46 mil trabalhos concorreram este ano a «O Natal Visto Pelas Crianças», iniciativa do «Diário de Lisboa» que teve este ano a sua 13.ª edição. Este numero representa um «record» na medida em que ao longo de toda a sua existência jamais o numero de concorrentes havia ultrapassado os 35 mil.

A exposição é bem a prova da imaginação e do poder criador das crianças. Se acredita nelas, não deixe de ir até sábado á S. N. B. A. durante as horas indicadas. Se não acredita, vá na mesma. Ficará a acreditar.

NOTA do dia

ROER AS UNHAS

GOVERNAR É... Governar é o quê? Naturalmente que muita gente, mesmo sem que seja preciso perguntar-lho, tem resposta na ponta da língua para responder. Ideias não faltam: se eu fosse governo ou, então, se fosse eu a mandar! Quem é que não se atreveu já a desabafar os seus impetos, a sua vontade de acção, o seu desejo de intervir, de decidir, de dar ordens, de resolver? Cada um de nós sente que governar é arranjar moldes onde caibam e se ajustem os seus próprios problemas, que isso é que é. E não obstante, infelizmente, é muito mais que isso, porque é atender ao mesmo tempo os problemas todos de toda a gente, o frio e o calor, os cigarros pelos quais se paga mais e os isqueiros pelos quais se deixou de pagar, o equilíbrio de interesses, o fugir às colisões, encontrar o ponto que se sinta justo.

Como é que se faz isso? Governar não é apenas isso. É também a maneira de fazer. É o estilo. Quando um dia a gente pega no jornal e fica sabendo, por uma decisão do Conselho de Ministros, que foi extinta a Polícia de Viação e Trânsito, de um dia para o outro, com arrumação de pessoas e bens, serviços e papéis, funções prontamente transferidas para outro corpo, neste caso a Guarda Republicana, é claro que a gente fica a pensar porquê. A questão, aliás, foi discretamente aflorada na Assembleia Nacional, mas nem por isso se adiantou no conhecimento da explicação. Arrumou-se, está arrumado. Mas nem por isso deixou de ficar de pé alguma sombra de dúvida, o que deu azo a conjecturas nem todas completamente inocentes que talvez tivesse sido preferível cortar com a expressão da verdade, mesmo que ela fizesse doer. É um estilo. Sanou-se, acabou-se a história.

Outro estilo é o contrário disso, como diria o Amigo Banana. Pegue-se por exemplo na história recente dos vários desabamentos ùltimamente ocorridos em Lisboa, sobre os quais a Câmara, como aliás lhe cumpria, ordenou prontos inquéritos, que não tardaram a desencadear um sistema de sanções logo dadas a público conhecimento. Que pensar disto? É possível entender que os entendimentos foram vários, podendo muito bem haver uns que disseram sim senhor, assim é que é, enquanto está quente é que se malha no ferro, ao mesmo tempo que outros poderão ter considerado que a justiça justa se quer ponderada e sem precipitações, nada ganhando em prestígio com características expeditivas que possam valer interpretações de fins publicitários. O estilo de acção não é indiferente à identificação dos governos. A interpretação que se lhe possa dar também não deve ser indiferente.

A Câmara de Lisboa tem, como o têm hoje os municípios por esse País fora (se não quisermos dizer do Mundo) esse problema monstruoso que é o das barracas de construção clandestina, problema que, diga-se, está a ser atacado com mostras de decisão. Nestes dias terríveis de frio, que vemos nós? O noticiário traz-nos a informação de que se esgotaram os combustíveis, de que num bairro de Lisboa o consumo de corrente eléctrica subiu noventa por cento, de que noutras áreas a corrente falta por excesso de caloríferos instalados. Tudo isto são inquietações e dores de que chega o eco a público ao mesmo tempo que a notícia dos treze graus abaixo de zero em Bragança. Na casa de cada um de nós, que nos consideramos como grilhetas e escrevemos ou lemos os jornais, é a amostra de infortúnio que sabemos. Quem se lembra de acudir, de qualquer maneira, aos que vivem o ano inteiro no abrigo térreo das barracas?

Governar é tudo isso, afinal de contas. É contar com os cinco tostões a mais em cada maço de cigarros, calcular quanto é que isso dá no fim do ano e procurar-lhe a mais apropriada aplicação. Mas governar, ainda, nem será só isso, só o fazer e pronto acabou-se, mas vir dizer, à gente que paga, vejam lá que é para bom uso. E ficar contente por dar a explicação justa. E não ficar descontente se alguém a pedir. Pelo contrário, ser-se capaz de entender que sim senhor, que é bom sinal que as pessoas queiram saber. E não esperar que as pessoas reajam indiferentemente, como nos reportam que reagiu uma adolescente em café público, para quem a quisesse ouvir: «Mais cinco tostões em cada maço de cigarros? Mais vale deixar de fumar e roer as unhas!»

RECTANGULOS da VIDA

O HOMEM QUE NÃO ACREDITA

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

A ele ninguém o engana, ninguém é esperto. Não o levam à certa com conversas, com falinhas mansas. É o levas. «Não pode ser» e «não acredito» são frases que usa constantemente. A vida afigura-se-lhe uma série infinda de coisas que não acontecem porque «não pode ser», e o facto de haver quem creia nelas, quem as aceite de mão beijada, parece-lhe de uma estouvidez a toda a prova. Vale a pena vê-lo (ouvi-lo) quando lê o jornal. «Vêm aí 85 000 emigrantes portugueses e espanhóis, dizem de Hendaia» E logo comenta: «Pode lá ser! 85 000. Não acredito. Também não pode ser o camionista norueguês, pobre e crivado de dívidas que herdou 200 000 contos. «Duzentos mil contos! É um exagero. pode lá ser!»

É um homem de vida cinzenta e direita, guiada há muitos anos — sempre — pelo mesmo relógio, e por isso não aceita as cores azuis, e as curvas e as bombas e os saltos mortais das outras vidas. Vê tudo com os seus olhos míopes e sem fantasia, e corta cerces todas as asas que encontra

As de Ícaro, por exemplo, que se chama Cornelius, é inglês, e inventou umas asas para voar e ganhar o prémio oferecido por uma academia aérea ao primeiro homem-voador. Ícaro caiu. «Pois claro Podia lá ser Há cada um».

Está o dia inteiro por detrás de um balcão de pouco movimento, a não acreditar. É trabalhoso não acreditar. Embora não dê grandes razões, não lhas peçam, não soubesse dá-las mesmo que lhas pedissem, mesmo assim é preciso estar alerta, recusar-se a aceitar o que os outros — alguns, pelo menos — aceitam. Se se deixasse arrastar sentir-se-ia diminuído.

Lê o jornal para isso, para não acreditar no que lê Não lhe interessa o que vai ou não vai pelo mundo ou pelo país, ou pela cidade, ou pela rua onde mora. Só lhe interessa negar, é a maneira de dizer que está vivo Cada pessoa tem a sua.

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

ELAINE DELMAR
vedeta da Rádio e da TV inglesa

KARL KARSONY
famosa atracção mundial

HELENA TAVARES com
RAUL SILVA e ANTÓNIO LUIS GOMES

LES BALLETS DE
GEORGES REICH

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

CANDY SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
MAIORES DE 17 ANOS
NO WONDER BAR Á 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA, às 21.30 (M. 17 anos)
O CLÃ DOS SICILIANOS

MARIA VITÓRIA (Adultos)
TELEFONE 36 17 40
As 20.45 e 23 horas
GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM A GRANDE REVISTA
«PIMENTA na LÍNGUA!...»
com JOSÉ VIANA, AIDA BAPTISTA, BARROSO LOPES e DORA LEAL, com NICOLAU BREYNER, ANITA GUERREIRO, a atracção brasileira RONY VALY e, no «compère», OCTÁVIO DE MATOS, à frente de um enorme elenco
AOS DOMINGOS: «MATINÉES» ÀS 16 HORAS
ÀS 2.as-FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULO

COLISEU
HOJE, ÀS 21 e 30
(Maiores 12 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
SÓ ATÉ DOMINGO
As maiores atracções
QUINTA-FEIRA
À TARDE, entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos
À NOITE — às 21.30
(M. 12 anos)

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
(MAIORES DE 17 ANOS)
Temperatura confortável | 7.ª SEMANA
TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS
UM ÊXITO QUE O PÚBLICO ESTÁ A PROMOVER RECOMENDANDO
O Inocente
Notabilíssimo desempenho da Companhia do T. M. M. com Igrejas Caeiro no protagonista

ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS ATACA A CRÍTICA «NEFASTA» DE LAURO ANTÓNIO

Com pedido de publicação recebemos de António-Pedro Vasconcelos a seguinte carta:

Lisboa, 27 de Dezembro de 1970.

«Meu caro Lauro António: Eu devia limitar-me a agradecer-lhe a publicidade que V. faz no ultimo «zoom» á minha prosa, tanto quando me refiro á sua «nefasta» actividade crítica como á actividade cinematográfica do Truffaut. É, de facto, provável que nem todos os seus leitores tenham lido o jornal onde eu falava de si nem o «Letras e Artes» onde eu falava do Truffaut. Se não me limito a agradecer-lhe e se ainda o trato por «meu caro» é porque as duras palavras que V. cita com que eu me referia á sua actividade crítica actual tinham o unico propósito de tentar lembrar-lhe a tempo como com o tempo V. traiu a minha confiança e a de muita gente.

Quando há uns anos V. lançou com o Prado Coelho, em críticas de que aliás quase sempre discordei, um movimento de independência e de honestidade da crítica diária em relação ás empresas que controlam a exploração cinematográfica e que pretendiam controlar a crítica, eu fui dos primeiros a assinar um papel onde apoiava a sua coragem e a do seu jornal que arriscavam perder o apoio dessas empresas para ganhar o apoio dos seus leitores É em nome desse voto de confiança que eu falava da sua triste evolução. Que V. venha agora da sua tribuna armar em Marco António não me surpreende, mas continua a entristecer-me. Não estamos em época de eleições para lançar tão demagógicos e martirizados desagravos junto dos seus hipotéticos leitores. Se o seu unico problema é ter um grande numero de leitores fiéis e assíduos, porque não tenta escrecer na «Crónica Feminina»? (já se informou da tiragem?).

Lembro-lhe só que não esqueci a sua atitude quando V. participou vergonhosamente no bota-fora do João César Monteiro das colunas desse jornal para fazer vingar uma crítica de compromisso. Lembro-lhe ainda como V. resvalou perigosamente para o compromisso com os distribuidores que o atacaram de início e não me faça dizer mais nada sobre o assunto. Lembro-lhe por fim que acho grave que V. explore a situação privilegiada que criou no seu jornal para escrever as críticas «diárias» quando bem pode ou lhe apetece, sobretudo quando isso lhe dá tempo para ler as críticas dos outros, citando-as muitas vezes esquecendo-se das aspas; aspas de que V. depois abusa referindo-se a posição crítica que me atribui sem as justificar. Aí sim, eu peço-lhe explicações e V. vai-se ver grego para descobrir algum texto onde eu tenha alguma vez tomado expressamente uma atitude «antiestruturalista», onde tenha «dado grande importancia á semiologia da imagem», onde eu tenha «lutado por uma crítica científica» ou por um «cinema proletário». Não pense que vai ter matéria para muitos «Zooms» porque eu não lhe vou continuar a responder, a menos que V. não publique sobre isso uma desculpa que me satisfaça.

Uma das qualidades que V. tinha quando começou a escrever era o gosto pelo cinema, coisa rara entre os «críticos» de então. Espero que o bom cinema lhe tenha ensinado, por sua vez, o gosto pelas coisas verdadeiras. Sou dos que ainda querem acreditar, como o Brooks que fez um filme sobre a «second chance», na sua reabilitação e na do seu jornal. Gostaria muito, como leitor que ainda sou, por vezes, do Diário de Lisboa e das suas colunas, que não me obrigue a trocar de vez as «grandes esperanças» pelas «ilusões perdidas». — (a) António-Pedro Vasconcelos.

ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS, PERDIDO POR CEM PERDIDO POR MIL

Em resposta, o nosso crítico cinematográfico afirma:

1. Ao transcrever no «Zoom» (27-XII-1970), as palavras que A.P.V. utilizou, referindo-se á minha «nefasta» actividade de crítico, tinha em vista unicamente informar os leitores do «D. L.» de acusações injustas e injustificadas. Acabei por conseguir, involuntáriamente, algo de mais grave e bem lamentável: a «revelação» publica de A.P.V. Qualquer semelhança entre a prosa do «jovem cineasta» e as palavras de muitos redactores de certos pasquins de escândalos não é pura coincidência. Sabemos, portanto, que A. P. V. tem o futuro garantido, quando assumir integralmente as notáveis propensões que a sua carta revela.

2. Se até ao aparecimento desta missiva exemplar, havia algumas hipóteses de troca de pontos de vista entre o abaixo assinado e o referido A.P.V., a partir desta data fico devidamente esclarecido das ambições do «jovem cineasta»: servindo-se das mais baixas insinuações e das mentiras mais rasteiras, A.P.V. não pretende polémica de ideias, mas o uso e abuso da rasteira. O que é duplamente lamentável...

3. Por aqui ficaria, se não fosse util mencionar alguns factos que A.P.V. parece, de todo em todo, ter esquecido:

a) Lembro-lhe primeiramente que ainda não esqueci a sua atitude quando participou vergonhosamente em duas sessões inquisitoriais, por altura do que chama «o bota-fora do João César Monteiro»;

b) Lembro-lhe ainda como resvalou perigosamente para o compromisso com os distribuidores (e exibidores), quando, ao serviço do «Jornal de Letras e Artes» fez (ou concordou em fazer) determinados acordos que deveriam encher de vergonha um crítico que honrasse o papel que desempenha. E sobre isto gostaria que A.P.V. me fizesse dizer mais, pois possui provas daquilo que afirmo e agora gostosamente traria ao conhecimento publico.

c) Sobre aquilo que V. chama «o meu compromisso com os distribuidores que me atacaram de início» haverá a perguntar o seguinte: em três anos de crítica no «D. L.» os meus critérios não se alteraram, porque creio ser esta a unica forma util de exercer esta actividade. Será que a acha comprometida com interesses de distribuidores? Então teria de a achar igualmente quando foi dos primeiros a assinar um papel apoiando-me (a mim, ao Eduardo, ao Jornal). Será que chama compromisso ao facto de me terem convidado para dirigir uma sala «Estudio» que, aliás, ainda não abriu? Então terá de chamar comprometidos muitos críticos de artes plásticas que dirigem galerias, muitos escritores que dirigem editoras, etc., etc. Será que chama compromisso ao facto de, enquanto crítico — e pugnando por aquilo que eu entendo ser o bom cinema — tentar modificar de algum modo, o panorama da exibição cinematográfica portuguesa? Se assim for, lembro-lhe que foi mercê dos «meus compromissos» que conseguiu poiso para a sua «Quinzena do Cinema Novo Francês», numa altura em que ninguém lhe queria ceder sala para a sua efectivação. E lembro-lhe ainda que tudo isto se passou depois das vergonhosas sessões inquisitoriais.

d) Quanto ás minhas «críticas diárias» haverá a dizer que não possuo o dom da ubiquidade e não posso ver dois (ou mais) filmes ao mesmo tempo. Logicamente, quando se estreiam vários filmes no mesmo dia (todos os fins de semana, afinal), terei de deixar alguns para depois da data de estreia. Isso explica os atrasos. Quanto ao facto de eu «copiar» as críticas de outros, deixe-me dizer-lhe que essa é bem uma imbecilidade cheia de colo-

(Continua na página seguinte)

JUNTA NACIONAL DAS FRUTAS

Concurso público para a arrematação da empreitada de construção civil da ampliação da sala de escolha da Estação Fruteira da Guarda

Faz-se público que até ao dia 26 do corrente mês se receberão nos Serviços Administrativos desta Junta, Rua Barata Salgueiro, n.º 56-1.º Esq.º, Lisboa, propostas para o concurso acima designado.

O depósito provisório é de 23 000$00.

Serão admitidas empresas titulares de alvarás de obras públicas da 1.ª categoria e da classe ou subclasse, correspondentes ao valor da proposta, estabelecidas pelo Decreto-Lei n.º 40 623, de 30 de Maio de 1956, e pelo seu regulamento.

O processo deste concurso encontra-se patente na Rua Alexandre Herculano, n.º 51-6.º andar, Lisboa, e na Delegação da Junta, no Porto, Rua Ferreira Borges, n.º 69-1.º, nas horas de expediente, e poderão ser obtidas cópias na Avenida Defensores de Chaves, n.º 83-1.º, Lisboa.

O acto público do concurso terá lugar pelas 15 horas do dia 27 de Janeiro próximo futuro, na sede desta Junta, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 8 — Lisboa.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1971.

Pel'O PRESIDENTE
A. Candido Ferreira
Engenheiro Agrónomo

AMANHÃ
NA
«ADEGA MESQUITA»

MANTÉM-SE A TRADIÇÃO DA
NOITE DE REIS
EMENTA ESPECIAL
MONUMENTAL «BOLO DE REIS» COM VALIOSOS BRINDES — GUITARRAS DE OURO E DE PRATA
MARCAM-SE MESAS
R. Diário de Notícias, 107 — Telef. 32 83 07

TRINDADE
Telef 320000
HOJE, ÀS 21.30 HORAS
(Adultos)
As duas peças de IONESCO
O ÚLTIMO INQUILINO
e
O REI ESTÁ A MORRER
Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
SÁBADO, às 16 horas
Tarde a preços reduzidos
DOMINGO
Tarde dedicada a estudantes

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Este é Gianni Morandi, ex-«coqueluche» da cançoneta italiana e agora um respeitável senhor de negócios com muitas liras para arejar

MORANDI, POLITO CELENTANO & RANIERI

Gianni Morandi e Enrico Polito estão a estudar a possibilidade de realizar um filme, que financiarão, e de que Massimo Ranieri será o protagonista. Morandi disse que só será tomada uma decisão definitiva depois de Adriano Celentano, também convidado para o mesmo filme, dar a sua resposta.

PRÉMIOS A FILMES SOBRE O MUNDO DO TRABALHO

Os prémios «Tarvisium D'Oro», destinados ás personalidades que mais se distinguiram na realização de filmes inspirados no mundo do trabalho, foram conferidos a Mauro Bolognini, Manfredi, Filippo Paolone, Ottavia Piccolo e Massimo Ranieri.

UM FILME NA ARGÉLIA

O realizador Eric Le Hung vai rodar na Argélia, em Fevereiro, o filme «Elle lui disait dans l'île», extraído do livro de Françoise Xenakis sobre a história de uma mulher e do marido, detido político numa ilha. Michel Piccoli será o protagonista masculino.

TEATRO VARIEDADES

2 SESSÕES, ÀS 20.45 e 23 HORAS (Adultos)

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

apresentam

A ESPECTACULAR SUPER-REVISTA

c/ SALVADOR * FLORBELA * CARLOS COELHO

a colaboração de MARIEMA * pela 1.ª vez em revista MARIA DO CÉU GUERRA e a atracção nacional DUO OURO NEGRO

Amanhã não há espectáculo para descanso da companhia

ATAQUE À CRÍTICA

(Continuação da pag. anterior)

rido local. Há mais de três anos que escrevo no «D. L.». No seu entender, há cerca de seis meses, comecei a ter necessidade de copiar críticas. Quer-me explicar porquê? Quer apresentar dados concretos? Muito grato lhe ficaria.

e) Quanto ás posições críticas que lhe atribuo, são fáceis de justificar. Elas definem a fase actual dos «Cahiers du Cinema» que V. tão bem assimila. Será preciso dizer mais? Sobre o antiestruturalismo de que V. deu mostras não há muito tempo (precisamente até os «Cahiers» terem descoberto o contrário) bastará recolher algumas opiniões suas sobre o Eduardo Prado Coelho e aparecidas no «Jornal de Letras e Artes». Recorda-se?

Posto isto, também eu sou dos que acreditam na «second chance» de que falou Brooke no «Lord Jim». Parece-me, porém, que o seu gosto pelas coisas verdadeiras (que V. parece não ter) não lhe ensinou ainda o gosto pelo bom cinema.

LAURO ANTÓNIO

P. S. — Espero bem que A.P.V. não me dê matéria para muitos «Zooms». Lamento, todavia, que também neste aspecto ele se tenha esquecido das vezes que se socorreu destas colunas para aqui ver defendidos (acrescente-se que justamente) os seus interesses. Mas as pessoas esquecem-se com facilidade de tudo o que lhes não interessa recordar.

EXPANSÃO DO LIVRE-SERVIÇO EM PORTUGAL

Após a recente integração dos SUPERMERCADOS MODELO na cadeia dos INVICTOS SUPERMERCADOS, ficou o País dotado de uma organização de livre-serviço de grande envergadura, mesmo à escala internacional. Foi assim dado o primeiro passo para a criação de uma extensa rede de Supermercados cobrindo todo o território nacional metropolitano, pois, dispondo já de 20 estabelecimentos de livre-serviço no Porto e em Lisboa, a organização tem já prevista a instalação de 10 novas unidades nas mesmas cidades (algumas a inaugurar brevemente), como a criação de outros Supermercados nos principais centros consumidores do País.

Esta importante concentração vai favorecer essencialmente o público consumidor, com a garantia de um maior poder de compra e selecção de produtos, encurtando o circuito tradicional da ditribuição, com a possibilidade de oferecer preços mais baixos, assim como um aumento de qualidade da mercadoria.

Esta importante expansão tem o maior interesse para a economia nacional, pois funcionará como estabilizador de preços (como já funciona aliás), e permite uma crescente elevação da qualidade dos produtos. um maior e mais rápido rendimento para os produtores e fornecedores, através de uma ligação directa entre o produtor e o consumidor.

O nosso País acompanha assim a tendência actual da moderna distribuição de produtos alimentares em todo o mundo, que permite a aquisição de artigos da melhor qualidade e das melhores marcas, em condições unicas de preço, higiene e apresentação.

GAZCIDLA

COMUNICADO

O frio excessivo, que tem feito nos últimos dias, provocou um afluxo de pedidos urgentes de Gazcidla impossíveis de atender com a rapidez que todos pretendem e costumam ser satisfeitos. Por outro lado, a falta de mão-de-obra, apesar de se haver largamente recorrido a distribuidores eventuais, obrigou a CIDLA a atrasar os abastecimentos aos seus prezados clientes, demora, aliás, que em regra não excedeu 48 horas.

Da anomalia que se verificou, e que se julga já estar debelada, pede a CIDLA desculpa a todos quantos, confiando nos seus serviços, não viram satisfeitas as suas requisições com a rapidez e eficiência habituais.

A DIRECÇÃO GERAL

GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

O PROCESSO DE

KAFKA

Versão de Artur Ramos e José Estêvão Sasportes, sobre o texto de André Gide e Jean-Louis Barrault, com cenários e figurinos de João Abel Manta

Encenação de ARTUR RAMOS

HOJE E TODAS AS NOITES DESTA SEMANA

ÀS 21 HORAS e ÀS 23 HORAS

50 % desconto para estudantes

10.ª SEMANA

MAIORES DE 17 ANOS

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET

5.ª-FEIRA, às 18.30 horas

EMÍLIO E OS DETECTIVES

(Maiores de 6 anos)

Na próxima semana, todas as noites às 21 h. e às 23 horas, a comédia

«Sexta-feira, 4 e Um Quarto»

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

AVISO

CONSTRUÇÃO DE CASAS PARA FAMÍLIAS CUJOS CHEFES NÃO SEJAM BENEFICIÁRIOS DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

LUIS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER QUE: Conforme deliberação desta Câmara, ficam abertas durante todo o mês de Janeiro as inscrições a **Grupos de Chefes de Família**, não beneficiários das Caixas de Previdência, para se candidatarem á construção de habitação própria em terrenos camarários, na modalidade de propriedade horizontal.

As inscrições poderão ser efectuadas por escrito ou na Secretaria da Câmara Municipal em todos os dias úteis e nas horas normais de expediente.

Só serão consideradas as inscrições que reunam as seguintes condições:

a) Os chefes de família a residirem no concelho há mais de 2 anos, ou que aqui trabalhem há dois anos, embora com residência noutro concelho.
b) Tenham família legalmente constituída.
c) Não possuam casa de habitação própria no concelho.
d) Não tenham rendimento superior a 1 500$00 «per capita».

Para uma melhor elucidação das pessoas interessadas, informa-se que os projectos e cadernos de encargos se encontram patentes na Secção de Arquitectura e Urbanismo da Câmara Municipal, sita na Rua Dr. Manuel Arriaga (antigo Registo Civil), onde os interessados poderão colher, também, outras informações de carácter técnico.

Chama-se, ainda, a atenção das pessoas que se pretendem inscrever, para a conveniência de o fazerem o mais depressa possível, a fim de que as escrituras se possam efectuar imediatamente.

Vila Franca de Xira, 22 de Dezembro de 1970.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO

TEATRO GIL VICENTE

CASCAIS — Telef. 280919

A COMPANHIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

Apresenta hoje e todas as noites, às 22 horas

SOTOBA KOMACHI de YUKIO MISHIMA

tr. ORLANDO NEVES

e

BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS de GIL VICENTE

Encerrado às 2.as-feiras p/ descanso da companhia

ADULTOS

Organização e Actualização

DE ESCRITÓRIOS E CONTABILIDADE

Consulte: CONTOR

CENTRO TÉCNICO CONTABILIDADE E ORGANIZAÇÃO, LDA.

R. António Pereira Carrilho, 38, 1.º — Telef. 53 54 93

Apartado 5057 — LISBOA

EM PORTUGAL OS MEDICAMENTOS MAIS BARATOS DA EUROPA

(Resposta do Grémio Nacional dos Industriais de Especialidades Farmacêuticas a uma Senhora Deputada)

Há poucos dias, alguns órgãos de informação deram especial relevo a declarações proferidas na Assembleia Nacional, sobre os preços dos medicamentos em Portugal. Fundamentaram-se estas na comparação do preço de alguns medicamentos produzidos em laboratórios idênticos, para admitir, generalizadamente, que no País os medicamentos são 50 por cento mais caros que em Espanha e 30 ou 40 por cento mais caros que em França.

Complementarmente a estas asserções, foi posta em dúvida a razoabilidade dos encargos da «excessiva propaganda médica», ou, pelo menos, lançou-se a hipótese de residir aí aquele «desconcerto» de preços.

A forma como estes dados foram apresentados e transpareceram pode confundir uma Administração responsável e induzir em erro o público que tem jus a conhecer a verdade inteira.

Antes de mais, este Grémio vê com gosto o debate sobre tão momentoso assunto, esperando daí esclarecimentos úteis á Administração, que tem de decidir e ao público que lê, escuta e tem de pagar as contas.

Assim, enquanto se recolhem elementos atinentes ao assunto e relativos a outros países da O. C. D. E., que oportunamente serão divulgados, propomo-nos desde já:

1.º — estabelecer comparações de preços com países europeus, nomeadamente os citados na comunicação;

2.º — dar alguma luz sobre a actual conjuntura dos preços dos medicamentos nacionais;

3.º — Comparar custos e analisar problemas atinentes á informação médica.

1.º — *a*) No que se refere a *Espanha*, o dado mais recente que possuímos é-nos dado pela «Comissão del Concierto para la Seguranza Social»: — o preço médio das especialidades farmacêuticas consumidas pelo «Seguro Social em Espanha», em 1969 — e já consome cerca de 50% do total do mercado — foi de 35,92 pesetas. Como adiante se verá, o preço médio do medicamento de fabrico nacional é de 23$14!

Admitimos que certas unidades medicamentosas, comparadas individualmente, possam aparecer com o preço mais baixo que em Portugal. Porém, tal acontece quase exclusivamente em medicamentos com preço fixado numa data que supomos ser em 1958, data em que o critério de fixação de preços em Espanha foi radicalmente revisto. Só a partir dessa revisão de critérios foi possível á Indústria Farmacêutica de Espanha encarar o seu desenvolvimento sem muitas apreensões

Uma comparação válida terá de basear-se em médias globais ou de sectores representativos. Por esse caminho seguimos, evitando comparações de preços de produtos isolados, que não esclareceria ninguém.

Acentuamos este ponto para responder á história daquele secretário de ex-ministro que em Badajoz comprou dois tubos de pastilhas e ao chegar se espantou com os preços daqueles mesmos produtos importados da Suíça, ignorando que o preço espanhol vinha fixado e se mantinha desde a década de 40, apesar das reclamações do produtor, e que o custo da produção suíço, onerado das taxas aduaneiras nacionais e dos gastos e interesses legítimos da importação, tinham de levar a uma forte diferença.

Querer avaliar todo um nível global de preços e toda a complexidade da estrutura de um mercado por dois, ou mesmo por vinte produtos, é como medir a palmos a circunferência da Terra!

b) No que se refere á França e a outros países do Mercado Comum, reproduzimos abaixo, parcialmente, um quadro já publicado no Relatório deste Grémio em 1968, no qual se pode comparar o preço médio dos medicamentos em Portugal, com o desses países, em 1966:

França	28$30
Alemanha	27$20
Bélgica	31$90
Itália	27$30
Portugal	18$90

(Fonte: «Les Cahiers de l'Industrie Pharmaceutique — 2.º trimestre de 1966).

No entanto, desde já podemos garantir que a evolução de preços nos países citados se tem processado a taxas de crescimento muito mais elevadas que em Portugal.

Estes considerandos referem-se sòmente aos medicamentos de fabricação nacional Quanto a produtos importados, outros se pronunciarão se disso sentirem necessidade ou conveniência.

Ao terminar este ponto, não pode este Grémio deixar de abrir um parêntese para prestar homenagem aos serviços da Administração Central e de Coordenação Económica de que depende o sector, pela defesa criteriosa dos direitos do consumidor, em são equilíbrio com os interesses em jogo.

2.º — *Conjuntura dos preços dos medicamentos em Portugal:*

Vejamos através dum quadro, como evoluíram os preços dos medicamentos em Portugal, desde 1950, distinguindo os produtos importados dos fabricados localmente, segundo números coligidos pela Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos:

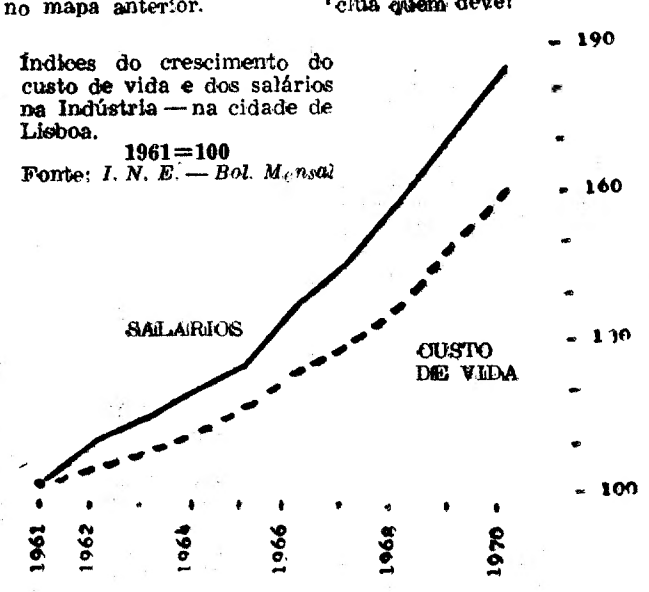
Ano	MEDICAMENTOS NACIONAIS — Preço médio por unidade	Ano	MEDICAMENTOS IMPORTADOS — Preço médio por unidade
1950	21$10	1950	33$10
1951	20$20	1951	25$70
1952	21$30	1952	23$40
1953	20$10	1953	25$60
1954	18$80	1954	24$00
1955	19$30	1955	25$30
1956	17$30	1956	23$70
1957	15$20	1957	23$70
1958	18$00	1958	25$40
1959	16$10	1959	25$50
1960	14$80	1960	25$20
1961	16$80	1961	24$80
1962	17$50	1962	24$60
1963	16$10	1963	24$20
1964	18$70	1964	27$20
1965	17$00	1965	26$90
1966	19$00	1966	27$50
1967	18$20	1967	31$10
1968	21$10	1968	31$40
1969	23$10	1969	31$70

Numa ideia gráfica indicamos a evolução de alguns factores que podem influenciar os custos dos medicamentos. Note-se a subida em vertigem de tais factores comparados com a estabilidade revelada no mapa anterior.

Índices do crescimento do custo de vida e dos salários na Indústria — na cidade de Lisboa.

1961=100

Fonte: *I. N. E. — Bol. Mensal*



Do quadro atrás conclui-se que o nível de preços de 1950 é sensivelmente o mesmo de 1970! Com uma agravante: a partir de 1961 passou a Indústria Farmacêutica Portuguesa a entregar aos Serviços Médico-Sociais da Federação das Caixas de Previdência 15 por cento sobre os preços públicos. Este contributo não só anula, como ultrapassa inteiramente a ligeira variação de preços verificada nos últimos três anos. Apesar do custo de vida ter subido desde 1961 cerca de 60 pontos e os salários na indústria, desde 1960, cerca de 85, como se vê no gráfico, os preços dos medicamentos mantêm-se milagrosamente!... E como em economia não há milagres, conclua quem deve!

A propósito dos preços dos medicamentos é corrente, mesmo em alto nível administrativo, utilizar um termo de comparação que, por ilícito, rejeitamos «in limine»: trata-se de relação entre os preços públicos e as cotações praticadas nas aquisições hospitalares e afins. É que aí fabricantes e importadores, ou forcejam propaganda, ou colocam encomendas cujo destino falhou, ou escoam excedentes de produção ou, ainda pior, e muito frequentemente, usam coisa parecida com o «dumping», como forma de promoção. Algumas vezes ainda aparecem preços de ignorância, que em regra se não repetem três vezes, porque entretanto o fornecedor ou aprende, ou abre falência. Tudo, ou quase, fora das sãs regras do comércio real. No caso só os interessados perdem o dinheiro e o feitio, enquanto que o Estado deixa de gastar uns 200 000 contos anuais A bem da Assistência Estatal!

O tempo corrigirá, a curto prazo o deseconchavo, á medida que se agravam os custos de produção e comprimem as margens de comercialização

3.º — *Encargos com a Informação Médica:*

Para bem compreender este aspecto, necessário é ter em conta que Portugal é o único país da Europa (talvez com a Grécia?) onde a importação se processa sem restrições. O consumo divide-se sensivelmente em partes iguais para medicamentos de produção nacional e de importação.

Este condicionalismo implica que qualquer abrandamento dos encargos com a promoção, acarretará, infalivelmente, total ineficácia da competitividade e o *desaparecimento a curto prazo da Indústria Farmacêutica Nacional.*

Mas vejamos números:

O organismo que no País controla preços, — Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos — atribui ao industrial 10 % do preço público para os encargos *de investigação e de informação médica!*

Observemos, agora, também em percentagem sobre o preço público, os gastos que são efectuados em alguns países, exclusivamente com a informação médica:

Estados Unidos	25%
Espanha	18%
França	14%
Bélgica	16%
Inglaterra	12%

(Fonte: Chambre Syndicale des Fabricants de Produits Pharmaceutiques.)

A repartição destas percentagens de gastos em Espanha e França é a seguinte:

ESPANHA:

Visita médica	56.57%
Amostras	23.68%
Folhetos	5.28%
Revistas paramédicas	14.47%
	100, %

(Fonte: Agência Cifra (La Vanguardia 13-7-1969).

FRANÇA:

Visita médica	52%
Amostras	15%
Imprensa	12%
Folhetos	11%
Outros	10%
	100%

(Fonte: «Droit e Pharmacie»).

Perante estes dados podemos dizer que os 10% permitidos á Indústria Farmacêutica Portuguesa, conjuntamente para investigação e informação médica nem sequer asseguram o limite da sobrevivência.

Competir, em Portugal, com as grandes organizações internacionais a operar com todo o peso dos seus meios, com a grandeza do seu prestígio e com a eficácia dos seus métodos e dispor para tudo isso e ainda para investigação de 10% sobre os preços de venda, é viver permanentemente sem horizonte de desenvolvimento e sem nenhuma possibilidade de investigação. É viver permanentemente uma vida bem precária! Deixaremos á Administração e ao público as conclusões a tirar e fecharemos com uma última comparação, que envolve uma afirmação muito grave e uma muito séria advertência.

Ao reclamar-se duma hipotética carestia de medicamentos, que afinal provamos ser barateza (30 a 50% abaixo dos preços da Europa) não poderão menosprezar-se aspectos vitais da indústria que os produz. Parece razoável pretender-se que habitualmente não sejam mais caros que nos países vizinhos. Todavia, a Espanha e a França fabricaram no ano findo, respectivamente, cerca de 12 e de 40 milhões de contos! Nós, pouco mais dum milhão e meio! E a Espanha e a França, não têm que repartir o mercado com a importação!

Perante os números que acima se reproduziram, o que terá de acontecer é virem os preços dos medicamentos nacionais a ser iguais ou ligeiramente aos do resto da Europa: a exiguidade do mercado, os índices de produtividade, a qualidade e preço das indústrias subsidiárias, etc., assim o impõem Isso está, porém, muito longe de se verificar, como provámos abundantemente. *Mas se assim não acontecer muito rápidamente, continuará certamente a haver Indústria Farmacêutica em Portugal, mas será toda estrangeira, a muito curto prazo. E o País não deixará de pagar então os preços que lhe pedirem, sem em regra os poder discutir, e investimentos a custos bem distantes das cotas habituais entre nós.*

E mais: uma libérrima abertura de fronteiras, a estreiteza de mercado e um comprimir de preços constante e, porque não dizê-lo, «políticos», não permitem nenhuma ponta de optimismo, perante a integração europeia que se avizinha, aos indústrias que, noutros países e mesmo em Portugal, noutros sectores, contam êxitos assinaláveis.

Sem alarde erudito, também aqui «alguma coisa está podre no reino...» mas, no caso, o caruncho não é empresarial.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1970

EXPOSIÇÃO/VENDA

LIVROS ESPANHÓIS DAS MAIS REPUTADAS EDITORAS

TÉCNICOS • FICÇÃO • ENSAIO

CRÍTICA • DIVULGAÇÃO • ARTES

Na «QUADRANTE»
A PARTIR DE 5-1-71

AV. LUIS BIVAR, N.º 85-C

UM REGEDOR PROCESSADO

Foi concedida, oficiosamente, autorização para ser demandado criminalmente o sr. Manuel Augusto Pereira, regedor da freguesia de Vreia de Jales, concelho de Vila Pouca de Aguiar, no processo que contra ele pende no Tribunal Judicial da respectiva comarca.

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

NÃO SEI... NÃO SABEMOS... NINGUÉM SABE... TODOS SABEMOS

João Mota embarcou há anos na aventura do teatro. Aventura perigosa no nosso País, onde o teatro mete água por vários rombos. João Mota vive agora o momento mais feliz da sua vida. Não lho proporcionou o trabalho em Portugal, mas sim em Paris, num curso que frequenta. E depois? Quando acabar o curso? Quando voltar a Portugal? João Mota não sabe. Depois, não sabe o que o espera. Espera, em todo o caso, que aconteça alguma coisa...

As indecisões, as reticências, os espaços vazios, a procura e o atraso das palavras — tudo isso prova que João Mota ou não sabe mesmo, ou não encontrou maneira de se exprimir no *Curto-Circuito*.

Num *Curto-Circuito* onde o teatro continuou a estar presente com os pequenos actores do Teatro Villaret na peça «Emílio e os detectives». Duas forças animaram essa presença: a do pequenino Paulo Rui, o «Terça feira» da peça, e a de Glicínia Quartin. A primeira representa a força infantil, esse fingir de vida, esse «ser a» que faz da criança o melhor actor «profissional» do mundo. Paulo Rui é um fiteiro, tem uma latosa verdadeiramente excepcional, há qualquer coisa nele de inquietantemente adulto. Parecia, ali, ser ele a pessoa crescida, aquela que brincava com os adultos, entendendo-lhe as «travessuras», entrando, complacentemente, no jogo das perguntas e das respostas, na brincadeira do microfone que outro Rui, o Pedro, lhe propôs. A sua natureza infantil autêntica veio ao de cima quando afirmou que o seu ordenado era de *150 mil*, e que espera ver a peça no cartaz aí uns 14... dias.

Quanto a Glicínia Quartin, ela foi a presença do equilíbrio, da inteligência, da consciência dos muitos problemas que envolve o emprego das crianças na representação do teatro a sério. Esses problemas, apenas aflorados, mereciam mais amplo tratamento. Tivemos pena que Glicínia Quartin estivesse ali apenas como um elemento mais, como um acessório. Oxalá um dia possamos nós, os telespectadores, estar com ela mais tempo, a conversar sobre a iniciativa e a experiência do Villaret. «Não estamos a fazer nada, porque nada se pode fazer. Estamos a tentar». Estas suas palavras definem uma consciência, uma intervenção não cabotina. Valeram por muitos discursos de modéstia. Modéstia falsa, quando discursa muito.

Quanto a Maria Helena Seabra, encarregada da pedagogia teatral, estava excessivamente eufórica para nos dizer com proveito fosse o que fosse. Mas com a sua desenvoltura animou o acto — e já não foi pouco. Bye, bye, Maria Helena.

A contribuição musical de *Curto-Circuito* cifrou-se na apresentação do cançonetista José Cheta e e um conjunto cabo-verdiano, com um repertório essencialmente baseado nas canções tradicionais do arquipélago. A preocupação profissional do conjunto talvez lhe tenha roubado uma certa... pureza, um certo encanto próprio de todo o artesanato. Mas a «Voz de Cabo Verde» mostrou ser capaz de preencher um serão com interesse. O que em televisão não é nada fácil.

José Cheta facilitou uma melodia para «Senhora, partem tão tristes», cantou ainda Joaquim Pedro Gonçalves (o do «Onde vais rio que eu canto) e deu-nos um poema seu, serranamente ambíguo e sem nenhuma capacidade de vitória junto do público, aliás como o anterior. José Cheta vê-se que não sabe bem o que quer. Quer cantar, mas não sabe o quê, passa de João Roiz Castelo Branco a Joaquim Pedro Gonçalves com uma perturbadora facilidade. Para já, uma certeza: quem tem ambições, sonha grandes coisas. José Cheta não nos deu as grandes coisas com que sonha. A cantar aquilo, José Cheta não sairá nunca da enorme legião dos cançonetistas que aparecem, vivem fugasmente o seu fiozinho de voz — e depois passam, esquecem, morrem. Resumindo: José Cheta *representou* mais o cançonetista, do que *viveu* o cançonetista. Não nos convenceu que a canção é a sua maneira de ser — e, por isso, dentro de pouco tempo, poucas pessoas talvez se lembrarão dele.

Quem quiser melhor tradução de quanto digo, recorde-se da presença do padre Fanhais no *Zip-Zip*. Alguém duvidou de que estava ali um artista?

CICLISMO — VENHA O «PASTEL»...

Outra mesa-redonda em «Momento Desportivo». Ciclismo em equação. Com arbitragem de Artur Agostinho, a mesa alinhou como segue. Idalino de Freitas, presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo; Carlos Miranda, jornalista estudioso dos problemas da modalidade; e Manuel Graça, técnico. Anote-se a ausência de um praticante em exercício.

Vejamos alguns pontos das intervenções:

IDALINO DE FREITAS — O ciclismo, na ultima época, atingiu o zénite da sua projecção. A Federação está a envidar todos os esforços no sentido de manter essa posição, mas duvida de que tal se verifique pois alguns organizadores de corridas (firmas comerciais, empresas, fábricas, etc.) já declararam que na próxima época não estão dispostos a isso, por motivo das exigências dos clubes.

CARLOS MIRANDA — A situação favorável do nosso ciclismo na época passada deve-se ao facto de a modalidade ter ultrapassado os quadros puramente clubistas para se relacionar com a publicidade.

Três foram as questões mais discutidas:

(Continua na 18.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Estante»: D Quixote de La Mancha, de Cervantes, por Odete de Saint-Maurice; 18 e 05: O convidado de hoje: Joe Dolan; 18 20: Espectáculo-Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com Shaking Blue; 19 e 05: Cartaz dos Espectáculos — Rádio rural; 19 e 10: Orquestras e Canções; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Interludio; 20 e 30: 2.º episódio do folh tim «Enaruzilhadas»; 20 e 52: Melodias em órgão, por Mult Herth; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir? 21 e 55: Viagem ao passado, por Judith Navarro; 22 e 10: Vamos ouvir... o acordeonista Amarilis Matono; 22 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 23 e 05: A vida e a mulher; 23 e 30: Eles cantam para si; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Uma obra... duas interpretações — A sinfonia espanhola de Lalo interpretada sucessivamente pelos violinistas Artur Grumiaux e David Oistrakh; 17 e 15: Curiosidades musicais — Missa chilena (Raul de Ramon), pelos «Cantores de Santa Cruz», acompanhados por um conjunto instrumental — Salmo 19 (Beethoven), em órgão; 17 e 45: Festival de Salzburgo de 1970 (em gravações cedidas pela Radiodifusão Austríaca) — Parte de um recital pelo pianista Géza Anda — Dança dos Partidários de David op. 6 (Schumann); 18 e 16: Jogos venezianos (Lutoslawski), pela Orquestra Filarmónica Nacional de Varsóvia, sob a direcção de Witold Rowicki; 18 e 30: Gravações históricas; 19: Dança e ballet, pelo dr António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio educativa (Auditório Juvenil); 20: Diário sonoro; 20 e 20: Resumo do programa — Musica coral; 20 e 45: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara, sob a direcção do maestro Silva Pereira — Ária da Suite em ré (aBch-Wilhelm) — Réverie (Schumann) — Serenata em mi maior op 20 (Elgar); 21 e 15: Tempo literário; 21 e 45: Recital de piano, por Florinda Santos — Sonata em lá maior op. 101 (Beethoven); 22 e 15: O gosto pela musica, pelo dr João de Freitas Branco; 22 e 45: Uma abertura de Mendelssohn — Lenda da Fada Melusina, pela Orquestra da Ópera Estadual de Viena, dirigida por Felix Prohaska; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Uma orquestra; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á tarde; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novos de alegria; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Leitura; 21 e 25: Musica para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O santo; 22 e 15 Momentos de melodia; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 05: Luz e verdade; 23 e 18: Clube da Juventude.

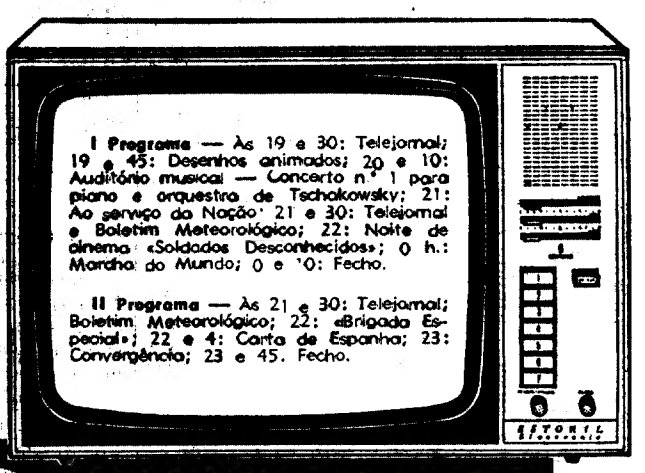
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Brasil; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: O conjunto Água Viva; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Dos 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17. **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31/MARÇO/71

TV dia a dia

HOJE PODE VER..



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º Período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série; 13 e 45: Telejornal; 14: Documentário; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Fecho. *2.º Período:* Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Segredos da vida animal; 20 e 15: Vamos jogar no Totobola; 20 e 25: Fados; 20 e 35: Ao serviço da Nação; 21: Imagens da poesia europeia; 21 e 30: Telejornal; 22: Comunicação do senhor ministro da Educação Nacional, Prof. Dr. Veiga Simão, sobre a Reforma do Ensino; 22 e 25: Série dramática — «Centro Médico»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Meditação e Fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal 22: Curto-Circuito (no I Programa em 14-12-70); 23 e 50: Fecho.

Retomados os trabalhos da Assembleia Nacional

No recomeço dos trabalhos da Assembleia Nacional, após as férias do Natal e Ano Novo, apenas dois deputados se inscreveram para usar da palavra, esta tarde, em S. Bento, no período antes da ordem do dia.

Os dois deputados, Amílcar Magalhães e Leal de Oliveira, escolheram para temas dos seus discursos, respectivamente «Opções da política socio-económica» e «Cadastro geométrico do Algarve».

Na ordem do dia, figurou a discussão do projecto de lei, do deputado Camilo de Mendonça, relativo á designação, pelas respectivas corporações, dos vogais que fazem parte dos organismos de coordenação económica em representação das actividades por eles coordenadas.

Homenagem ao prof eng. António de Sousa da Câmara

Em cerimónia a que presidirá o secretário de Estado da Agricultura, eng.º Vasco Leónidas, o prof eng.º António Pereira de Sousa da Camara será homenageado amanhã, às 11 horas na Estação Agronómica Nacional.

O elogio do homenageado será feito pelo director da Estação, prof. eng.º Vitória Pires. No final falará o eng.º Vasco Leónidas.

JULGAMENTO NO PLENÁRIO

Dezoito empregados da Carris começaram a ser julgados, esta tarde, sob a acusação de terem abandonado o trabalho, na estação das Amoreiras, durante duas horas, no dia 17 de Julho do ano findo.

Perante o Plenário Criminal da Boa Hora, presidido pelo sr. desembargador Fernando Morgado Florindo, comparecem os srs. Armando Bernardino Ochoa Mendes, de 42 anos de Lisboa; Armando Arede da Silva, de 35, de Oliveira de Frandes; Márcio Jose Pimentel, de 47, de Lisboa· Argentino Rafael Ramos, de 44 de Lisboa; António Brás de 47, de Bobadela(Oliveira do Hospital); António José Jacinto, de 46, de Lisboa; Jorge Augusto Baptista da mesma idade, de Lisboa; Guilherme Ferreira, de 55, de Lisboa; Basílio Guerra Sales de 45, de Lisboa· Armando Gonçalves Granadeiro de 46, de Alvega (Abrantes); António da Silva Barros, de 45 de Cabanas de Viriato (Carregal do Sal); Joaquim Esteves de Almeida, de 50, do Lavradio (Barreiro); João da Silva Teixeira, da mesma idade de Lisboa; Joaquim Oliveira da Fonseca, de 43, de Lisboa; José Martins Duarte, de 46, de Lisboa; João Antunes, de 62, natural de Lavos (Figueira da Foz); José Farinha de 47, de Lisboa e Eduardo Ferreira de Araujo, de 44, de Queluz.

A tribuna do Ministério Público é ocupada pelo sr. dr. Costa Saraiva, ajudante do procurador da Republica.

O despacho de pronúncia afirma que os acusados, alguns deles operários chefes de diversas especialidades, suspenderam o trabalho, no referido dia, durante uma hora, da manhã e outra hora, á tarde.

Segundo o acusador público, os réus praticaram um «crime continuado» previsto e punido pelo corpo do artigo nº 170 do Código Penal, sendo ainda aplicável o preceituado do § 3.º do artigo 170.º e no corpo do artigo 175.º do citado Código.

Os acusados encontram-se caucionados tendo aguardado julgamento em liberdade. Neste pleito figuram 10 declarantes, 6 testemunhas de acusação e 135 de defesa. Os advogados constituídos são os srs drs. Rocha Sotto, Gabriel Jorge Almeida Ribeiro, Francisco Marcelo Curto, Victor Wengórovius e Mário Reis.

FOGO NA BOA-HORA

O incêndio ocorrido ontem quase ao princípio da noite no Tribunal da Boa Hora não impediu — ao contrário do que chegou a ser anunciado — que se iniciasse hoje à tarde, no Plenário, o julgamento dos 18 funcionários da Carris, acusados de actividades subversivas.

Esta informação foi-nos prestada por um dos assessores.

O fogo, cujas causas ainda se desconhecem principiou no vão da escada de acesso à sala de audiências do Plenário, ao arquivo do mesmo Tribunal e ao gabinete do respectivo desembargador. Arderam parte do madeiramento da escada e alguns moveis. O incêndio não teve maiores proporções devido à rápida intervenção dos bombeiros.

Nova regulamentação sobre o transporte marítimo de combustíveis líquidos

A Sociedade Portuguesa de Navios-Tanques Lda. (Soponata), continua a ser responsável «pela exploração de todos os navios-tanques portugueses utilizados no transporte de longo curso de produtos petrolíferos a granel, destinado á Metrópole ou desta provenientes ou transportados entre as diversas parcelas do território nacional», segundo um despacho do ministro da Marinha, agora enviado para o «Diário do Governo». De acordo com o mesmo despacho, a referida exclusividade manter-se-á apenas enquanto aquela empresa «*der garantias de assegurar a existência de uma frota de navios-tanques nacionais capaz de satisfazer as responsabilidades que lhe vão a ser atribuídas e mesmo concorrer no mercado internacional*» e «*manter uma constituição adequadamente representativa dos diversos interesses envolvidos nomeadamente no que se refere ao sector da distribuição de combustíveis líquidos.*»

O despacho dispõe ainda que o transporte entre portos do continente de produtos petrolíferos processados ou a processar nas refinarias de que a Sacor é concessionária poderá ser feito em navios-tanques da Sacor Marítima, Lda. conforme foi já estabelecido em 1959. Acrescenta-se, no entanto, que «*poderá vir a ser autorizada a constituição de outras empresas destinadas ao transporte costeiro, em navios próprios, de combustíveis líquidos, se for reconhecida a sua necessidade e a Soponata não se dispuser ou não estiver em condições de em prazo compatível, se encarregar desse transporte, de forma adequada.*»

Como princípio geral, só será autorizado o afretamento de navios estrangeiros para transporte de combustíveis líquidos, desde que não seja possível o afretamento de navios nacionais.

Foram entregues os Prémios João Pereira da Rosa

Foram ontem entregues, pela 4.ª vez consecutiva, os Prémios João Pereira da Rosa instituídos por «O Século». A entrega fez-se durante a festa de confraternização a que presidiu o dr. Guilherme Pereira da Rosa, director daquele nosso prezado colega.

O dr. Guilherme Pereira da Rosa, que se encontrava ladeado pela sr.ª D. Angélica Pereira da Rosa e pelos administradores Joaquim Pavão e eng.º Francisco Eugénio Martins, bem como pelo chefe da Redacção, Redondo Junior, pronunciou algumas palavras para fazer o balanço das actividades do jornal durante o ano findo e anunciar importantes iniciativas. Seguidamente, entregou o Prémio de Reportagem, no valor de 40 000$00, á equipa que fez a cobertura da morte e do funeral do Presidente Salazar, composta pelos jornalistas Manuel Figueira, dr. Frederico Alves, José Mensurado, Augusto Fraga, Ruben de Carvalho, Luís Rosa Duarte, João Corregedor, Carreira Bom, José Gutierrez, José Salsa e Sérgio Acursio; e o Prémio Reportagem Fotográfica foi entregue á equipa que fez a cobertura do mesmo acontecimento de que faziam parte os profissionais: Fernando Batão, Manuel Fonseca, Julio Marques e Francisco Ferreira. O valor do prémio era de 15 000$00.

Foram ainda atribuídos Prémios de Dedicação ao chefe da Redacção, Redondo Junior, e ao chefe da Secretaria, João Afonso, que presta serviços na empresa há mais de 53 anos.

Em nome dos premiados, usaram da palavra para agradecer, o chefe da Redacção adjunto, Manuel Figueira, e o chefe da Redacção, Redondo Junior.

GRUMETE ABSOLVIDO

No Tribunal de Marinha, sob a presidência do sr. comandante Rui Ferreira Malarinho Carmo, e sendo juiz-auditor o sr. dr. Francisco Nunes Correia, prestou contas á justiça o marinheiro José João Viola, de 25 anos, natural de Coruche, incriminado como autor de um crime praticado, segundo a queixosa, em circunstancias recambolescas e até certo ponto, cómicas.

O réu namorou uma conterranea que pretendia á viva força casar com ele e não com outro indivíduo que também namorara. O grumete chorava, barafustava, preferindo sujeitar-se á justiça do que consorciar-se com suposta ofendida. A rapariga atribuía o acto considerado delituoso quando ela estava no Verão daquele ano a trabalhar com os pais no Alentejo, e o Viola, como se verificou, permanecia em Coruche.

O tribunal, discutida a causa, julgou a acusação improcedente e não provada dado que o acto que a ofendida atribuía ao réu já havia sido consumado antes de 12 de Abril de 1965. Por estes factos, o réu foi absolvido

BOM APETITE

CERVEJARIA E RESTAURANTE
R. do Salitre, 9
(Junto ao Parque Mayer)
Aberto até ás 3,30 h.
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AR CONDICIONADO

restaurante ribeiro
LISBOA
Restauradores
Trav. St.º Antão. 21
PREMIO DO S. N. I.

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 5 anos)

SOLAR DO MINHO
Rua d. Vigário, 60 — Alfama
(St.º Estêvão) — Tel. 866811
COZINHA MINHOTA
ALMOÇOS e JANTARES
cada dose 20$00

VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«PORTO» a sair em 10 de Janeiro — Com escala prévia por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega até 5 de Janeiro.

«UIGE» a sair em 11 de Janeiro às 16 horas — Com escala por Las Palmas para: CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega de 5 a 8 de Janeiro.

«LUGELA» a sair em 12 de Janeiro — Com escala por Leixões para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário).

«INF. D. HENRIQUE» a sair em 22 de Janeiro às 12 horas — Com escala por Funchal para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 17 a 20 de Janeiro.

«IMPÉRIO» a sair em 22 de Janeiro às 16 horas — Com escala prévia por Leixões, para LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega de 14 a 16 de Janeiro.

LINHA DA AMERICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 15 de Fevereiro às 18 horas — Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

PRÉDIOS COMPRAM-SE
SÓ TRATAMOS COM O PRÓPRIO.
RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 678

A CÂMARA ESTÁ A ESTUDAR ORÇAMENTOS PARA OBRAS COERCIVAS A EXECUTAR EM MIL PRÉDIOS DE LISBOA

—revelou o eng. Teles Marques, director dos Serviços de Edificações Urbanas

«A Câmara poderia tomar conta de todos os prédios da cidade», diz-nos o eng.º Teles Marques

Orçamentos para reparações a efectuar coercivamente pela Câmara Municipal em mais de mil prédios de Lisboa estão a ser elaborados pelos serviços competentes do Município — afirmou-nos o director dos Serviços de Edificações Urbanas, eng.º Teles Marques.

De acordo com a lei, a Camara pode tomar posse de um prédio para o efeito de nele mandar executar obras urgentes, recebendo dos proprietários o reembolso das despesas efectuadas.

Um caso em que a Camara tomou essa atitude foi o do já célebre prédio da Avenida 28 de Maio, ao Campo Grande, duramente atingido pelo terramoto de Fevereiro de 1969: o Município tomou posse do edifício, orçamentou o custo da obra em cerca de mil contos e submeteu a concurso o respectivo projecto. Apareceram apenas dois concorrentes, tendo a Camara optado pelo que lhe pareceu melhor. Segundo nos foi revelado pelo eng. Teles Marques, as obras deverão começar brevemente.

«*A Camara poderia tomar posse de todos os prédios da cidade — mas de que serviria isso, se, depois, não haveria mão-de-obra para executar os trabalhos necessários?*» — comentou o eng. Teles Marques.

A propósito do caso, que há semanas referimos, do prédio da Avenida Miguel Bombarda — onde 10 famílias aguardam, há dois anos, que o prédio «cresça» três andares, para, enfim, viverem descansados — disse-nos o eng. Teles Marques que o problema deverá evoluir, próximamente, a caminho duma solução.

«*Pelo menos, foi-me prometido que até ao fim do mês estaria pronto o novo projecto das obras*» — disse.

Ainda o caso do prédio da Av. Miguel Bombarda

Recentemente, conforme noticiámos, os inquilinos do prédio da Avenida Miguel Bombarda enviaram ao presidente da Camara uma exposição conjunta em que solicitavam medidas tendentes a acabar com a situação em que há muito vivem.

Em resposta, a Camara, em ofício assinado pelo eng. Teles Marques, informou que a obra solicitada (ampliação de três andares) fora licenciada em 27 de Setembro de 1968, tendo-se tomado em conta «*que ela havia sido participada a todos os inquilinos pela proprietária, de harmonia com o edital em vigor, sem que aparecessem, então, objecções*».

O ofício acentua que «*ao ter-se conhecimento de que os trabalhos não decorriam com os cuidados requeridos por obras desta natureza, recomendaram os Serviços de Fiscalização que os mesmos fossem conduzidos de forma a causar o mínimo de incómodos aos inquilinos*». No entanto, a carta lembra que «*nem todos os inquilinos facultaram o acesso ás arrecadações, não permitindo um ritmo normal das obras que, já pela sua natureza, seriam, naturalmente, morosas*».

Ainda segundo o mesmo documento, a certa altura, o técnico responsável solicitou a baixa da sua responsabilidade, «*o que originou a paralisação da obra*». Surgiu outro projecto, orientado por outro técnico, mas, em Setembro, verificando-se que aquele não estava a ser cumprido, de novo foram as obras interrompidas. Nessa altura, a Camara convocou o técnico «*para junção do projecto de alterações, determinando-se-lhe, ainda, que mandasse proceder á reparação das canalizações eléctricas que se encontravam á vista*».

Este era um dos problemas mais postos em evidência na exposição dos inquilinos; segundo nos disse o eng. Teles Marques, a situação está presentemente muito melhorada.

Maior rigor na fiscalização

A carta em referência terminava afirmando que se aguarda a solução do problema para breve, «*com o que terá de encarar-se a actuação coerciva desta Camara*». No dia 21 de Dezembro, ás 15 horas, a proprietária do prédio, os inquilinos e o técnico responsável pela obra, estiveram reunidos no gabinete do eng. Teles Marques, tendo ficado acordado que a obra deverá prosseguir rápidamente, logo que seja apresentado novo projecto — até ao fim do mês.

Há poucos meses, ao serem demolidos pela Camara dois andares clandestinos num prédio a R. do Oival, foi essa atitue interpretada como o início de uma nova atitude das autoridades municipais no que diz respeito a obras não autorizadas. Até certo ponto, foi uma surpresa, pois muito boa gente fora levada a pensar que com o pagamento de uma multa cessaria a clandestinidade da obra...

Interrogado a este respeito, o eng. Teles Marques confirmou que, efectivamente, o actual presidente da Camara, eng. Santos e Castro, havia determinado «maior rigor» na actuação dos serviços. No entanto, o director dos serviços de Edificações Urbanas referiu a exiguidade do quadro de 80 técnicos de que dispõe para o efeito, e disse esperar que a próxima reforma dos serviços da Camara possa permitir melhoria de condições.

Só em 1969, foram entregues naquela direcção de serviços, 43 137 processos (com projectos), 27 542 petições e 6901 pedidos de vistoria, tendo sido movimentados 9852 ofícios, o que parece suficiente para atestar a importancia do sector

CONCERTOS DA BANDA DA G.N.R.

Como em anos anteriores e por iniciativa da F. N. A. T. em colaboração com o Comando-Geral, a Banda de Musica da G. N. R., dirigida pelo capitão Silva Dionísio, está a realizar mais uma série de concertos no Teatro da Trindade. O segundo concerto, que se efectua domingo, ás 11 horas, inclui obras de Rossini, Mozart, Sorozabal, Ferrer Trindade e Morton Gould.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

ADEGA MESQUITA
cantam: Odete Mendes, Maria Amélia Proença, Fernanda Pinto, Alcindo de Carvalho e Francisco Martinho. Tocam: Jaime Santos e António Proença ✲ **Rua «Diário de Notícias» 107 ✲ Telefone 328307.**

PARREIRINHA DE ALFAMA
cantam: Argentina Santos, Júlio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Fiora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição Tocam: Manuel Martins e Miguel Ramos ✲ **Consumo mínimo 50$00 ✲ Beco do Espírito Santo 1 ✲ Telef. 868209.**

TAVERNA DO EMBUÇADO
elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Melo-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816**

MÁRCIA CONDESSA
cantam: Teresa Nunes, Norberto, Martinho, Fernando Manuel e António Reis Artistas convidados: Candido da Conceição, Julieta Maria e Aurora Sobral Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria, 58 ✲ Tel. 367093 ✲ Encerra á segunda-feira**

SOLAR DO MINHO
Cozinha minhota. Todos os dias almoços e jantares ✲ Dose: 20$00 ✲ Rua do Vigário, 60 ✲ Telefone 866811.

FOLCLORE
elenco: Armindo Vidal: Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro Marina Rosa, América Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino, Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telef. 35007 - 323406 ✲ Encerra ao domingo.**

TIMPANAS
cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz Tocam: Pedro Caldeira Cabra. e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **✲ Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola 24 ✲ Telefones 676655-672431.**

A SEVERA
cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarela de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 384006 ✲ Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM
cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zília Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada**

LUSO
elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinho (guitarra) e Jorge Barrados (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Telefones: 362889-328503**

VIELA
cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria Tocam: Torquato Lopes e José Inácio ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. das Taipas, 14 ✲ Tel. 327256**

A KAVERNA
cantam: Celeste Maria, Dino Santos, Renato Mota Tocam: Armandino Maia e José Mario Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus 37 ✲ Telef. 35593**

LAR PORTUGUÊS
cantam: José Borges, Dino Cardoso, Armando Miranda Folclore pelo Conjunto Típico ddo «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00 R. da Barroca, 133 ✲ Telefs. 36960 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras**

SOLAR DA MADRAGOA
cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 30$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo**

ADEGA MACHADO
cantam: Esmeralda Amoedo Ivete Pessoa, Nozaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arcutos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

O ARABITA DE ALFAMA
cantam: Leonor Macedo, João Cabral, Rossana Lima. Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreira ✲ **Encerra aos domingos ✲ Rua da Adiça 9 ✲ Telef 86345**

O FORCADO
cantam: António Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa 219 ✲ Telef 368579**

GUITARRA DE ALFAMA
cantam: Vitorino dos Santos, Tucha, Mascarenhas e José Manuel Osório Tocam António Bessa e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo ✲ Cons. mín. 35$00 ✲ Largo do Peneireiro 7 (Alfama) ✲ Telefone 868505**

BALEEIRA
cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva ✲ **Encerra ás segundas-feiras ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✲ Telef. 213259**

O CASTIÇO
Rua Gilberto Rola, 67-1.º ✲ Alcântara ✲ Telf. 670463 ✲ canta: Silvio Pinto ✲ tocam: Jorge Canedo e Mário Cotrim

TABUINHAS
Restaurante típico ✲ Fados e guitarradas ✲ Beco Esconso, 7 (á Rua Visconde da Luz) ✲ Cascais ✲ Telef. 284060

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

GUITARRA DA MADRAGOA
Aberto todos os dias ✲ **Rua da Esperança, 174 ✲ Telef. 661915 ✲ Cons. mínimo 50$00**

A FURNA
Rua Ferreira Lapa, 38-D (á Av. Duque de Loulé) ✲ Telefones 534466-561949
Música gravada. Ceias até ás 3 horas. Encerrada aos Domingos.

JOCKEY-BAR
Rua Nova de S. Mamede, 82 ✲ Telef. 654648 ✲ Ar condicionado ✲ Aberto todos os dias das 18 e 30 ás 3,30

HIPOPPOTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Helder Reis ✲ Encerrada aos domingos

ARCHOTE-CLUB
Discos ✲ Rua D. Filipa de Vilhena.

NOCTURNO
Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ Telef. 370889 ✲ Poesia com Correia da Silva ✲ Encerra ás 3 e 30.

MAXIME
Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef 55366.**

GALERIA REAL
Estrada de São Pedro ✲ SINTRA Encerra á meia-noite ✲ Telef. 981661 ✲ Ultimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

SANZALA
Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 770172 ✲ Encerra ás 3.30.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR-
Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

BARBARELA
Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas

SNOB
Rua de «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TAGIDE
Variedades. Conjunto Zé Pedro ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo**

TAMILA
Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Telef. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

ADAGGIO
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo reportório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Rua Carlos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL
Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - -264526-264596-264621-264946.**

FORTE VELHO
Paço ✲ S. João de Estoril ✲ Telef 261337.

CURTO-CIRCUITO
Rua dos Correeiros, 216 ✲ Telef. 363572 ✲ Aberto das 18 ás 3.30.

OURIVESARIA EM GONDOMAR — 1

DE CINZELADORES A BATE-CHAPAS

É no norte que fundamentalmente se concentra a indústria de ourivesaria. Na área da contrastaria do Porto, abarcando os distritos de Coimbra para cima, existem 484 oficinas de ourives no concelho de Gondomar, registadas no grémio, 319 no Porto e 97 espalhadas pela restante área. A par delas um sem número de outras existem, senão à margem da lei, pelo menos ao dispor dos «grandes». A par delas também as mulheres que trabalham ao domicílio. Filigraneiras e não só.

Depois, o problema do imposto de transacções, a concorrência internacional, com a Itália ao ataque, e a ausência de um ensino eficaz. É a tradição a mestra da arte. A tradição e a família que de pai para filho, de avô para neto a arte se vai herdando.

Por isso, se começa a vislumbrar o desaparecimento de cinzeladores e a falta geral, também neste sector, de mão-de-obra especializada.

Por isso, estivémos em Gondomar á descoberta do ouro e das filigranas.

Reportagem de José A. Salvador

Gondomar compreende em todo o concelho uma população calculada em 150 mil habitantes, distribuída pelas suas onze freguesias. Estendendo-se quase totalmente a norte do Rio Douro, confina por este lado com os concelhos do Porto, Maia, Valongo, Paredes e Penafiel, e á sua freguesia a sul daquele rio (Lomba) tocam os de Castelo de Paiva, Arouca e Vila da Feira. A sul é também limitado pelo Rio Douro, ficando-lhe defronte o concelho de Vila Nova de Gaia. Se é verdade que significativa percentagem da sua população trabalha no Porto e zonas industriais limítrofes, não o é menos que outra se ocupa no próprio concelho. Ourivesaria e marcenaria são as actividades fundamentais onde a agricultura sofre dos sintomas críticos característicos do País.

A aplicação de tecnologia é reduzidíssima na ourivesaria portuguesa

Agora é um calvário

Enquanto em Gondomar se trabalha fundamentalmente em ouro, no Porto é a prata que ocupa idêntico lugar.

Em Valbom, freguesia daquele concelho, se encontra uma das mais importantes unidades de ourivesaria — «Rosas de Portugal». Fundada em 1890, ocupa hoje 120 operários, além de mobilizar o serviço ao domicílio de cerca de 50 filigraneiras. Foi com um dos responsáveis da empresa que tomámos conhecimento (rápido) da situação da ourivesaria nacional:

— *A ourivesaria em Portugal é artesanato, mas apesar disso (ou por isso) não temos de receber lições de ninguém. Todos os anos percorro feiras pela Europa e não vi nada que nos pudesse servir de lição.*

Característica primeira da ourivesaria portuguesa é mesmo a aplicação reduzida da tecnologia. «*A ourivesaria portuguesa no dia em que se mecanizasse perdia grande parte do seu valor*», declarar-nos-ia o presidente do Grémio dos Industriais de Ourivesaria do Norte.

Só uma oficina encontrámos com elevado índice de automatização, utilizando máquinas de fundição e injecção (que fazem obra), máquinas de fazer barbela (fios de ouro), e máquinas de lapidar, entre outras. Mas ainda nesta a mão-de-obra era bastante elevada em relação aos maquinismos. Assim se entende que os operários sejam sempre amplamente utilizados, não se observando neste sector (com tanta nitidez) os resultados da aplicação capitalista da tecnologia: mais máquinas para o mesmo ou menor número de trabalhadores.

Só o Banco de Portugal pode autorizar a importação do ouro

— *Há falta de mão-de-obra devido á emigração. Um cinzelador em França, por exemplo, ganha 800$00 em dez horas de trabalho. O primeiro experimentou e agora é um calvário... Além disso há cinzeladores que vão para bate-chapas por causa da diferença de salários. Se em 1920/40 existiam cerca de mil cinzeladores, hoje pouco mais de uma centena deles encontraremos. De bons cinzeladores, note-se!* — precisou o nosso primeiro interlocutor.

— Como obtêm o ouro? — perguntámos.

— *Vai-se ao Grémio que passa uma requisição para levantar a matéria-prima. Há um contingente para cada fabricante em função da marcação na Contrastaria. É esta a entidade oficial que legaliza os objectos de ouro. Foi criada, em tempos, a pedido dos ourives para garantir a qualidade dos objectos perante o público.*

O ouro legal português tem de apresentar um «toque» de 800 milésimos, isto é, em cada quilograma de ouro legal, 800 gramas são de ouro puro e o restante é o metal adicionado para se fazer a liga a trabalhar. É esta percentagem mínima que é garantida pela fiscalização da Contrastaria, pela qual se paga 3500$00 por quilo de ouro «marcado».

Saliente-se que, segundo informação recolhida junto do presidente do respectivo Grémio do Norte, sr. Ma-

(Continua na 12.ª página)

É de homens a quase totalidade do trabalho nas oficinas de ourivesaria

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos: Pagamos muito bem

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

A maneira cigana, este modelo adapta-se perfeitamente á moda max criação britânica patente no King's Road Club. A Primavera de 19 diferente da de 1970

O ESPELHO POLIÉDRICO

José Rodrigues Miguéis

«LEVANTA-TE E CAMINHA»

AINDA HOJE NÃO SEI DIZER qual fosse o programa e conteúdo ideológico do «Núcleo de Ressurgimento Nacional», nem por que meios ele contava levantar a Pátria, essa velha obsessão. Em longos debates de bem ano e meio, nunca nos foi possível arrancar uma clara definição de propósitos ao seu animador, o alferes miliciano G. S., orador infatigável que poda falar horas seguidas sem se fazer entender.

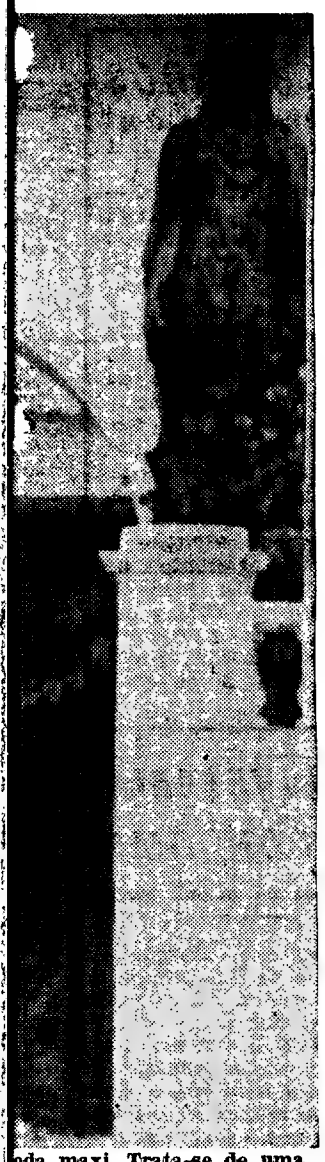
Ainda novo mas de idade indefinível, pálido, de olhos claros e inexpressivos, capaz de cordialidade e até de um riso algo forçado, estudante meticuloso (de Direito) e memorizador emérito de obras sobre os «milagres» da Vontade, era um destes homens em cuja intimidade e intenções não nos é possível penetrar, de tal modo eles se envolvem de fórmulas e rituais crípticos, reforçados pela intransigência das opiniões. Tinha servido em África, mas não sei que feitos por lá praticara: os nossos Lawrences-da-Arábia não chegam a exprimir-se, ou passam despercebidos a uma literatura de superficiais simplificações. Fora sidonista, como tantos que procuravam numa ordem abstracta, das ruas ou das almas, a solução de enigmas nem sequer formulados, e de vez em quando explodia em veementes tiradas de ressentimento contra os «democráticos», os açambarcadores, especuladores e novos-ricos, que para ele simbolizavam o «materialismo» dos tempos. Embora pobre, laborioso e inimigo de fidalguias, privilégios e preconceitos, aproximava-se da gente «bem», mas para a tratar com a rispidez dos preceptores plebeus em casa de ricos. São assim certas personagens do teatro de Tchekhov. Tinha, além disso, uma inabalável fé nas virtudes militares, capazes de resolver todos os problemas nacionais. Com os seus modos e hábitos estranhos, a oratória e o misticismo informe, este homem complexo, sincero e missionário, tornou-se alvo de troças. Mas que sabemos nós das formas larvares de ve-

sânia, entre nós tão comuns, das su
do que elas significam e escondem?
ríamos um pouco á cust- ele, m
rância e simpatia. Afinal, aquel
podia levar-nos muito long

O N. R. N. tinha de tude sobretu
na maioria republicanos (nenhum mo
fesso), um número impressionante de
res, alguns profissionais, empregado
dianos, ilhéus, e até naturistas (con
vel). Alguns transitaram depois pa
Liga da Mocidade Republicana, e
Garção e eu tivemos papel dirigen
«jovens» da «Seara Nova» (1921).
mocidade é curto mas denso de afec
des. Reagimos, sem dúvida, contra
desilusão, a intransigência, o merc
tempos; procurávamos um caminh
aonde ele levava; e, se fermentávam
fechada, isso era preferível a estar
do fracasso do sidonismo e das ter
quicas de 1919, só a «Seara Nova»
se por breve tempo, oferecer á mo
feita um novo rumo dentro das ins
atravessa porventura o mundo de
equivalente? Quanta esperança e qu

Podiam, pois, rir-se de nós os este
o apolitismo, que é quase sempre u
sinal contrário, só os levaria á desvi
isolamento. (O que não é dizer que
julgasse então, todos os homens o
ger-se por um só padrão de pens
duta: «politique d'abord» ou dem
vezes esterilizantes da criação e d
dor, que reclama certa m[illegible]a de
sempre paga em sofrimento.) Tudo
era anseio de novidade, renovo e m
escapes, passageiras seduções ou
dades, só o tempo o viria a dizer.

Promovíamos saraus e comemora
las, sociedades, ateneus, asilos e
piano, cantoria, e discursos em ba
pretextos nos serviam: o Dia de C
meiro de Dezembro, os Cemitério
(com a pitoresca palestra de Leal d
Viagens Aéreas, e não sei quanto
nais publicavam-nos todos os apelo
dos: «O Núcleo de Ressurgimento
move esta noite...» Andávamos pelo
Arcada a convidar ministros que iam
presidir ás nossas cerimónias (e a
como António Granjo), sem compre
que nós os motivos e finalidades de
oratória. Mas seria melhor estar cala



oda maxi. Trata-se de uma
ra de 1971 não será muito

, das suas causas ou
condem? Também nós
ele, mas com tole-
aquela retórica não

sobretudo estudantes,
lhum monárquico con-
hante de jovens milita-
pregados, poetas, in-
as (como era inevitá-
pois para a segunda
ana, em que Mayer
dirigente, e para os
(1921). O tempo da
de afectos e activida-
contra a confusão, a
o mercantilismo dos
caminho sem saber
entávamos em câmara
a estar morto. Depois
das tentativas monár-
Nova» viria em breve,
r á mocidade insatis-
das instituições. Não
do de hoje uma fase
ça e quanta desilusão!
os estetas do Chiado:
mpre uma política de

A»

á desvitalização e ao
izer que eu julgue, ou
mens obrigados a re-
e pensamento e con-
u demagogia, tantas
ão e do próprio cria-
a de solidão, quase
.) Tudo nesse tempo
vo e mudança: ópios,
es ou perenes reali-
dizer.

memorações em esco-
silos e teatros, com
em banda. Todos os
a de Camões, o Pri-
emitérios da Flandres
Leal da Câmara!), as
quanto mais. Os jor-
s apelos e comunica-
gimento Nacional pro-
os pelos gabinetes da
que iam pacientemente
s (e até aplaudir-nos,
compreender mais do
des de tão esforçada
tar calado?

J. R. M.

CONGRESSO DE ÍNDIOS NOS EUA

A MINORIA MAIS ISOLADA E MAIS POBRE

Por HANK BURCHARD

WASHINGTON — Ser um índio americano numa reserva é bastante mau, mas ser um índio na cidade é pior — foi comunicado á Casa Branca, a semana passada.

Cerca de 200 representantes de índios urbanos da América do Norte, reunidos perto de Washington, disseram que

(Continua na 12.ª página)

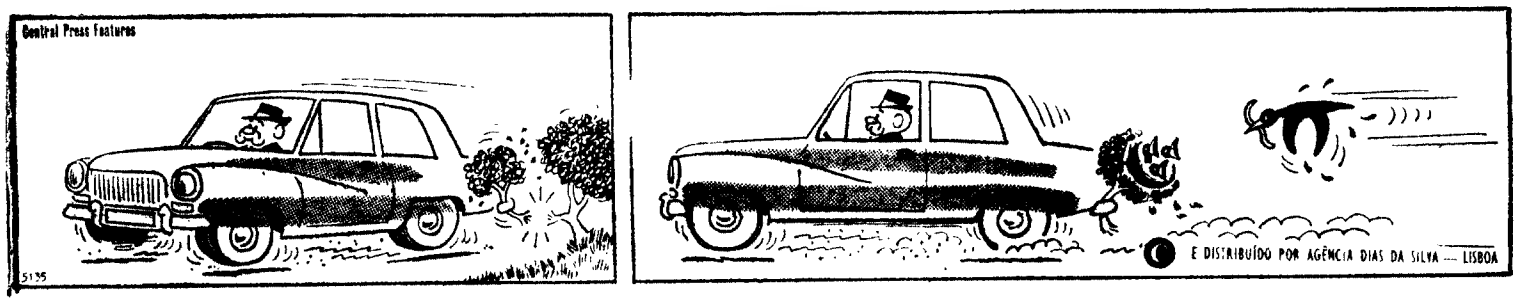
ENTRE
NA VIDA
COM O
PÉ DIREITO!

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 5 de Janeiro de 1941 publicava:

«WASHINGTON, 5 — O presidente Roosevelt promulgou uma ordem executiva decretando «o estado de emergência extraordinária.»

«Em virtude desta ordem é suspenso o regime das 8 horas de trabalho para o operário empregado pelo Governo no serviço das bases militares e navais nos locais arrendados á Grã-Bretanha. Tendo em atenção a pressão existente na adopção das medidas tendentes á defesa nacional ela exige a construção dessas bases com toda a celeridade.»

OURIVESARIA EM GONDOMAR

(Continua na página central)

nuel Ferreira Marques, a marcação na Contrastaria do Porto regula á volta de uma tonelada por mês, além de que sendo o Grémio quem procede «*á distribuição do ouro pela indústria, a partir de Maio último, só o Banco de Portugal pode autorizar a importação do mesmo. Quanto ao regime de importação da prata é semelhante ao de qualquer outra mercadoria*».

A SEGUIR: *O IMPOSTO SUPERIOR À MÃO-DE-OBRA*

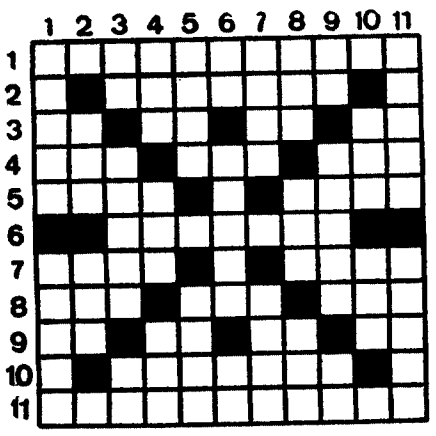
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO

PROBLEMA Nº 5765

HORIZONTAIS: 1 — Repetiriam. 2 — Artigo definido. Guarnecerio de ameias. 3 — Apelido. Sufixo que designa estado. Aqui. Manuscrito (abrev.). 4 — óxido de cálcio. Guarneço de asas. Saudáveis. 5 — Grande afeição. Implora. 6 — Furtara. 7 — Cobertura. Artigo definido. Cupido. 8 — Nome de mulher. Bondosa. Mau cheiro. 9 — O lado do vento. Érbio (s. q.) Vi. Viração. 10 — Simpatia. 11 — Leiloaram.

VERTICAIS: 1 — Larva do escaravelho. Piso. 2 — Medida de líquidos da Holanda. Espaço de doze meses. 3 — Oferece. Grosseiro. Atmosfera. 4 — O mesmo que ombro ou espádua. Rate. Nome de letra. 5 — Rádio (s. q.). Grande sábio. Letra árabe. 7 — Qualquer porção de uma curva. Cidade da Numídia (Inv.º). 8 — Braço de mar. O vencimento diário de um soldado. Passada. 9 — Seguia. Messe. Érbio (s. q.) 10 — Madeira. Vazia. 11 — Ceifa. Curam.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5764

HORIZONTAIS: 1 — Ataca. Tirino. 2 — Romancearam. 3 — Sôr. O. Eró. 4 — Raspara. 5 — És. Iam. To. 6 — Selim. Ordem. 7 — Cu. Aar. Mi. 8 — Tiracais. 9 — Deã. Rol. 10 — Desprevinem. 11 — Áreas. Asais.

VERTICAIS: 1 — Ar. Mesca. Dá. 2 — Tos. Seu. Der. 3 — AMOR. Tese. 4 — Cora. Rapa. 5 — An. Simão. Rs. 6 — Copa. Acue. 7 — Te. Amora. Va. 8 — Raer. Iris. 9 — Irra. Sena. 10 — NÃO TEM LEI. 11 — Am. Pamir. Ms.

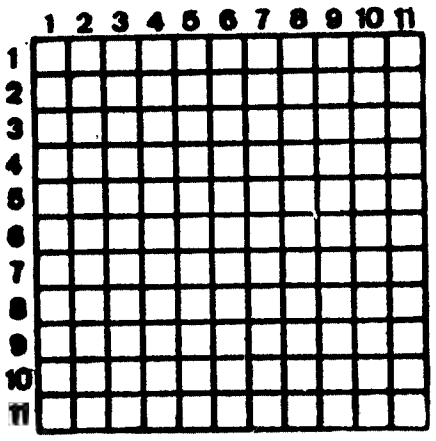
Provérbio: O AMOR NÃO TEM LEI.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9608

HORIZONTAIS: 1 — Correnteza. Dá massagens a. 2 — Tornaremos tépido. 3 — Arara. Chefe etíope. 4 — Ruínas. 5 — Nesse lugar. Época. Pedra de moinho. 6 — Bote. Cidade do Brasil. 7 — O sono das crianças. Peneira em furos (Bras). Samário (s. q.). 8 — Afastaram. 9 — Nome de mulher. Víscera. 10 — Fariamos operação. 11 — Curas. Planta vivaz e medicinal.

VERTICAIS: 1 — Nota musical. Faina. Artigo definido. 2 — Magnete natural. O mesmo que ion. Marisco de Cabo Verde e do Senegal. 3 — Género de gorgulhos tropicais. Engenheiro francês que instalou em Paris a primeira rede telefónica. 4 — Doutoras. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. 5 — Prefixo de privação. Carimbar. Arsénio (s. q.). 6 — Estimar. Dar pios. 7 — Atmosfera. Condenar. Seguia. 8 — Simples. Lavras. 9 — Gostas muito de. Representa por gestos. 10 — Uma das Espórades. Conjunção. Maior. 11 — Campeão. Caule do junco e da junça. Livros de poesias de António Nobre.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9607

HORIZONAIS: 1 — Camboja. Mor. 2 — Ruias. Paira. 3 — Irar. urras. 4 — Ser. Corarin. 5 — Tá. Remavas. 6 — Cur. Ras. 7 — Traças. Aa. 8 — Provada. Amm. 9 — Rimara. Acab. 10 — Acama. Adeça. 11 — Uai! Mediras.

VERTICAIS: 1 — Crista. Prau. 2 — Aurea. Tirica. 3 — Miar. Cromais. 4 — Bar. Ruavam. 5 — Os. Cercaram. 6 — Tom. Ado. 7 — Apurania. Ad. 8 — Aravas. Adi. 9 — Mirras. Açar. 10 — Orais. Araca. 11 — Rasa. Combas.

CONGRESSO DE ÍNDIOS

(Continuação da pág. central)

as leis correntes e a política lhes oferecem estas duas escolhas:

— Poder viver nas reservas, onde são oprimidos pelo Governo.

— Poder procurar as cidades, onde são abandonados pelo Governo.

A descrição da situação dos habitantes originais da América emergiu, desta forma, duma conferência de três dias patrocinada pelo Conselho Nacional para uma Oportunidade aos Índios e pelo Departamento Económico do Governo, o organismo que combate a miséria nos E. U. A.

O conselho é composto por oito representantes índios e oito funcionários governamentais, entre os quais o vice-presidente Spiro Agnew, que preside.

O presidente Nixon disse, num discurso ao Congresso, no Verão passado, que «os primeiros americanos — os índios — são a minoria isolada mais privada e depauperada da nossa Nação. Virtualmente, em todas as escalas sociais — emprego, rendimento, educação, saúde — a condição do povo índio está no mais baixo índice».

Robert Robertson, secretário executivo do conselho índio, disse que isto é especialmente verdade em relação aos índios que vivem nas cidades. «Não temos sido capazes de encontrar a solução para os problemas dos índios que habitam nas cidades, porque estes têm abertamente tendências para se perder em qualquer programa destinado a ajudar as minorias», afirmou.

Uma indicação do estado de abandono e das tendências dos índios é que o próprio Governo não sabe quantos existem actualmente. No censo de 1970, pela primeira vez, a população índia está a ser contada, mas os numeros definitivos não são ainda conhecidos. A ultima estimativa calcula que há cerca de um milhão de índios, dos quais talvez 600 mil não vivam em reservas.

Enquanto a maior parte dos delegados índios á conferência exprimiram considerável cepticismo acerca de mudanças básicas do Governo no que respeita a beneficiar índios, alguns outros parecem sentir que estiveram a perder tempo.

A unidade de objectivos era evidente. Houve muita discussão acerca de propostas, mas os votos, quando finalmente contados, mostraram unanimidade total.

Ficou também evidente que os marcos da história dos índios da América do Norte, tais como o massacre de «wounded knee» e o de Custer ainda permanecem vivos na consciência dos índios.

Prósperos ou pobres, delicados ou militantes, vestindo fatos de negócio ou trajes tribais, todos eles aplaudiram Shanon Two Teathers (Shanon Duas Penas), da tribo Desoto, quando esta contou, com violência, a violação das terras índias e criticou ásperamente os «heróis» de dolmans azuis de «wounded knee», Nebraska, onde soldados da cavalaria massacraram algumas centenas de «sioux», em 1890.

Entre os seus poemas há um que reza assim:

«Primeiro vocês vieram e roubaram a [nossa terra
Pediram-nos para compreendermos
E disseram-nos que descansássemos
Faltaram á palavra e carregaram-nos [de impostos
Quem diabo são vocês para dizerem [que somos livres?
Branco é branco, não esqueças o reparo
Abaixo!, vocês são todos os mesmos!»

Manhã na praça

Hostilidade no Mercado do Bolhão

De passagem pelo Porto fomos, como em anos transactos, ao Mercado do Bolhão saber preços. Se não é de todo útil é, pelo menos, curioso fazer o confronto do custo de vida dos generos de primeira necessidade nas duas principais cidades do País.

Esperáva-nos, porém, logo á entrada, na secção de fruta, a desconfiança; mais adiante, na do peixe, a hostilidade. E só o lá longo «calo» na frequência de mercados nos deu alento para não desatarmos a correr portas fora do Mercado do Bolhão. O «calo» é a nossa raiz portuense, dura como o granito escuro das casas da Invicta.

As dificuldades na obtenção dos preços na secção da fruta repetiram-se na da hortaliça. «Saber preços para quê?» ou «não sei, sabe aquela senhora ao fundo, é melhor ir falar com ela». Evasivas, perguntas repetidas, respostas dadas por favor e tiradas a sacarrolhas. Não é grande no Bolhão a simpatia das vendedeiras pelos curiosos de preços sem intenção de comprar! E compreende-se. Nós compreendemos, pois conhecemos muito da rudeza franca da gente do norte. Só interessa o comprador. Os curiosos não devem empatar o pessoal

Corremos quase todas as bancas do peixe e com má ou boa vontade lá conseguimos obter os preços. Pelo menos a maior parte. Até que chegamos á banca da peixeira que tinha á venda camarão, tão grande como nunca víramos nos ultimos anos em qualquer dos mercados que visitámos.

Perguntámos primeiro o preço de um qualquer outro peixe. Registámos o que nos foi dito, secamente por certo, mas não estávamos a reparar nisso. Foi então que quisemos saber o preço dos camarões. Fizemos a pergunta. Repetimos a pergunta. Nada. Com um ar de absoluto desdém, a vendedeira dirigiu-se a um cliente acabado de chegar:

— Bom dia sr. Neves? Como está sr. Neves? Que deseja hoje sr. Neves?

Esperámos que pesasse a pescada pedida pelo sr. Neves, reduzidos á nossa significância de coisas em que não se repara.

Perguntámos novamente o preço do camarão e nada de resposta.

— A senhora não quer dizer-me o preço do camarão, pois não?

O olhar olímpico da vendedeira dignou-se por fim considerar-nos, descer até á nossa insignificancia:

— Quanto deseja?

Muito delicadamente explicámos que só queríamos saber preços, que não andávamos a comprar. A vendedeira negou-se a dar a informação. Perguntámos pela tabela; foi-nos indicada uma em que não estava registado o preço do camarão. Voltámos a perguntar o preço. Para não nos «aturar», a vendedeira retirou pura e simplesmente o caixote do camarão:

— Já está vendido!

Vendido sem preço, disse a peixeira ao fiscal que, por sua vez, lhe foi perguntar o preço do camarão.

Não compreendemos a hostilidade, a teimosia irracional para a não prestação de uma simples informação. Nem tão pouco a voz exaltada, «lá por serem lisboetas e por terem cultura julgam que nós por estarmos a vender peixe não temos cultura, etc.». Ou compreendemos, mas não nos deteremos aqui e agora na análise da vendedeira do Porto

Já fora do mercado (dirigimo-nos para a saída com passo comedido), ainda ouvimos os gritos de protesto da peixeira que não gosta dos lisboetas (nascemos no Porto) nem dá informações a quem não quer comprar.

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o molho das nabiças a 6$00; dos grelos, a 8$00; dos rabanetes, a 2$00; e dos brócolos, a 5$00, 15$00 e 25$00. O quilo da cebola estava a 2$50; do feijão verde, a 25$00; das cenouras, a 2$50; da batata, a 1$50; dos alhos, a 35$00; do tomate, a 20$00; da ervilha de grão, a 24$00; e do tomate, a 20$00. A lombarda vendia-se a 3$00; a alface de $50 a 1$50; a penca, de 2$00 a 5$00; e a couve-flor, a 8$00 o quilo

PEIXE

Os preços do peixe eram os seguintes: o quilo da pescada a 58$00, 60$00 e 70$00; dos ruivos, a 19$00; do goraz, a 30$00 e 33$00; das pulas, a 30$00, 32$00 e 35$00; do polvo, a 15$00; da roncadinha, a 18$00; da faneca, a 12$00 e 18$00; do linguado, a 40$00 50$00 e 60$00; do robalinho, a 20$00; da marmota negra, a 18$00; da solha, a 18$00; das enguias, a 40$00; das cavalas a 70$00; da raínha, a 35$00; das sardas, a 6$00; do tamboril, a 4$00; da ameijoa, a 38$00; do robalo, a 10$00; do berbigão, a 8$00; do camarão, a 160$00; do peixe-espada, a 19$00; do carapau, a 7$00; e cada sardinha vendia-se a 1$00.

FRUTAS

O quilo da romã estava a 8$00; da tangerina, a 9$00 e 10$00; do ananás, a 35$00; das bananas, a 11$70; das peras, a 15$60, 12$00, 11$70 e 9$00; da maçã reineta, a 13$60; das laranjas, a 10$40 e 7$50; do pêro encarnado, a 10$00 e 15$00; do pêro «golden», a 10$40 e 14$30; do pêro casanova, a 15$60; do pêro bravo de esmolfe, a 12$00; e das nozes, a 22$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos apresentava as seguintes tabelas: 15$50, 16$50 e 16$70.

O quilo do frango limpo estava a 26$00; da galinha, a 32$00; do coelho, a 34$00. Cada borracho custava 10$00

DONA DE CASA

DE ONTEM PARA HOJE

PESCA DE ARRASTO

Temos sido ultrapassados por muitos outros nas técnicas de pesca e os navios que outrora garantiam o abastecimento do País em pescado, esses velhos lugres, têm de ceder ás novas unidades. É a força da corrente da vida e sua evolução; e aqueles que a não tiverem em conta ficam para trás. Ao leme da Junta Nacional de Fomento das Pescas, o almirante Henrique Tenreiro, que de ha muitos anos tem sido o principal motor e orientador das pescas portuguesas, referiu-se ontem a necessidade de as modernas unidades de arrasto pela popa e áquelas outras que têm utilizado o sistema de captura com redes de emalhar, focando que entre 1969-70 se registaram carregamentos um pouco inferiores. Os pesqueiros têm empobrecido, facto que tem provocado sérias preocupações, lamentando que determinados acordos internacionais continuem a não ser respeitados. O almirante Tenreiro defendeu a concentração de algumas empresas, com o propósito de o armamento obter maiores possibilidades de defesa, fazendo, a propósito, algumas considerações sobre este assunto, dando como exemplo o que ja se esta a verificar na pesca da sardinha e, recentemente, no arrasto, afirmando que é preciso criar empresas fortes que saibam não só apetrechar-se, como também procurar apoios indispensáveis á exploração e comercialização dos seus produtos e subprodutos, a fim de se obter uma maior rentabilidade. Os problemas das pescas expô-los o almirante Henrique Tenreiro na reunião habitual com os capitães da frota da pesca de arrasto que, dentro de dias, largara para mais uma campanha.

PALÁCIO DE BELÉM

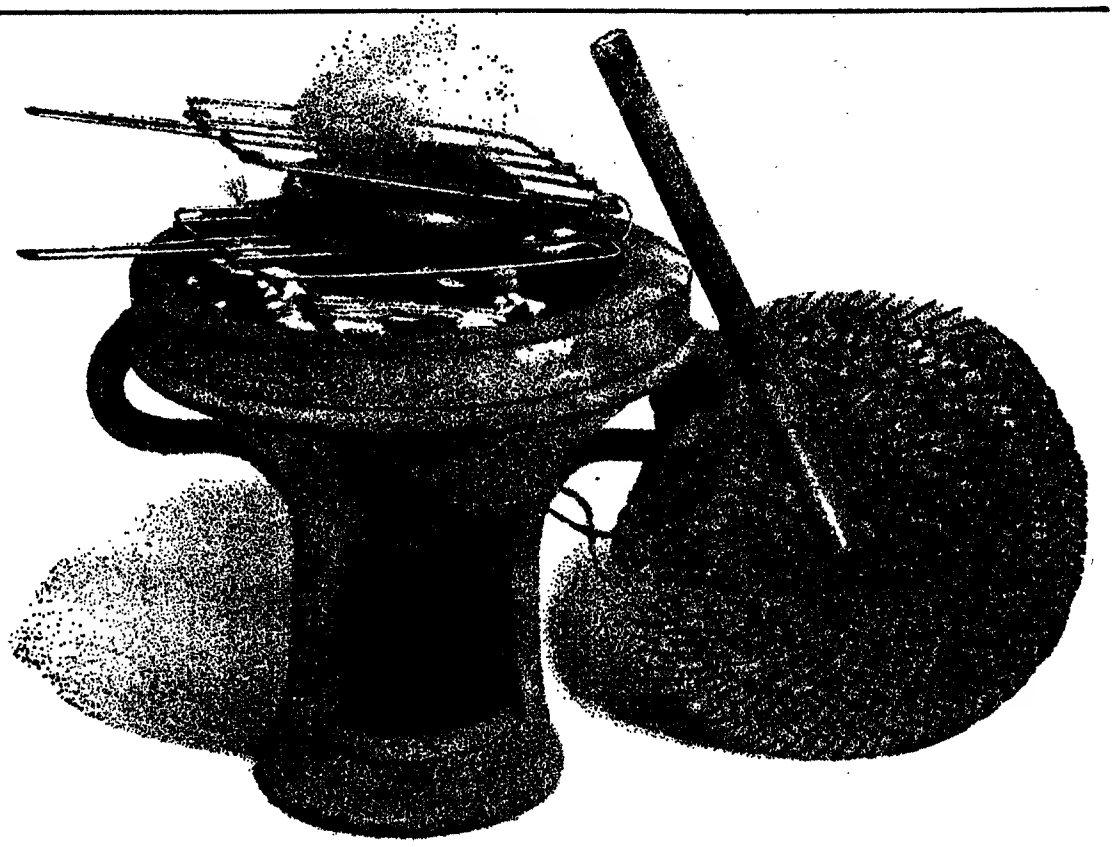
O sr. Presidente da Republica recebeu ontem em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o dr. Supico Pinto, presidente da Camara Corporativa; o eng.º Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura, com o eng.º José Alves, director-geral dos Serviços Florestais e Aquícolas; o contra-almirante Joaquim Teixeira, e o actor Joaquim Miranda.

HOSPITAL DE MARINHA

O ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo, foi ontem ao Hospital de Marinha, ali procedendo á inauguração das novas instalações destinadas á consulta externa dos familiares dos militares da Armada. Entraram elas imediatamente em funcionamento. Com o ministro estiveram diversos oficiais-generais e dirigentes do referido hospital.

CHOQUE DE MORTE

O pequeno Francisco Nicolau de Sousa, de 14 anos, trabalhava a bordo de um barco na doca de Olhão. Não se sabe bem como mas o facto é que um choque eléctrico o atirou para o lado. Pegaram nele e levaram-no ao hospital local, onde morreu pouco depois.



Gosta de chouriço assado?

o ami break vai buscá-lo ao melhor sítio

Claro que não vai sòzinho. V. terá que o conduzir até lá. Até ao tal sitio de onde é possivel trazer o chouriço mais gostoso, a melhor batata, o azeite mais saboroso ou aquele bom vinho da sua terra.

E lá vão estrada fora, V. e o seu AMI 8 BREAK.

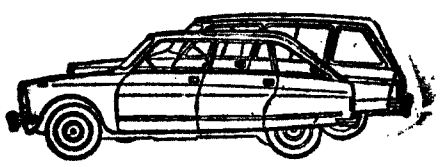
Quando voltarem a casa, o carro virá necessàriamente muito mais carregado. Mas isso é natural. Foi para isso que ele foi construido. Para transportar o que V. quiser para onde V. quiser e ainda para passear consigo pelo mundo (pelo seu mundo, se preferir), para o levar diàriamente ao local de trabalho e ... para lhe dar prazer.

É agradável conduzir um AMI 8. A sua direcção é suave, reduzindo ao mínimo o cansaço. Os comandos foram agrupados de forma a evitar movimentos supérfluos do condutor, a estabilidade, a aderência, a suspensão, a tracção à frente e tudo o mais que a Citroën tem para lhe oferecer, são a garantia de uma boa viagem, a média elevada, seja qual for o estado da estrada. 125 km/h, 6,5 litros à média de 80 km/h. Isto é o AMI 8.

A propósito: Gosta de chouriço assado?

GARANTIA SCD SEGURO DE CAPITAL DECRESCENTE

Berline ou Break



Também com janelas de descer.

ami 8

CITROËN

FLUMEN 011177

Actualidade internacional

NIXON: EXPANDIR A ECONOMIA E AMEAÇAS A HANÓI

WASHINGTON, 5 — (R.) — O presidente Nixon previu a noite passada que 1971 será «um bom ano e 1972 um ano muito bom».

Disse ainda numa entrevista televisionada que o propósito do seu Governo seria ter «uma política económica activista, destinada a controlar a inflação».

Declarou, ao mesmo tempo, que esperava «expandir a economia, de forma a que possamos reduzir o desemprego e ter o que o país não tem tido há 20 anos — uma situação em que possamos ter pleno emprego em tempo de paz sem o custo da guerra e da inflação excessiva».

Numa entrevista que concedeu a quatro correspondentes da Televisão, o presidente afirmou que não planeava pedir o «contrôle» de salários e dos preços, que muitos economistas têm sugerido deveriam ser adoptados.

Revelou, também, que tinha estudado propostas para directrizes quanto a salários e preços, mas decidira que elas não dariam bom resultado nesta altura.

Nixon disse, a seguir, que as realizações mais importantes nos «seus dois anos de mandato se registaram no campo da política externa. Afirmou esperar que o fim do papel de combate americano no Vietnam estivesse á vista e que os Estados Unidos conseguiram arranjar forma de sair do Vietnam de uma maneira que traria uma paz justa e edificaria os alicerces de uma geração de paz.

TRÊS TRAGÉDIAS

O presidente indicou, também, como grandes desapontamentos «as tragédias na Universidade do Estado de Kent, em Ohio, no liceu de Jackson, no Mississippi, e na Universidade de Wisconsin — nas quais morreram pessoas durante manifestações contra a guerra».

Na frente económica, o presidente declarou que «estamos a principiar a progredir realmente no combate á inflação».

O seu objectivo, acentuou, era expandir a economia e o orçamento, que deverá apresentar ao Congresso ainda este mês, seria expansionista, embora em «deficit».

NÃO HAVERÁ NOVOS IMPOSTOS

Nixon anunciou que não proporá novos impostos no orçamento de 1972.

Estudará novas propostas de impostos — incluindo um género de imposto sobre vendas nacionais denominado taxa de valor acrescentado. Contudo, prosseguiu, resolvera que, nem essa taxa nem uma reforma de impostos, seriam propostas realistas actualmente.

AMEAÇAS A HANÓI

O presidente tornou a avisar Hanói de que ordenaria novos bombardeamentos do Vietnam do Norte se aumentasse a infiltração para o Vietnam do Sul.

Nixon sugeriu que, além dos seus avisos públicos quanto a bombardeamentos, comunicará a sua intenção privadamente a Hanói.

Nixon declarou que se aumentasse a infiltração para o Sul, então as rotas de infiltração e outros alvos seriam atacados como o foram durante as missões de bombardeamento americanas em fins de Novembro.

AS INUNDAÇÕES NA MALÁSIA

DECRETADO O ESTADO DE DESASTRE NACIONAL

KUALA LUMPUR, 5 — (R.) — O primeiro-ministro da Federação da Malásia, Tun Abdul Razak, decretou, hoje, o estado de desastre nacional em toda a região ocidental da Malásia, em consequência das inundações, que já atingiram a capital.

Tun Razak deu ordens para a criação de um centro de comando de emergência, instalado no Parlamento, e a cargo do ministro Tan Sri Ghazali Shafie. O Parlamento está situado no alto de uma colina, e, portanto, ao abrigo das águas.

Calcula-se oficialmente que já morreram até hoje 29 pessoas, vítimas das chuvas torrenciais que continuam a cair na Malásia, e encontram-se sem alojamento cerca de

As baixas dos feddayin

TEL-AVIV, 5 — (F. P.) — Quatrocentos e setenta e dois «feddayin» e terroristas palestinianos foram mortos pelas forças israelitas durante o ano de 1970, anunciaram os porta-vozes militares israelitas.

Este balanço, que eleva o número de «feddayin» e terroristas mortos desde a guerra dos seis dias para 1828, foi feito segundo a contagem dos corpos encontrados no terreno após os recontros com as forças israelitas e nas notícias de luto publicadas na Imprensa árabe dos países vizinhos com a indicação «feddayin».

Este total reparte-se do seguinte modo:

— Na linha do cessar-fogo israelo-jordana: 1022 mortos.

— No planalto de Golan: 141.

— Na linha do cessar-fogo israelo-libanesa: 178.

— Nos territórios ocupados (Cisjordania e Gaza) e no interior de Israel: 224.

— Devido a bombardeamentos e operações de Israel para lá das suas fronteiras: 263.

Israel aumenta as despesas com a defesa

JERUSALÉM, 5 — (A. N. I.) — O ministro israelita das Finanças, Pinhas Sapir, declarou no Parlamento que Israel terá de aumentar as despesas com a defesa, no próximo ano fiscal, apesar das esperanças de uma próxima paz.

Sapir agradeceu aos Estados Unidos o crédito de 500 milhões de dólares (14 500 milhares de contos) concedido a Israel, como financiamento a compra de armas de fabrico norte-americano.

No seu discurso, Sapir acentuou que o «record» das receitas para 1971-72 atinge 13 20 milhões de libras israelitas (92,8 milhões de contos). A verba destinada á defesa representa 40 por cento do total das receitas.

«Tanto a fé na paz como a preparação para a guerra, nos guiaram nos princípios e objectivos da nossa política económica» — declarou Sapir, para acrescentar que «este orçamento garante a rápida preparação de guerra, o poder de dissuação e a possibilidade de conduzir negociações políticas de paz numa posição que não é de inferioridade militar.»

Greve dos ferroviários da região de Roma

ROMA, 5 — (F. P.) — Iniciaram uma greve das zero ás 21 horas de segunda-feira os empregados das estações, das instalações eléctricas ferroviárias e da vigilancia das vias férreas de Roma e sua região. Durante este período, os comboios provenientes do estrangeiro são desviados para outras estações da capital, não entrando na estação término.

Paralelamente, a Polícia de transito estará em greve todo o dia de terça-feira para obter aumento de vencimento.

NAVIOS PARADOS

Por outro lado, greves gratórias afectarão desde a meia-noite de 4 até 12 do corrente as empresas armadoras italianas, a fim de apoiar a renovação do contrato colectivo de trabalho dos assalariados. Todas as unidades das empresas armadoras privadas observarão uma greve de 24 horas antes de deixarem os portos italianos e estrangeiros. Os da «Finmare», do «Instituto para a Reconstrução Industrial», farão uma greve de 48 horas de aparelharem.

NAUFRAGOU UM PESQUEIRO JAPONÊS

KITAKYUXU (Japão), 5 — (A. N. I.) — No naufrágio de um barco de pesca, o «Royo Maru», de 185 toneladas, só foi recolhido um dos quinze homens que iam a bordo.

O barco anunciara pouco antes que ia mudar de rumo, devido ás rajadas pela proa, mas virou-se e afundou-se logo a seguir, a 42 milhas de Chegu, no Mar da China.

O único sobrevivente foi recolhido por outro barco de pesca. Era maquinista e contou que o barco se atravessara na vaga, e fora assaltado por uma grande onda, que o virou.

ASSALTO VIOLENTO EM FILADÉLFIA

FILADÉLFIA, 5 — (F. P.) — Meia dúzia de homens armados entraram ontem numa casa de móveis do sul de Filadélfia, mataram um empregado e feriram mais nove pessoas. De caminho, tentaram deitar fogo ao estabelecimento, mas este foi rápidamente dominado.

Segundo revelou a Polícia, os assaltantes amarraram 25 pessoas, clientes e empregados, meteram-nos num gabinete no fundo do armazém bateram-lhes á coronhada e aliviaram-nos do dinheiro que traziam com eles, roubaram o que encontraram nas caixas registadoras, dispararam muitos tiros de revólver e fugiram momentos antes da chegada da Polícia.

SISMO NO JAPÃO

NAGOYA (Japão), 5 — (A. N. I.) — Um abalo sísmico de força moderada foi sentido em todo o Japão — anuncia a agência de meterelogia — pelas 6 horas e 9 de hoje — 21 e 9 TMG de segunda-feira.

Não há notícias de vítimas nem de desastres, embora o sismo atingisse o grau quatro na escala japonesa de dez.

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

AVISO

CONSTRUÇÃO DE CASAS AO ABRIGO DA LEI N.º 2092 EM TERRENOS CAMARÁRIOS

LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER QUE: Conforme deliberação desta Câmara, ficaram abertas até ao fim do mês de Janeiro de 1971, as inscrições de beneficiários da Previdência, para ao abrigo da Lei n.º 2092, candidatarem-se á construção de habitação própria em terrenos camarários, na modalidade de propriedade horizontal.

As inscrições poderão ser efectuadas por escrito ou na Secretaria da Câmara Municipal em todos os dias úteis e nas horas normais de expediente.

Para uma melhor elucidação das pessoas interessadas, informa-se que os projectos e cadernos de encargos se encontram patentes na Secção de Arquitectura e Urbanismo da Câmara Municipal, sita na Rua Dr. Manuel Arriaga (antigo Registo Civil), onde os interessados poderão colher também outras informações de carácter técnico.

Chama-se, ainda, a atenção de todas as pessoas que se pretendem inscrever, para a conveniência de o fazerem o mais depressa possível, a fim de que as escrituras se possam efectuar imediatamente.

Vila Franca de Xira, 22 de Dezembro de 1970.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO

✝

ALBERTO ROPETTI

FALECEU

Maria Amélia Oliveira Ropetti, Pietro Mauro Oliveira Ropetti, Maria do Céu Oliveira Simões seu marido e filhos e mais família participam o falecimento do seu muito querido marido, pai, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã pelas 15 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para cemitério a determinar.

AGÊNCIA SALGADO
Telef. 48258

✝

ALBERTO ROPETTI

FALECEU

LOCANDA DO AVIZ CHIADO, LDA. participam a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu sócio-gerente e que o funeral se realiza amanhã pelas 15 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para cemitério a determinar.

AGÊNCIA SALGADO
Telef. 48258

✝

ALBERTO ROPETTI

FALECEU

OS EMPREGADOS DA LOCANDA AVIZ CHIADO, LDA participam o falecimento do seu gerente e que o funeral se realiza amanhã pelas 15 horas da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para cemitério a determinar.

AGÊNCIA SALGADO
Telef. 48258

✝

D. ISAURA MENDES DE ALMEIDA

FALECEU

José de Almeida e Silva, sua mulher e filha, Aurora de Almeida e Silva Matos, seu marido, Artur de Almeida e Silva, sua mulher, e restante família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida mãe, sogra, avó e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja de São João de Deus, para o cemitério do Lumiar. Pelas 9.15 horas, será celebrada Missa de Corpo Presente.

A. G. MAGNO, LDA.,
Av. Almirante Reis, 129-A
Telef. 51586

CHILE: LIBERTADOS 43 ESQUERDISTAS

SANTIAGO DO CHILE, 5 — (R.) — A nacionalização dos bancos do Chile entrou ontem em vigor ao mesmo tempo que o Governo do presidente marxista Salvador Allende perdoava a 43 jovens esquerdistas, já condenados ou aguardando julgamento por actividades subversivas.

Os individuos abrangidos pela amnistia eram membros do Movimento Revolucionário Esquerdista (M. I.R.) e de outros agrupamentos ultra-esquerdistas, presos quando o Governo cristão-democrata de Eduardo Frei estava no Poder. Muitos foram condenados por roubo e assalto à mão armada.

O perdão foi considerado como uma manobra destinada a apaziguar o M.I.R., que não é membro da coligação da Unidade Popular formada por comunistas, socialistas e outros grupos esquerdistas.

A nacionalização dos bancos do país começou com a colocação de inspectores em todos os bancos privados para se assegurarem operações normais durante a mudança.

No fim do mês passado o Governo ofereceu-se para comprar as acções de todos os bancos em 30 de Janeiro.

Se os accionistas dos bancos aceitarem a oferta governamental, isso podia eliminar a necessidade de uma lei de nacionalização — disseram círculos financeiros.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM A CHINA

Entretanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Lodomiro Almeyda, poderá anunciar hoje o estabelecimento de relações diplomáticas entre o Chile e a China, segundo afirmaram a noite passada fontes afectas ao palácio presidencial.

Disseram ainda que a notícia seria dada numa conferência de Imprensa convocada pelo ministro para hoje, ás 21 horas T.M.G.

O novo Governo do presidente Allende prometeu estabelecer relações com todos os países e, em Novembro passado, reatou as relações com Cuba e inaugurou elos comerciais com a Coreia do Norte.

NIXON: ACEITAMOS A DECISÃO DO POVO CHILENO

WASHINGTON, 5 — (F. P.) — O presidente Richard Nixon anunciou durante a sua entrevista de ontem que os Estados Unidos manteriam relações normais com o Chile, bem como os seus programas de auxílio a este país, desde que a política estrangeira do novo Governo não cause prejuízo aos interesses americanos.

Nixon reconheceu que a eleição de um regime marxista no Chile não era o que os Estados Unidos teriam desejado.

«Mas aceitamos a decisão do povo chileno», disse ele. «Se os Estados Unidos tivessem intervido nestas eleições, isso teria podido ter na América Latina repercussões bastante mais graves do que aquilo que se passou». Nixon acrescentou que os Estados Unidos reconheciam o direito dos outros povos terem um regime diferente do seu.

O presidente precisou que já explicara esta posição ao antigo embaixador do Chile em Washington, Domingo Santa Maria, quando este se tinha ido despedir á Casa Branca.

Recomeça hoje o julgamento de Angela Davis

SAN RAFAEL (Califórnia), 5 — (A.N.I.) — A comunista negra Angela Davis vai hoje a julgamento, por homicídio e rapto, com extremas medidas de segurança no tribunal da comarca de Marin.

Ontem ainda não se sabia se será defendida por um advogado ou pedirá para se encarregar da própria defesa.

O «xerife» da comarca, capitão Harvey Teague informou que os processos de segurança seriam «os mesmos da outra vez» — ou seja: de 23 de Dezembro, na audiência em que o juiz E Warren McGuire concedeu um adiamento.

Foi então que Angela Davis apareceu pela primeira vez no tribunal, o mesmo edifício em que foram mortas a tiro quatro pessoas, a 7 de Agosto, numa tentativa de fuga de condenados, para a qual Angela Davis é acusada de ter fornecido os planos e as armas.

Na tentativa de fuga de 7 de Agosto houve tiroteio, no qual morreram o juiz Harold J. Haley e três dos homens que estavam a raptá-lo. Ficaram feridas mais três pessoas.

Angela Davis é acusada de homicídio rapto e conspiração. Segundo a lei da Califórnia, o cumplice é tão culpado como o criminoso. Desapareceu depois do tiroteio e foi presa em Nova York, ao fim de três meses de buscas.

AS ITALIANAS PREFEREM A «MINI»

MILÃO, 5 — (F. P.) — Por uma maioria esmagadora, as italianas preferem mostrar as pernas. É o que revelou um referendo levado a efeito junto das leitoras do semanário de Milão «Annabella»

Sessenta e seis por cento dos 70 000 bilhetes postais enviados ao semanário dizem «sim» á mini-saia, optando os outros pela «maxi».

MORREU NUM ACIDENTE O FILHO DE RONALD BIGGS

MELBOURNE, 5 — (R.) — Morreu hoje num acidente de viação Nicholas Biggs, de 10 anos, filho de Ronald Biggs, o célebre bandido e cabecilha do grupo que assaltou o comboio correio de Glasgow.

A mulher de Ronald Biggs e os outros dois filhos, Christopher, de 7 anos, e Farley, de 3, ficaram feridos no acidente que ocorreu a 40 quilómetros de Melbourne.

A Polícia informou que a mulher de Biggs conduzia um carro verde que chocou com outro carro guiado por uma senhora que vivia em Victória. Espera-se que tanto a mulher de Biggs como os dois filhos tenham alta ainda hoje, depois de serem tratados a ferimentos ligeiros e choque. No outro veículo não se registaram ferimentos.

Os feridos deram entrada no hospital de Box Hill e deram o apelido de Brent mas a Polícia identificou-os fácilmente.

Biggs fugiu em 1965 da prisão de Wandsworth, em Londres, ao fim de 15 meses de uma pena de 30 anos de cadeia por ter tomado parte, em 1963, no roubo do comboio correio, no montante de 2 500 000 libras, e em 1969 por porco não era apanhado pela Polícia de Melbourne. Desde essa data, Biggs tem sido procurado em todo o mundo, principalmente na Grã-Bretanha, onde o seu retrato e fotografias de alguns dos seus disfarces foram exibidos ainda no fim da semana passada na televisão.

JOSÉ FALCÃO NO SANATÓRIO DOS TOUREIROS

CIDADE DO MÉXICO, 5 — (F. P.) — O toureiro português José Falcão veio a noite passada, de automóvel, para a capital, dando entrada no sanatório dos toureiros. Falcão está melhor da colhida com duas trajectórias que sofreu no domingo, na praça de Irapuato, catorze dias depois de outra colhida que teve na praça da Cidade do México.

SEJA PROPRIETÁRIO!
APENAS POR 150 CONTOS

comprando Apartamentos Mobilados e

J. PIMENTA, S. A. R. L.

a maior empresa industrial na construção e venda de propriedades
14 anos de experiência ——— 5.000 clientes satisfeitos

Informações para aluguer e venda:

LISBOA: Praça Marques de Pombal 15, 1.º — Telefs.: 4 59 43/4 78 48
QUELUZ: Rua D. Maria I 30 — Telefs 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Service Permanente — Telef. 93 36 76
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 243351
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 26 75
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telefs. 28 39 89
COIMBRA: Av. Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela Rua da Figueira)

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

LOTEAMENTOS CLANDESTINOS

AVISO

LUÍS ROSADO FÉRIA THEOTÓNIO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA:

FAZ SABER QUE: No prosseguimento das medidas tomadas por esta Câmara Municipal no sentido de reprimir as construções clandestinas e no desejo de salvaguardar os interesses dos Munícipes que possam ser levados à compra ilegal de terrenos impróprios para construção, a seguir se indicam os loteamentos clandestinos no concelho de Vila Franca de Xira:

LOURENÇO ANTÓNIO GORJÃO DE ALMEIDA E SILVA

Loteamentos em CABEÇO DA ROSA — ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 58.3040 hectares — Embargos por esta Câmara no dia 23-12-69, sendo o processo enviado a Tribunal em 19/1/70.

MANUEL CORREIA VALENTIM

Loteamentos em COVA — ARCENA — ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 2,0700 hectares, sendo o processo enviado a Tribunal em 7/9/70.

AMARO CERQUEIRA DA COSTA

Loteamentos em INXORDEIROS DE CIMA — ARCENA e subúrbios de ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 4,200 hectares, sendo o processo enviado a Tribunal em 7/9/70.

MANUEL FRANCISCO

Loteamentos em ARCENA — ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 4.0340 hectares, embargados pela Câmara em 5/9/70, sendo o processo enviado a Tribunal em 11/9/70.

MANUEL MOREIRA

Loteamentos em QUINTA NOVA — VIALONGA, com a área de 5.1000 hectares, embargados pela Câmara em 2/10/70, sendo o processo enviado a Tribunal em 9/10/70.

ANTÓNIO XAVIER DE LIMA

Loteamentos em ARCENA — Subúrbios de ALVERCA DO RIBATEJO, com a área de 28.9100 hectares, embargados pela Câmara em 23/11/70, sendo o processo enviado a Tribunal em 24/11/70.

JOSÉ LOURENÇO

Loteamentos em QUINTA DO ÁLAMO — SÃO JOÃO DOS MONTES, com a área de 7 hectares, embargados em 4/12/70, sendo o processo enviado a Tribunal em 7/12/70.

UMA VEZ MAIS SE CHAMA A ATENÇÃO DO PÚBLICO PARA O FACTO DE QUE AS CONSTRUÇÕES LEVADAS A EFEITO NESTES TERRENOS SERÃO DEMOLIDAS E OS CONSTRUTORES OU PROPRIETÁRIOS RESPONSÁVEIS LEVADOS A TRIBUNAL.

IGUALMENTE SE CHAMA A ATENÇÃO DOS INTERESSADOS NA AQUISIÇÃO DE TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO, DE QUE DEVEM DIRIGIR-SE À CÂMARA MUNICIPAL, ANTES DE PROCEDEREM À SUA COMPRA, A FIM DE COLHEREM INFORMAÇÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO NOS TERRENOS QUE LHES INTERESSAM.

VILA FRANCA DE XIRA, 22 de Dezembro de 1970.

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Luís Rosado Féria Theotónio

O BENFICA EM ASSEMBLEIA GERAL

DEIXAR O CAMPO GRANDE: O ASSUNTO MAIS URGENTE

Assembleia geral do Benfica. Preside Justino Pinheiro Machado, secretariado por Simões Costa e dr. Sommer Ribeiro.

Poucos associados. Não chegariam a uma centena. Talvez por o tema a tratar não ter o aliciante de outros ali ventilados recentemente.

A sessão abriu com um minuto de silêncio em memória de José Castilho, vice-presidente da assembleia geral, «águia de prata» e figura prestigiosa do clube, falecido há dias.

Seguiu-se a leitura de um ofício do Galitos de Aveiro, a agradecer a presença do Benfica na cerimónia da inauguração da sua sede.

Os benfiquistas iriam, segundo a ordem dos trabalhos, «apreciar, discutir e votar o Relatório da Comissão para o Planeamento das instalações nos terrenos da Luz».

Germano Campos, vice-presidente da direcção, falou em primeiro lugar:

— Temos de resolver com urgência a transferência das instalações do Campo Grande.

Na sua opinião, esse problema batia, em prioridade, qualquer outro a debater.

Levantou-se depois o eng.º Hélder Viegas. Referiu-se ao projecto de construção da pista de ciclismo, á localização da sede e lar do jogador.

Perguntou:

— A área de que dispomos será suficiente para o complexo desportivo que se pretende?

E lembrou:

— O Benfica dispõe de um terreno em Belas doado para o fim em vista (Lar do Jogador). Porque não nomear uma Comissão que encarasse a viabilidade de tal hipótese?

O eng.º Hélder Viegas mencionou depois os óbices inerentes á eventual criação de um externato — todos conhecemos as dificuldades dos estudantes em conciliar a vida escolar com a desportiva —, os encargos bastante elevados com essa realização e a hipótese da construção da pista de ciclismo no actual Estádio, mesmo com sacrifício de alguns degraus da bancada.

Inclinou-se ainda para a criação de uma piscina olímpica, equacionada também aos parques de estacionamento e á pista de atletismo, além de outros assuntos.

Por fim, o orador enviou para a Mesa esta proposta.

«1.º — Que pela Direcção do clube seja nomeada, tão depressa quanto possível, a comissão indispensável ao estudo dos terrenos de Belas para determinação da viabilidade económica da construção do Lar do Jogador nesse terreno.

«2.º — A nomeação urgente de uma comissão que estude a possibilidade de implantar nos terrenos da Luz, com exclusão da área prevista para a construção da Sede e Lar do Jogador, de todas as instalações previstas pela comissão de planeamento, considerada a proposta de alteração apresentada pela direcção e ainda:

«a) De uma pista olímpica de ciclismo, tal como proposta pela comissão de ciclismo ou em outro local do futuro parque de jogos;

«b) A inclusão junto á piscina olímpica de uma instalação com bar, restaurante e esplanada.

«3.º — O estudo técnico-económico da construção de uma pista de ciclismo no actual Estádio, sacrificando portanto algumas das primeiras filas de bancadas do primeiro anel.

«4.º — O estudo técnico-económico relativo á construção de uma pista de «tartan» (compará-lo com uma do tipo clássico), e das bancadas para 15 mil espectadores previstas para a pista de atletismo.

«5.º — O estudo do aproveitamento provisório das instalações actualmente existentes dos baixos do terceiro anel para um externato-piloto a funcionar se possível a partir do próximo ano lectivo de 1971-72. Este externato seria temporáriamente apenas destinado á Instrução Primária.

6.º — Desde já se consideram prioritárias as instalações designadas por campos n.os 2 e 3, embora com reservas para a pista de «tartan» e bancadas para 15 mil espectadores previstas para o campo n.º 2.

«7.º — Logo que a Mesa da assembleia geral esteja na posse dos elementos constantes das cinco primeiras alíneas, convocará uma nova assembleia geral extraordinária para apreciação dos resultados obtidos e fixação das restantes prioridades. Recomenda-se que ela seja efectuada até 30 de Abril de 1971.»

A proposta foi admitida por unanimidade, entrando-se imediatamente na sua discussão.

O nosso camarada Fernando Ávila interveio então.

— Não concordo com as objecções levantadas ácerca da construção da pista. Os problemas financeiros dizem respeito a uma comissão de finanças e não á comissão de Planeamento.

Intervenção do dr. Martins Canaverde:

— Estamos a perder tempo e o custo dos materiais de construção e da mão-de-obra sobem todos os dias.

E com calor:

— Se assim se procedesse sempre ainda hoje não teríamos o nosso Estádio.

Palmas veementes.

Fernando Oliveira Silva ao microfone, a estabelecer um paralelo entre o projectado Externato e a obra do Sport Algés e Dafundo. Focou a delicadeza do caso e rememorou vários projectos não concretizados no que respeita á construção das piscinas.

E propôs:

«1.º — Que a piscina de 25 metros passe para primeira prioridade;

2.º — Que a piscina olímpica seja incluída em segunda prioridade;

3.º — Que no projecto para a piscina olímpica, a exemplo da de 25 metros, sejam incluídos degraus para assistentes.»

Seguiu-se-lhe Manuel Paulo Guerreiro:

— O Externato foge ao ambito, á tradição e ao rumo do clube. O Benfica parece-se mais com um Real Madrid, um Santos ou um Inter do que com o Sport Algés e Dafundo.

Justino Pinheiro Machado abandonou depois o seu lugar para falar como simples associado.

E disse:

— A obra em causa não pode ser feita durante uma, duas ou três gerações. Se tivesse saído a sorte grande do Natal haveria dinheiro para tudo. Assim, teremos de dar prioridade á transferência das instalações a funcionar no Campo Grande, cujo prazo de utilização termina em Outubro.

Em representação da Comissão de Planeamento, falou o dr. Fernando Cardote:

— O Benfica não seguiu o exemplo de outros clubes, que não dão cavaco á sua massa associativa.

E mostrou-se favorável à nomeação de uma comissão — uma só! — constituida por técnicos: economistas, arquitectos e urbanistas.

Oposição do dr. Martins da Cruz

O dr. Martins da Cruz objectou:

— Eu creio que esta assembleia não pode de modo algum ver que lhe são impostas exigências de urgência.

«Não nos devemos sacrificar a urgência. Vamos procurar gizar uma cidade desportiva de tal modo que as gerações futuras não nos possam atribuir precipitações.

Opinião de Pinheiro Machado:

— Acho que se prestaria um serviço ao clube se se formasse uma comissão técnica que informasse a assembleia geral se pode ou não ser construído o que se planeou.

Germano Campos voltou a usar da palavra e fe-lo com firmeza.

— Estamos arriscados a sair do Campo Grande e não termos os nossos atletas em campo nenhum.

Réplica do dr. Martins da Cruz (só agora a direcção tem pressa de resolver o problema do Campo Grande) e, já passava da uma e trinta, quando a proposta do eng. Helder Viegas foi aprovada por grande maioria.

Justino Pinheiro Machado suspendeu depois a assembleia, que voltará a reunir para apreciar uma proposta do dr. Martins da Cruz sobre a lista única.

A reunião teve ainda um final inesperado, quando uma carta do associado Nuno de Oliveira mereceu estas considerações do presidente da mesa:

— A sua carta é destrutiva. Não foi nem será lida.

E atalhou a réplica do sócio, repetindo:

— A assembleia está suspensa.

F. C.

Uma bela FACADINHA...

Os árbitros foram buscar 124 contos ao Benfica-Sporting

O Fundo de Arbitragem foi buscar ao «bolo» do Benfica-Sporting a módica quantia de Escudos 124 130$40, que avolumou de modo extraordinário as despesas de organização, computadas em Esc. 435 695$70.

A receita global foi de Esc. 1.551 630$00, além de cerca de 400 contos do pagamento de quotas-extras referentes ao «Dia do Clube». Assim, o Benfica recebeu *limpo* qualquer coisa como 1515 contos. Que poderia ter sido muito mais...

1x2 totoBOLA

No primeiro concurso de 1971 houve abundância de prémios. Certo: se esses prémios foram de impotâncias menores que o habitual, a verdade é que serviram numerosíssimas pessoas. E não faltam ensejos para as «fortunas...».

O PRÓXIMO CONCURSO

UMA «TAÇA» BEM CHEIA (PARA QUEM ACERTAR NOS TREZE...)

1. Portalegrense-Feirense
2. Chaves-Braga
3. U. Coimbra-Lamego
4. Luso-Peniche
5. Beja-Atlético
6. Marrazes-Santarém
7. Atlandia-Salgueiros
8. Covilhã-Torriense
9. Orientai-Marinhense
10. Montijo-U. Leiria
11. T. Novas-U. Tomar
12. Sesimbra-Penafiel
13. Almeirim-Vizela

Interrupção inédita nos campeonatos nacionais, para que os clubes possam dedicar-se a organizações particulares. Um domingo de Taça — com equipas da II e da III Divisões. Como elemento que se julga útil, aqui registamos as suas classificações nos campeonatos que estão a disputar.

PORTALEGRENSE — III Divisão — 9.º lugar na Zona C — 12 jogos, 12 pontos.

FEIRENSE — III Divisão — 12.º lugar na Zona B — 11 jogos 9 pontos.

CHAVES — III Divisão — 9.º lugar na Zona A — 11 jogos, 11 pontos.

BRAGA — II Divisão — 8.º lugar na Zona Norte — 15 jogos, 15 pontos.

U. COIMBRA — II Divisão 12.º lugar na Zona Norte — 15 jogos, 10 pontos.

LAMEGO — III Divisão — 3.º lugar na Zona A — 11 jogos, 16 pontos.

LUSO — II Divisão — 10.º lugar na Zona Sul — 16 jogos, 12 pontos.

PENICHE — II Divisão — 3.º lugar na Zona Sul — 16 jogos, 22 pontos.

BEJA — III Divisão — 8.º lugar na Zona D — 12 jogos, 12 pontos.

ATLÉTICO — II Divisão — 1.º lugar na Zona Sul — 16 jogos, 28 pontos

MARRAZES — III Divisão — 2.º lugar na Zona C — 12 jogos, 18 pontos.

SANTARÉM — III Divisão 13.º lugar na Zona C — 12 jogos, 8 pontos.

ANADIA — III Divisão — 6.º lugar na Zona B — 11 jogos, 12 pontos.

SALGUEIROS — II Divisão — 5.º lugar na Zona Norte — 16 jogos, 16 pontos.

COVILHÃ — III Divisão — 1.º lugar na Zona B — 11 jogos, 19 pontos.

TORRIENSE — II Divisão — 14.º lugar na Zona Norte — 16 jogos, 9 pontos.

ORIENTAL — II Divisão — 8.º lugar na Zona Sul — 16 jogos, 14 pontos.

MARINHENSE — II Divisão — 3.º lugar na Zona Norte — 16 jogos, 20 pontos

MONTIJO — II Divisão — 2.º lugar na Zona Sul — 16 jogos, 28 pontos.

U. LEIRIA — II Divisão — 2.º lugar na Zona Norte — 15 jogos, 22 pontos.

T. NOVAS — II Divisão — 13.º lugar na Zona Sul — 16 jogos, 10 pontos.

U. TOMAR — II Divisão — 4.º lugar na Zona Sul — 16 jogos, 19 pontos.

SESIMBRA — II Divisão — 11.º lugar na Zona Sul — 16 jogos, 11 pontos.

PENAFIEL — II Divisão — 13.º lugar na Zona Norte — 15 jogos, 9 pontos.

ALMEIRIM — III Divisão — 4.º lugar na Zona C — 12 jogos, 16 pontos.

VIZELA — II Divisão — 14.º lugar na Zona Norte — 15 jogos, 8 pontos.

Vamos falar de sistemas...

Um dos sistemas mais utilizados pelos totobolistas é o das 7 **duplas,** chamadas «italianas», condicionadas ao 12.

Aplicando-se este sistema há garantia total de 12 resultados certos desde que se acertem os jogos «fixos» e as duplas — a percentagem para o obtenção do **TREZE** é de 12,5.

O preço deste sistema é de 32$00; sem ser «condicionado ao 12» o preço seria de 256$00.

O desdobramento é feito em dois boletins de 8 apostas cada.

1X1X1X1X	1X1X1X1X
1XX11XX1	1X1XX1X1
1X1X1XX1	X1X1X11X
1XX1X1X1	1XX11X1X
1XX1X11X	X11XX11X
1X1XX11X	1XX1X1X1

No desdobramento todas as **duplas** estão apresentadas para 1-X. Se em qualquer delas se desejar alterar para 1-2 ter-se-ão de substituir os símbolos «X» por símbolos «2»; se o que se desejar é a dupla X-2 então a substituição a fazer é de símbolos «1» por símbolos «2».

NAS ÉPOCAS ANTERIORES

Os concursos n.º 18 das nove épocas anteriores proporcionaram as seguintes «chaves»:

61-62 —	X	1	1	1	1	1	X	1	1	2	2	1	1
62-63 —	1	1	1	1	1	1	X	1	1	1	2	2	X
63-64 —	1	2	1	1	2	X	1	1	1	1	X	2	X
64-65 —	1	1	2	1	2	2	X	1	X	X	1	1	1
65-66 —	1	1	1	1	1	X	1	1	1	X	1	X	1
66-67 —	2	2	1	1	2	2	X	2	X	2	1	X	2
67-68 —	2	1	1	2	1	1	X	1	1	1	1	1	2
68-69 —	2	1	1	1	1	1	X	1	2	2	1	X	X
69-70 —	2	X	1	X	1	1	2	X	1	1	1	1	X

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A «ENTENTE» VIAJA E A ACADÉMICA APROVEITA

Assegurada, para já, a viagem além-fronteiras de quatro equipas primodivisionárias, no aproveitamento das duas semanas de pausa do «Nacional». Assim e por intermédio do Benfica (América Latina), do Sporting (México), do Vitória de Setúbal e da Académica (Brasil), o futebol luso será espectáculo noutras paragens. Também o Farense viaja — embora se fique pela Madeira.

Objectivos múltiplos, os da digressão. Entre todos, porém, avulta o da angariação de fundos — que isto de encontros «só» nacionais não dá, ao que parece, para sustentar as pessoas.

Vejamos, em síntese, o programa a cumprir pelas equipas mencionadas:

Sporting: quatro jogos certos e mais dois em perspectiva

Como compreende, só depois do jogo de domingo, em Setúbal, eu poderei decidir em definitivo sobre os jogadores que se deslocam... — Expressando-se desta forma, Fernando Vaz revela-nos, seguidamente, quais os jogadores que se encontram com o passaporte em ordem — e assim, em princípio, aptos a seguir viagem para Guadalajara.

Eis-los: Damas, Carvalho, Pedro Gomes, Celestino, Alexandre Baptista, Laranjeira, José Carlos, Caló, Gonçalves, Tomé, Peres, Manaca, Pedras, Chico, Marinho, Nelson, Lourenço e Dinis. Além destes — os mais prováveis — têm também passaporte Botelho, Carlos Pereira, Mosquera e Armando Luís.

Uma ausência quase certa — a de Hilário. Ainda bastante contundido, o valoroso defesa «leonino» deverá ficar em recuperação.

A comitiva sportinguista parte da Portela ás 20 horas de domingo próximo, chegando a Paris ás 22 e 50. No dia seguinte, continuação da viagem com destino a Guadalajara, via Houston e Cidade do México. A chegada está prevista para as 19 e 50 de segunda-feira.

Jogos assegurados: dois a contar para o I Torneio Cidade de Guadalajara, nos dias 13 e 14; um em Leon (México), no dia 20; e outro em S. Paulo no dia 25. Há ainda hipótese de um jogo em los Angeles (dia 17) e em Porto Alegre ou Belo Horizonte (dia 27).

Entretanto, a digressão será coisa a pensar depois das 17 horas de domingo. Até lá, o jogo com o Vitória domina as atenções. Um jogo que pode valer um título...

Académica: futebol e fado

Inédito, ao que supomos, nestas digressões: o contrato que leva a Académica ao Brasil estabelece que a «Briosa» se exiba em futebol e fado. Assim, integrado na caravana futebolista, segue viagem o cantador de fados (de Coimbra, naturalmente) Manuel Branquinho, que se acompanhará, ele próprio, á guitarra. Com dupla missão, «futebolístico-fadista», vai o jovem António Jorge que o acompanhará á viola.

Além deste, seguem mais 16 jogadores: Melo e Cardoso; Artur, Alhinho, Rui Rodrigues, Feliz e Belo; Gervásio, Vítor Campos, Rocha e Simões; Mário Campos, Manuel António, Oliveira Duarte, Serafim e José Manuel. Acompanham-nos, o treinador, Juca; o massagista, Guilherme Luís; e os dirigentes, dr. Mário Faria e Armando Carvalho.

Previstos cinco jogos: com o América, no dia 10, em Cabo Frio; com a Portuguesa de Desportos, em S. Paulo, no dia 12; no dia 14, em Curitiba, com o Ferroviário; no dia 17, com o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro; e, também no Rio, com o Flamengo, no dia 20.

A partida está prevista para o dia 8 e o regresso será no dia 22, seguindo a equipa logo para Faro, onde jogará, a 24, para o Nacional.

Benfica: partida prevista para 5.ª-feira

A equipa do Benfica deve partir depois de amanhã, ao meio-dia, para Caracas — via Madrid.

A comitiva «encarnada» será composta por: Mário Baptista da Silva e Fausto Pires (dirigentes), Hamilton Pena (massagista), dr. José Belo (médico), Hagan (treinador) e pelos jogadores José Henrique, Malta da Silva, Humberto, Zeca, Adolfo, Matine, Simões, Eusébio, Artur Jorge, Nené, Toni, Fonseca, Diamantino, Torres, Jaime Graça, Calado e Vítor Martins.

O Benfica receberá perto de 1500 contos, prevendo-se que jogue em Caracas (dia 10), na Colômbia (a 16 ou 17) e ainda, no Peru, Equador e Costa Rica, entre 13 e 19 do corrente.

Em Maio uma equipa benfiquista irá ás Bermudas. Também para Agosto está prevista uma deslocação á Austrália

Setúbal: 3 jogos no Brasil — única certeza

A informação é do dirigente setubalense Tavares da Silva, com quem contactámos esta manhã:

A equipa sadina, que viajará até ao Brasil, neste momento «joga» apenas com hipóteses: aguarda-se resposta do empresário, aliás, ontem de novo solicitada por telex. Ao certo — o que, nestas coisas, se pode considerar certo — previstos três jogos: mas não são ainda conhecidos adversários (apenas que brasileiros), datas ou locais.

A partida da equipa deverá ser na segunda-feira, 11, dia seguinte ao grande jogo com o Sporting.

Também só depois do encontro se saberá quais os jogadores que constituirão a caravana setubalense.

Farense: um salto à Madeira

O Farense faz dois jogos na Madeira (se o tempo o permitir, é claro...). Previsto um encontro para amanhã e outro para o dia 8, contra o mesmo adversário (Marítimo) e no mesmo terreno (Estádio Prof. Marcello Caetano).

Além do treinador Manuel de Oliveira, do médico dr. Uva Sancho, do massagista Magno Marta e do dirigente João Pires, a comitiva engloba 17 jogadores: Barroca, Rodrigues Pereira, Assis, Bastos, Alraca, Sitói, Nunes, Dani, Valdir, Correia, Panhufa, Testas, Ferreira Pinto e António Maria, Nelson Faria, Sequeira e Manhita.

Regresso ao Continente marcado para sábado, á tarde.

*

Outros projectos dos clubes da «entente», o Vitória de Guimarães pretende deslocar-se a Espanha, o mesmo sucedendo ao Belenenses (que tem em mira exibir-se em Sevilha), enquanto que o Leixões defronta o Futebol Clube do Porto em festa de homenagem a Raul. Aliás, o F. C. Porto deseja ser visitado pelo Hannover, o clube alemão que vai actuar em Faro. O embate entre a colectividade das Antas e os alemães serviria para apresentação dos brasileiros Erandyr e Joaquinzinho.

Adolfo, Malta da Silva, Humberto Coelho e Zeca: a defesa do Benfica para a «tournée» pelas Américas

Acontecimentos DE ONTEM

RAGUEBI

A equipa de raguebi da Universidade de Stellembosch venceu (por 57-0!) um misto de Lisboa. As equipas alinharam assim:

U. DE STELLEMBOSCH — D. Snyman (11); Albertyon (6), V. d. Watt (7), V. d. Merwe (9) e Oeschger (9); Ael e de Villiers; Cotezee (3), F. de Wet e Le Roux (6); Hoffman (3) e Stegen; de Jager, Klopper e da Plessir (3).

MISTO DE LISBOA — Granger; C. Leal, Aníbal, Tavares e Frazão; Nico e J. Cabral; Filipe, Campos e Pimentel, Monteiro e Silvestre; Silva, Moitinho e Freitas.

TÉNIS DE MESA

Sorteios da Taça Imprensa (ténis de mesa) para infantis e meninas:

INFANTIS — Belenenses-S. L. Águias, na mesa do primeiro, no domingo, ás 10 e 30. Se o Belenenses ganhar será o vencedor da prova, se perder terá de haver novo jogo, cujo sorteio foi marcado para o dia 11.

MENINAS — Alunos Apolo-Sporting, na mesa do primeiro, no sábado, ás 16 horas. Se a Apolo ganhar será a vencedora da prova, se perder terá de haver novo jogo, efectuando-se o sorteio da mesa no dia 11.

ANDEBOL

Jogos no Pav. da Ajuda da primeira jornada da segunda volta do Regional lisboeta de andebol (III Divisão): Santa Catarina-Mercês, 24-13 (10-6); Oeiras-Estoril, 23-15 (13-8); e Caramão-C. D. U. L., 22-15 (13-5).

Entre parêntesis: o marcador ao intervalo. O Oeiras continua invicto.

Partidas realizadas no Pavilhão da Amadora, respeitantes á série A: Costa do Sol-Algés, 14-25; Mirantense-Palmense, 15-22; e S. L. Águias-Ajudense, 12-12.

O Palmense é o guia.

Hoje, em Atenas SORTEIO DA «TAÇA DAS FEIRAS»

ATENAS, 5 — (R.) — Realiza-se hoje, a partir das 18 e 30, nesta cidade, o sorteio para os quartos-de-final da «Taça das Feiras».

As equipas de futebol englobadas no sorteio são: Arsenal (detentor da taça), Leeds United e Liverpool (os três de Inglaterra), Bayern de Munique e Colónia (da Alemanha Ocidental), Juventus (Itália), Vitória de Setúbal e Twente Enchede (Holanda).

ESTA NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria. Técnico-Benfica, ás 21 e 30, no Técnico e Amadora-C.D.U.L., ás 21, na Amadora.

— Campeonato de Lisboa Feminino Educação Física-C.D.U.L. e Algés-Nacional, ás 21; Encarnação-Benfica e C.I.F.-Sporting, ás 22 e 15, no Pavilhão da Ajuda.

TÉNIS DE MESA — Taça «Record» para juniores: Sporting-Ateneu, ás 21 e 30, no Estádio José Alvalade.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de juvenis: Benfica A-Benfica B, ás 18 e 45, no Liceu D. Pedro V.

— Campeonato de Lisboa Feminino: Benfica B-Benfica A, ás 20 no Liceu D. Pedro V e Sintrense-C.I.F., ás 20, em Sintra

REUNIÃO — Na Associação de Futebol de Faro, de dirigentes dos clubes algarvios, ás 21 e 30.

XADREZ — Campeonato Nacional individual de 1.ª categoria, no Grémio Literário de Lisboa, ás 20 horas.

O LYON (DE COLUNA) EM PORTUGAL

Duas equipas do Olympique de Lyon (uma das quais feminina) devem visitar brevemente Portugal.

A turma onde, presentemente, alinha Mário Coluna tem diversos jogos previstos: perante o Barreirense (10 do corrente), no Porto (a 13), contra o Atlético (a 17) e ante o Farense (na próxima dia 20).

A equipa feminina ainda não está contratada para qualquer exibição.

CAMPEONATO NACIONAL DE HÓQUEI EM PATINS

Derrota do BENFICA perante o BELENENSES

Começou o torneio de qualificação para o Campeonato Nacional de hóquei em patins (1.ª Divisão). Em Campo de Ourique, C.U.F. e Cascais empataram a 6 golos, enquanto que o Benfica (agora treinado por Sidónio Serpa) foi sensacionalmente batido pelo Belenenses marca final: 5-3) e não se disputou o embate C.A.C.O.-Sporting devido ao adiantado da hora.

Equipas e marcadores:

C. U. F. — Vítor Domingos; Mário Ferreira, José António (5), Leonel (1), Venancio e Germinal.

CASCAIS — Cardoso; Abílio Sombreireiro (1), Gonçalves, Luís Barros (3), Cunha (2), Artur Agostinho e Peyroteo.

Ao intervalo: 2-3.

Arbitro: Joaquim Candelas.

BENFICA — Ramalhete; Casimiro, Garrancho (2), Vítor de Sousa (1), Orêncio e Mota.

BELENENSES — Borges; Nunes (1), Saraiva, Nelson (1), Alcantara (1), Carlos Gomes (2) e Adelino.

Sob a arbitragem de Octávio Andrade, o Benfica apresentou-se desfalcado de Rodrigues, António José e Jorge Vicente. O Belenenses, rematando bem chegou a estar a vencer por 5-0.

No Estoril, Parede bateu Oeiras (por 8-4) e Paço de Arcos ganhou ao Futebol Benfica (9-4). Não se realizou também por já ser muito tarde, o jogo entre a Juventude Salesiana e a Liga de Algés.

Turmas e goleadores:

PAREDE — Franco, Dinis, Amílcar, Leitão (5), Coelho (3) e Arnaldo.

OEIRAS — José Manuel; João Henriques, Rosado, Ricardo (1), Nunes (1), Carvalho (2) e Luís Filipe.

Arbitrou Jorge Rosa e ao intervalo havia 3-3.

PAÇO DE ARCOS — Ferreira; Alfredo, A. Soares, Abreu (6) Moura (2), Fafael e Correia dos Santos (1).

F. BENFICA — Brito; José António, Guerra, Jaime (3) Alexandre (1), José Carlos e Figueiredo

Dirigiu o árbitro Vítor Cardoso. Ao intervalo: 4-2, já favorável ao Paço de Arcos.

Agora que estamos no inverno pense num desumidificador para ele absorver toda a humidade

Acaba com o dispendioso prejuízo da humidade... Protege a mobília, paredes e outros valores contra a humidade destrutiva, a ferrugem e os bolores. Conserva o lar, o escritório e as áreas de trabalho ou armazenamento o mais seco possível.

O seu estilo, aliado ao seu rico e perfeito acabamento, fazem do desumificador AIRKING, uma peça de decoração que fica bem em qualquer ambiente.

Air King

Representantes:
FRIAL - Instalações Frigoríficas e Artigos Domésticos, Lda.
Avenida do Brasil, 40 — Lisboa

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Isaura Mendes de Almeida

Faleceu a sr.ª D. Isaura Mendes de Almeida, de 76 anos, viúva, natural de Oliveira do Hospital. Era mãe da sr.ª D. Aurora de Almeida e Silva Matos casada com o sr. António Jorge Matos e dos srs. José de Almeida e Silva e Artur de Almeida e Silva.

O funeral, a cargo da Casa A. Magno, da Av. Almirante Reis, realiza-se amanhã, às 11 horas, da igreja de São João de Deus para o cemitério do Lumiar. Às 9 e 15, será celebrada missa de corpo presente.

Manuel Fernandes da Costa

Faleceu o sr. Manuel Fernandes da Costa, de 74 anos, viúvo, funcionário público aposentado, residente em Algueirão. Muito estimado pelas suas qualidades, era pai das sras. D. Mabilia Martins Costa e D. Maria das Dores Costa Melo e avô da sra. D. Maria Adelaide Martins Costa Tavares e do sr. António João Alves Tavares.

O funeral sai amanhã, às 11 horas, da igreja daquela localidade para o cemitério de São Pedro de Sintra.

Alberto Ropetti

Faleceu o sr. Alberto Ropetti, de 61 anos, natural de Acqui (Itália), casado com a sr.ª D. Maria Amélia Oliveira Ropetti, e pai do menino Pietro Mauro Oliveira Ropetti.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 15 horas, da igreja de Nossa Senhora de Fátima para cemitério a determinar. Os serviços funebres estão a cargo da Agência Salgado.

A funcionar novo hospital em Coimbra

COIMBRA, 5 — Começou a funcionar, oficialmente, o Hospital-Geral Colónia Portuguesa do Brasil, que ocupa as instalações do antigo Hospital-Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil, mais conhecido pelo Sanatório dos Covões.

Por determinação do decreto que o criou, houve na Junta Distrital, uma reunião na qual foi oficializada a comissão instaladora da qual fazem parte os srs. dr. Bissaia Barreto e dr. Viriato Namora, respectivamente, presidente da Junta Distrital e administrador do antigo Hospital-Sanatório da Colónia Portuguesa do Brasil.

canal da crítica

(Continuação da 1.ª página)

— da natureza desportiva do ciclismo;
— da desvantagem das supervedetas;
— da fuação da publicidade no ciclismo.

Na exposição e desevolvimento dos temas a participação de maior clareza foi a de Carlos Miranda: negou o carácter desportivo do ciclismo profissional; afirmou que a existência das supervedetas é prejudicial ao ciclismo de competição na medida em que elimina... a própria competição; e foi bem explícito: sem a representação de marcas o ciclismo não tem futuro. Tão certo que a organização da próxima Volta a Portugal está a cargo de duas agências de publicidade.

Para um estudioso dos problemas do ciclismo como é Carlos Miranda, algumas sugestões se podem apresentar:

1 — A falta de ciclistas não se deverá tanto ao aparecimento das motorizadas como ao elevado preço das bicicletas. A baixa de preço possibilitaria o aparecimento de ciclistas por gosto. É tão agradável pedalar que os jovens até pagam para o fazer. A propósito: seria curioso saber como se passam as coisas na Bélgica, na Holanda e na Espanha, países com boas tradições no ciclismo.

2 — As supervedetas podem provocar um momentâneo desinteresse pela competição, mas à distância acabam por favorecer a modalidade. O aparecimento de um Santana em Espanha provocou extraordinário interesse pelo ténis. Rezam as crónicas que as raquetas se chegaram a esgotar quando Santana chegou a campeão.

3 — Se a publicidade se tem apoderado de tanta coisa e de tanta gente por que não havia de se apoderar do ciclismo? A representação de marcas parece pôr-se, na opinião de Carlos Miranda, como condição indispensável à existência de um ciclismo profissional. Parece que se deveria antes pôr em equação a viabilidade de um ciclismo profissional entre nós mesmo com o patrocínio das marcas. Quer dizer: possuímos calendário ciclista constante e valioso, capaz de suportar o profissionalismo?

Esta mesa-redonda apresentou uma sugestão para o trânsito do clubismo para a publicidade no que respeita à base da organização o patrocínio das equipas a cargo de certas marcas. Artur Agostinho opinou que, com a clubite raivosa existente no nosso País isso poderia redundar em anticomercial. Seria possível que os adeptos do clube A boicotassem a marca patrocinadora do clube B...

Nesta altura, Manuel Graça discordou e apresentou um exemplo concreto: há muito tempo que o Gazcidla patrocina a equipa do Sporting e isso não impede o florescimento da marca...

Enfim, no «Momento Desportivo» foi já de negócios que se tratou, e não de desporto. Morreu a pasteleira. Venha *pastel*...

MÁRIO CASTRIM

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vende
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	502$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrig. Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	—	1.400$
Externo 2.ª Série C	—	—	—
Externo 3.ª Série	—	—	—
Externo 3.ª Série C	—	—	800$
Caminhos de Ferro 3.ª Série	—	140$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 3%	—	—	—
A P L 5% 56	—	860$	—
A P L 5% 58	—	860$	—
C P 4 1/2% 65	—	790$	—
C P 4 1/2% 67	800$	915$	—
C U C 6%	925$	900$	—
C U C 6% 68	900$	890$	900$
Gás Elect 4% 48	895$	842$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	830$	—
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	780$
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	917$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	945$
H E Alentejo 5%	—	750$	—
H E Cávado 5%	700$	700$	710$
H E Cávado 6%	—	895$	—
H E Douro 5%	—	700$	—
H E Douro 6%	—	895$	—
H E Norte Port 5%	—	860$	—
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	760$	760$	—
H E Zêzere 5% 57	760$	760$	—
Lanove 6%	—	900$	920$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	900$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	—	770$
Nitratos 5% 60	—	750$	—
Petroquímica 5%	—	850$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Saco 5% 54	—	910$	—
Saco 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	740$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	740$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	740$	—
Sonete 5%	—	815$	825$
T A P 4%	820$	700$	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	—	90$
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	69$	70$5
U E P 5%	—	690$	710$
U E P 5% 60	—	830$	—
U E P 5% 63	—		

Ultramarinos	Efec	Compra	Vende
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boro	—	125$	60$
Buz	—	70$	75$
Cabinda	—	93$	98$
Diamantes Angola	2.250$	2.240$	260$
H E Revué	—	650$	670$
Hino do Príncipe	—	800$	850$
Moçambique	184$	83$	84$
Sonete n	—	406$	—
Sonete p	422$	421$	423$
Zambezia	—	76$5	77$5
Diversos			
Cidla	—	—	6.900$
Cim Leiria	—	—	—
Cim Tejo	7.550$	7.500$	7.600$
Ce Navegação	1.510$	1.570$	1.580$
C U C	—	—	1.600$
Nac Aliança	3.900$	3.900$	4.000$
Nac Navegação	—	—	1.583$
Petroquímica	—	—	405$
Port e Colónias	—	1.300$	—
Port Celulose	—	4.020$	—
Port Pesca	1.150$	1.100$	200$
Port Tabacos	695$	695$	697$
Saco	—	3.900$	4.000$
Siderurgia Nac	2.600$	2.600$	2.630$
Sacor	3.280$	3.255$	3.300$
Tabacos de Portugal	—	930$	1.600$
Tabaqueira	6.700$	6.700$	6.750$
U E Azote	741$	740$	745$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 54	—	400$	—
Aguas Lisboa 56	—	390$	—
C P Electricidade	1.165$	1.165$	1.185$
C P Electricidade nom	1.171$	1.170$	1.172$
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beira	1.580$	1.630$	1.650$
Gás Electr	456$	456$	457$
H E Alto Alentejo	181$	80$5	81$5
H E Norte Portugal	240$	230$	250$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	206$	206$	210$
U E P	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F Atlântico	—	199$5	205$5
F D E S	—	122$8	126$5

LOJA
COMPRO ALUGADA
Bom local, Lisboa ou Cascais.
Resposta a este jornal, ao n.º 677.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

COMISMAR
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PERITOS ESPECIALIZADOS
CONTROLE DE QUALIDADE
ARBITRAGENS
R. DO ARSENAL, 148, 4.º, DT.º Tel. 328511/368896

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS
Dos Bombeiros Voluntarios, 29, 2.º ALGÉS
Telefone 21 49 10
INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
ABERTURA DE NOVOS CURSOS
16 DE JANEIRO
das 17 às 22 horas excepto sabados

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex 471, ALAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.550$	2.530$	2.560$
Alentejo	1.145$	1.145$	1.150$
Angola	3.740$	—	3.740$
Burnay	—	—	—
Crea Predial	—	4.000$	—
E Santo	—	—	—
E Santo n	24.700$	24.700$	24.900$
Fonsecas S p	—	—	—
Fomento	—	—	—
L S Açores p	—	—	—
L S Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.700$	6.700$	6.800$
Portugal n	—	3.050$	3.150$
Portugal p	4.100$	4.050$	—
Totta Aliança	6.000$	6.000$	6.100$
Ultramarino n	3.750$	3.750$	—
Ultramarino p	4.050$	4.040$	4.100$
Seguros			
Alentejo	150$	149$	150$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	1.112$	1.111$	1.113$
Sagres	—	1.800$	2.000$
Tranquilidade	—	80.000$	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açucar de Angola	—	780$	790$
Ag Cassequel	620$	620$	630$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	480$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	29/12/70	4/1/71	5/1/71
GERAL	150,7	151,8	152,5
METROPOL.	145,3	146,9	147,7
ULTRAM.	190,0	187,7	187,8

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
—Dollars de 1 e 2	28$00	28$50
— de 5 a 20	28$40	28$80
— de 50 a 000	28$50	28$90
Argentina — Peso Novo	5$50	7$00
Austria — Schilling	$ 0	$'6
Belgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$'0
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$'5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra—Libra (sobe)	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$50	37$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 231273

COMENDADOR

AUGUSTO RODRIGUES

AGRADECIMENTO

SUA MULHER E DEMAIS FAMÍLIA VÊM AGRADECER MUITO RECONHECIDAMENTE, TODAS AS MANIFESTAÇÕES DE EXTREMA SIMPATIA ATÉ SI CHEGADAS QUER PESSOALMENTE QUER POR QUALQUER OUTRA FORMA, POR OCASIÃO DA ROMAGEM DE SAUDADE E DAS MISSAS MANDADAS CELEBRAR NA PASSAGEM DO 1.º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje

NUNCA FORAM VENCIDOS — SÃO LUIZ e ALVALADE

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 5[illegible]
ESTREIA — Hoje, às 21.30
NUNCA FORAM VENCIDOS
com John Wayne e Rock Hudson
Colorido
Às 15.15 e 18.15 — Últimas exibições (M. 6 anos)
BAMBI

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
ESTREIA — Hoje, às 21.45
com John Wayne e Rock Hudson
NUNCA FORAM VENCIDOS
Às 15.45 — Última exibição
BAMBI (M. 6 anos)

MUNDIAL
(M 12 anos) Tel 538743
Às 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA DE ÊXITO
Rod Steiger, Christopher Plummer e Orson Welles
No mais surpreendente filme da temporada
WATERLOO

EDEN
(M 12 anos) Tel. 32078
As 15.15 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Panavision-Technicolor
AVENTURAS AVENTURAS! AVENTURAS!
NEM SEMPRE SE PODE GANHAR
Tony Curtis, Charles Bronson e Michele Mercier
No programa — Actualidades de Angola

LUMIAR
(Adultos) Tel. 795286
Às 21 horas
A PONTE DE REMAGEM
ENGANEI-ME NO NÚMERO

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 78560
As 21 horas
DOUTOR, CUIDADO COM ELAS
JOGO SUJO

IMPÉRIO
(Adultos) Tels. 555134/5
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
O CÍRCULO PERFEITO! VER E TORNAR A VER!
Um filme de Jean Pierre Melville
O CÍRCULO VERMELHO
c/ Alain Delon, Bourvil, Yves Montand e François Perier
Eastmancolor

ESTÚDIO
(Adultos)
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Segundo a obra de Dostoievski um filme de Robert Bresson
UMA MULHER MEIGA

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
15.15 e 18.15 (p. r. e ás 21,30
EM 3.ª SEMANA DE ENCHENTES
GIGANTES NO INFERNO
com John Wayne, Katherine Ross, Jim Hutton e Vera Miles
Uma epopeia de vidas heróicas e nervos de aço em desafiar a morte
Panavision — Technicolor

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Hoje, ás 15.15, 18.15 e 21.30
Grande êxito em 2.ª SEMANA
A VIDA INTIMA DE SHERLOCK HOLMES
Um filme de Billy Wilder
AMANHÃ, das 12.30 às 14.15
Música e Cinema na Hora do Almoço
Preço único — 5$00
Aviso: no início desta 2.ª série foi alterado o horário: Abertura do Cinema às 12.30: início das sessões: 13.15
Serviço especial de snack-bar a baixo preço

CASINO ESTORIL
(M/17 anos) Tel. 364021
As 21.30 h.
O CLÃ DOS SICILIANOS
com Jean Gabin, Alain Delon e Lino Ventura

ODEON
(M 12 anos) Tel 320263
15.15 e 18.15 (p. r. e ás 21,30
2.ª SEMANA DE SENSAÇÃO
Lotações esgotadas!
com a admiravel comédia musical
A VIDA É SEMPRE IGUAL
com o famoso ídolo da Eurovisão
JÚLIO IGLÉSIAS
na história de um amor sublime
com a formosa
JEAN HARRINGTON
(Eastmancolor)

BERNA
(A Av Marquês de To
(Adultos) Tel. 776098
Às 18.30 e 21.45
11.ª SEMANA
Alain Delon e Jean Paul Belmond no sensacional filme de Jacques Déray
BORSALINO

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 h
Um filme para quem deseje conhecer um pouco de Africa!
MAL D'ÁFRICA
Comentado em português

CHIADO TERRASSE
Às 15 e 21 h (M 12 anos)
QUE CANTA ESPANHA? DA TERRA À LUA

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45933
As 21 horas
UM ASSASSINO PARA SUA MAJESTADE
ENIGMA ALUCINANTE

EUROPA
Tel. 661016
Às 15.15 (M. 6 anos)
Às 21.30 (M. 12 anos)
Um carro que para ser gente só lhe falta falar...
SE O MEU CARRO FALASSE
(The Love Bug)

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
O filme que devolve ao romantismo o seu lugar de honra!
O SILÊNCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Matthieu Carriere
EASTMANCOLOR

AVIS
(M 12 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21 45
Um grande êxito de comicidade
2.ª SEMANA
O BOM PASTOR
com CANTINFLAS
Eastmancolor

VOX
(Adultos Tel. 72[illegible]
As 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA DE ÊXITO
Michel Duchaussoy, Caroline Dehet e Jean Yanne
numa vibrante e dramática aventura!
REQUIEM PARA UM DESCONHECIDO

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
ALUCINANTE ACÇÃO!
TEMPO DOS LOBOS
Robert Hossein — Charles Aznavour — Virna Lisi
EASTMANCOLOR
No programa: Complemento PETRÓLEO, da Telecinemore

TIVOLI
(M 17 anos Tel. 5[illegible]
Às 3 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
10.ª e ÚLTIMA SEMANA
Sophia Loren e Marcello Mastroianni
na película de Vittorio de Sica filmada na Russia
O ULTIMO ADEUS

CONDES
À 14, 16.30, 19 e 21.45
EM 9.ª SEMANA
(Adultos) Colorido
O PASSAGEIRO DA CHUVA
com Charles Bronson e Marlene Jobert

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
As 15 e 21 horas
3.ª SEMANA
Uma história de amor filmada por David Lean
O FILME DO ANO
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum
QUINZENA CLÁSSICOS
Amanhã — 18.45 — Adultos
O ANJO AZUL, de Joseph Von Sternberg, com Marlene Dietrich e Emil Jannings

ROYAL
(Adultos) Tel. 88545
As 15 e 21 h
A MALUQUINHA DE ARROIOS
O LADRÃO DE QUEM SE FALA

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 618375
As 21.30 horas
Panavision e Technicolor
A GRANDE COMPETIÇÃO
com Paul Newman e Joanne Woodward

* outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

GIL VICENTE — Às 22: «Breve sumário da história de Deus» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O Inocente» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «Lar» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e ás 23: «A casa das cobras» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O Processo» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Pimenta na língua» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 45: «O ultimo inquilino» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «O Zé faz tudo» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Duas vezes traidor» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «7 noivas para 7 irmãos» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «Amor de perdição» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Mal d'África» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Corre homem corre» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Por um punhado de dólares» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O clã dos homens violentos» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Vale dos Bonecos» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O Criado» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30 «O Clã dos Sicilianos» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Alto lá com Elas» (Revista Teatral) (17 anos)

Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Pistoleiros do Arizona» e «Um leão na minha cama» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS-DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Quando a Primavera acaba» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Adeus Amigo» e «O Segredo das Catacumbas» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O Vilão do Arizona» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A Maluquinha de Arroios» (17 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Comissário X» e «Panteras Azuis» (12 anos).

PORTO

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «O vison voador» (17 anos).
CIRCO MARIANO — Na Avenida Fernão de Magalhães (6 anos).
SÃO JOÃO — Às 2 e 30: «Waterloo» (12 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Tim-Tim e o Templo do Sol» (6 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «A vida íntima de Sherlock Holmes» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «Nem sempre se pode ganhar» (12 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Aeroporto» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Os cavalos também se abatem» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «A furia
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Viagens de Gulliver para além da Lua» (12 anos).

COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Lua, zero dois» (12 anos).
AVENIDA — Às 2 e 30: «Negócios em três continentes» (17 anos).
TIVOLI — Às 2 30: «O Bom Pastor» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Sarilhos conjugais» (17 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (T. 633288) * **Boa Hora**, Rua dos Quartéis, 25-27 (Telef. 537777).
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 712070) * **Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 710465) * **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) * **Paris**, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água (710131).
ALCÂNTARA — Lisbonense, R. Leão de Oliveira, 2-B (Telef. 637020).
ANJOS — Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (Telef. 841122) * **São José**, R. dos Anjos, 41 (Telef. 50730).
ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (Telef. 842152)
AREEIRO — Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 724941) * **Onilda**, Av. João XXI, 13-A (Telef. 726848)
ARROIOS — Oriental de Lisboa — Rua de Arroios, 215 (Telef 45079).
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Franc. Metrass, 59 (663349) * **Ivone, Ld.ª**, R. Silva Carvalho, 232-C (Telef 560760).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (Tel. 680304)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Nieves Costa, 33-35 (Tel. 780181).
CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. Redondo, 9-A (Telef. 533411).
ESTRELA E LAPA — Paivas & Parente, R de Santo António á Estrela, 96-98 (Tel 665196) * **S.A.L. Silva, Filhos**, Rua de S. João da Mata, 74 (Telef. 61010).
GRAÇA — Amali, R. dos Escolas Gerais, 83-A (Tel. 863940).
LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (7909042) * **S. Temé**, Est. do Desvio, lote 12-C (Tel 790704).
MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (T.)81612)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, C Pequeno, 36-B-C (770776) * **Sagres**, Aven. Luís Bivar, 69-70 (47213) * **Cardeira**, Av. Duque de Ávila, 32-C (43495) * **Cosmar**, Av João Crisóstomo, 44-C (40592) * **Universal**, Rua Actor Taborda, 5-7 (Tel 44158).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zire, Praça dos Casais Novos, Lote 66 (T. 310172).
BAIRRO MADRE DE DEUS — Romana, Rua B-7, á Rua Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — Central Farmacêutica, Rua das Pontas de St.º Antão, 88 (321211) * **Unifa**, R. da Vitória, 21 (Telef. 323793).
BELÉM — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, JPM 3 (Telef 610256)
BENFICA — Benfica, Est. de Benfica 678-E (702582) * **Sousa**, Est. Benfica, 429 431 (Telef. 180027) * **Lavinha**, R. Eng.º Paulo de Barros, 28-A (Tel. 708242)
CAMPO GRANDE — Neoterapia Campo Grande 138 (Telef. 774682).
MOURARIA — Tavares, R. da Palma, 94 (863350)
OLIVAIS (Sul) — Higiene — Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 4) (Lote 43 zona poente) (310026) * **São Paulo** — Rua 2 Lote 823 (á Estrada de Moscavide) (Tel 310711).
PENHA DE FRANÇA — Zional, Rua Morais Soares, 56-C (847708).
PICHELEIRA — Mariux, Caiç da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395).
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (Telef 773728).
RESTELO — Tenore — Rua Rodrigo Reinel, 3-A (á encosta do Restelo — próximo dos Moinhos) Telef. 611814).
S. BENTO — S. Mamede R. do Esc. Politécnica 82-B (660280) * **São Bento**, R. dos Poiais de S. Bento, 73 (Tel. 679673).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (833439) * **Martins, Ldª.**, R. Fernão de Magalhães 33 (849448).
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 11 (Telef. (518520).

Linha de Cascais

ALGÉS — Branca Av Como 6 Guerra 49 (Tel 2[illegible]08
CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro 1-A (Te 2[illegible]8[illegible]
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av Patrão Lopes 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058)
PAREDE — Assis Av Gago Coutinho — 8 das Caixas de Previdência (T 2472948
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque 3 (Tel 260 9
CASCAIS — Cardeira, Av.ª Comb G Guerra 40 (T 280170 * **Nova**, Estrada de Alvide — Fontainhas (Tel 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Caveco R. Elias Garcia 109 (Telefone 9300 9 * **Flama**, R Elias Garcia 18-B (Tel 932485) * **Confiança**, Av D Nuno Alvares Pereira 5-A (Te 938 49)
DAMAIA — Damaia — Rua Alexandre Guemão, 9 (Tel 970523)
QUELUZ — Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Telef 950[illegible]7 * **Simões Lopes**, Av Elias Garcia 59 (Telef 950 23
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).
SINTRA — Morrazes, L Afonso de Albuquerque (T. 980055)
COLARES — Colares — Abreia (Tel 299088).

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234137)
ALHOS VEDROS — Guimão — R Candido dos Reis, 30 (Tel 2240208)
ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, (Tel. 270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-B (Telef 224141).
BARREIRO — Higiénica, R D Manuel I, 78 (Telef 227307)
COVA DA PIEDADE — Ramiro Santo — Est. dos Barrocos, 50-A (Telefone 2760182)
MOITA — Silva Rocha, P da República 6 (Tel 239029
MONTIJO — Higiene — Rua José Joaquim Marques, 142 (T. 230370).
SESIMBRA — Leão Av Salazar (Tel 229471)
SETUBAL — Rosado Pinto — P do Bocage, (Te 22484 * **Nova**, Rua General Gomes Freire (Tel 22052)
SEIXAL — Soromenho, R Paiva Coelho 38 (Telefone 2218560)

PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Loureiro, 104 (Telefone 31075) * **Cameira**, Rua do Heroísmo, 90 (Telefone 52583) * **Canavarro**, Rua da Restauração, 53 (Tel 50754) * **Confiança**, Rua de Santa Catarina, 960 (Tel. 22884) * **Costa Cabral**, Rua de Costa Cabral, 1832 (Tel. 40780) * **Figueiredo, Ldª.**, Rua de Cedofeita, 125 (Tel. 2620) * **Fonte do Moura**, Rua de Tânger, 1463 (Telefone 68444) * **Monte dos Burgos**, Rua do Monte dos Burgos 802 (Tel. 52279) **Monte Cativo**, Rua Monte Cativo, 444 (Tel. 4587) * **Nova Avenida**, Av. Fernão de Magalhães, 692 (Telefone 52250) * **Pedrão**, L. do Padrão, 342 (T. 52049) * **Parente**, Rua dos Flores, 114 (Tel 20610) * **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 152 (Telefone 30235) * **Sá da Bandeira**, Rua de Sá da Bandeira, 236 (Tel, 36687) * **Nacional**, Rua Senhora da Luz, 156 - Foz

COIMBRA

São Sebastião — Rua António Jardim (tel. 28802) * **Silcar** — Rua Ferreira Borges (telef. 22923) * **Paiva** — Praça do Comércio (tel. 23231).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

A TEMPERATURA SUBIU DE 4 A 11 GRAUS

Registou-se a partir de ontem, em todo o País, uma subida considerável da temperatura — na ordem dos 4 a 11 graus, segundo informação do Serviço Meteorológico.

Na previsão dos respectivos serviços, para o período de 3 a 15 do corrente as condições meteorológicas médias no continente serão as seguintes: períodos de céu muito nublado, por vezes encoberto; vento moderado de Sudoeste, com rajadas fortes, rondando mais tarde para Oeste moderado; períodos de chuva e aguaceiros; e subida de temperatura.

Apesar da melhoria do tempo (no que respeita ao frio) continuam impraticáveis ou perigosas muitas estradas. A chuva que caiu nas últimas 24 horas deixou os pisos lamacentos e escorregadios, transformando-os em motivo de acidentes, não só para os veículos como para as pessoas que se aventuram na rua.

Bragança: subida de 10 graus

BRAGANÇA, 5 — Devido ao facto de as instalações de aquecimento terem rebentado, deixaram de funcionar a Escola do Ciclo Preparatório de Augusto Moreno, a Escola Técnica e o Liceu Nacional, sendo de crer que outras escolas sejam também obrigadas a fechar.

A temperatura na atmosfera desde a noite de ontem melhorou muito pois passou para 3 graus negativos e hoje, ás 10 e 30, subiu para zero graus, quando ainda durante o dia de ontem a região sofrera uma temperatura de 10° negativos.

Durante a madrugada finda, e após um intenso nevão que durou das 18 ás 22 horas, caiu alguma chuva sobre esta cidade, o que agravou ainda mais o piso e passeios por onde mal se pode andar, devido ás geadas e neve anteriores se terem transformado em verdadeiros lamaçais. O transito rodoviário continua difícil e perigoso.

Temperaturas positivas no norte do País

PORTO, 5 — Depois da chuva que caiu durante o dia de ontem e a madrugada de hoje, o tempo melhorou consideràvelmente no Norte do País, e em alguns pontos as temperaturas já são positivas.

Em Guimarães, onde choveu, a temperatura subiu para 10 graus positivos. Em Braga, a temperatura subiu para 11, também em consequência da chuva.

No Porto, ás 10 e 30 de hoje, o Observatório da serra do Pilar registou 12°,3 (positivos, claro).

Em Vila Real, a temperatura continua negativa: 0,5° na relva.

Continuam negativas as temperaturas em Montalegre

MONTALEGRE, 5 — Esta cidade continua a tiritar, agora com 6 graus negativos. Ontem, a partir das 14 horas, começou a cair uma chuva miudinha que amaciou o tempo, embora a chuva tenha tornado o piso coberto de neve mais perigoso. As pessoas mal se aventuram na rua, pois é trambulhão pela certa...

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Penhas da Saúde, —3°; mínima: Praia do Rocha, 15°,5.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental, o céu estava geralmente encoberto e o vento era fraco, chovia, caíam chuviscos e havia nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 12°; Penhas Douradas, 3°; Coimbra, 9°; Portalegre, 8°; Lisboa, 5°; Faro, 15°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL, ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 11°,5; na água do mar: 11°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Amanhã
Nascer ás 8 e 55
Ocaso ás 18 e 29

Períodos de céu muito nublado; vento fraco a moderado de Oeste; possibilidade de chuviscos; condições favoráveis á formação de nevoeiro matinal nos vales e terras baixas.

Hoje Dia 11 Dia 19 Dia 26

MARÉS

PREIA-MAR: **Hoje** — 10 e 39 (3,5 m); 23 e 7 (3,4 m). **Dia 6** — 11 e 50 (3,4 m). **Dia 7** — 0 e 32 (3,4 m); 13 e 03: (3,4 m)
BAIXA-MAR: **Hoje** —3 e 45 (1,5 m); 16 e 31 (1,5 m). **Dia 6** — 5 e 04 (1,5 m); 17 e 42 (1,5 m). **Dia 7** — 6 e 18 (1,5 m); 18 e 45 (1,5 m).

NEVOEIRO EM LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

as duas margens, foi suspenso ás 7 horas.

Deixaram de circular, quase simultâneamente, os três «ferry-boats» Terreiro do Paço-Cacilhas, os dois Belém-Porto Brandão e os três Belém-Trafaria.

● Só dois «ferry-boats» no rio

Unicamente dois cacilheiros, munidos de radar, estabeleciam, ás 11 horas, ligação entre as duas margens (Cais das Colunas-Cacilhas): «Rio Almansor» e «Nacional». Um terceiro barco, também com radar («Recordação») não entrou hoje em serviço.

Para evitar aglomerações nos ancoradouros, a Polícia Marítima solicitou á Emissora Nacional que difundisse, de tempos a tempos, a impossibilidade de navegação entre as duas margens.

A população da Outra Banda que trabalha em Lisboa serviu-se, na sua maioria, das carreiras de autocarros que utilizam a ponte sobre o Tejo.

A Carris dobrou, pràticamente, o número de autocarros entre as duas margens: os sete habituais foram reforçados com mais cinco.

— *Depende da afluência dos utentes* — esclareceu um funcionário da Carris. — *Temos um expedidor na Outra Banda em permanente contacto connosco. Segundo as necessidades expressas pelo expedidor, enviamos os autocarros exigidos pelo público.*

Além da Carris, também outra empresa de transportes públicos — a Transul — aumentou os veículos em circulação.

A despeito disso, a verdade é que estas medidas só em parte conseguiram diminuir os atrasos e transtornos provocados pelo nevoeiro.

● Aterragens na Portela: só uma

A partir das 8 horas tornou-se impossível a aterragem de aviões nas pistas da Portela.

Quatro aparelhos demandaram outros aeroportos — e só um «Pan-American», vindo de Nova York, conseguiu aterrar, ás 10 e 15, aproveitando uma aberta.

Descolaram três aviões, entre os quais o TAP para o Porto.

— *Esperamos que de tarde sejam já possíveis as aterragens nas nossas pistas* — informou o Movimento. — *A situação deve normalizar-se ás 13 horas.*

Ás 11 e 30, o nevoeiro (informação do Serviço Meteorológico Nacional) começou a dissipar-se sobre Lisboa.

● Barra aberta e velocidade reduzida na ponte

De acordo com os Pilotos da Barra, o nevoeiro, ás 10 e 30, encontrava-se a uma milha da costa.

— *A saída e entrada de navios não foram afectadas pelo nevoeiro* — disseram os pilotos.

Entretanto, na ponte sobre o Tejo, o nevoeiro era «*muito cerrado*», pelo que os veículos circulavam a uma velocidade compreendida entre os 30 e os 40 quilómetros.

Atenuantes de peso num caso de falsificação e abuso de confiança

No 3.º juízo criminal da Boa-Hora, em audiência colectiva, presidida pelo sr. corregedor Serafim das Neves, prestou contas á justiça Aníbal Correia Abrantes, de 46 anos, casado, empregado de escritório, natural de Azinhal, concelho de Castro Marim, incriminado pelos crimes de abuso de confiança e falsificação.

Segundo o despacho de pronúncia, há cerca de dez anos exercia as funções de chefe de escritório de uma firma da Rua Joaquim António de Aguiar, onde tinha acesso a toda a correspondência da firma, como lhe competia movimentar os créditos e débitos, fazer pagamentos, e preencher letras.

Aproveitando-se de tal circunstância, o réu começou, em 12 de Dezembro de 1964, a falsificar letras, apondo nelas, no lugar do aceite, a falsa assinatura de um dos sócios da empresa, e depois de recolhido nas mesmas o nome de outro sócio, descontava-as nos estabelecimentos bancários, ou colocava-as em circulação, recebendo o montante que gastava em seu proveito. Isto até Fevereiro de 1969.

Em 22 de Janeiro de 1968, foi encarregado de enviar um cheque de 50 000$00 á Cooperativa dos Pedreiros Portuenses, no Porto, recebendo-o por preencher, mas já com as duas assinaturas dos dois sócios. Contudo, o Abrantes, no talonário do livro de cheques, o escrevesse como enviado á capital nortenha, passou-o ao Banco Pinto de Magalhães, recebeu essa importância, e, enviou depois uma letra á Cooperativa, onde mais uma vez falsificou uma assinatura. Com as manobras descritas, afirmava o Ministério Público que o incriminado recebeu a quantia de 673 150$80, causando, assim, um prejuízo importante á firma onde estava empregado.

O sr. Correia Abrantes confessou o crime ás autoridades, ás quais se apresentou voluntàriamente, facilitando o cálculo do montante dos desvios, e mostrar-se arrependido do acto.

Discutida a causa e provada a acusação, o colectivo considerou atenuantes de relevância, tais como ter a seu cargo mulher, quatro filhos menores, e ainda uma tia idosa.

O acórdão alude, também, para usar da faculdade especial do artigo 94.º do Código Penal, que o réu, inicialmente, tinha o ordenado de mil e tal escudos, vindo a ganhar, depois, dois mil, e só na altura em que se apresentou ao gerente a confessar o seu acto criminoso, estava, então, a ganhar 4 800$00. Pagava 1800$00 de renda de casa. Teve bastantes despesas com doenças dos seus familiares, e pagou uma intervenção cirúrgica de um familiar. Quando se desempregou, o agregado familiar passou a viver de auxílios de pessoas amigas, passando miséria. Que o réu entregou espontâneamente á firma lesada 6 000$00, o único dinheiro que restava. Levou sempre uma vida modesta, procurando, porém, dar á sua família um nível de vida superior aquele que o seu ordenado permitia. Foi sempre um bom empregado, gosando de boa reputação, de modo a ser estimado pelos gerentes e empregados. Agiu com imperfeito conhecimento dos resultados do crime e procedeu com intenção de produzir um mal menor.

O acórdão, numa outra passagem, salienta que o réu dedicava um grande amor á família, levou-o a procurar para esta um bem-estar superior aquele que lhe podia dar, pois o seu ordenado era muito reduzido, especialmente, tendo em conta o grande movimento de transacções da firma lesada que atingiam anualmente cerca de 25 000 a 30 000 contos, e a qualidade de chefe de escritório que o réu ali desempenhava.

Concluindo, o tribunal, por todas as circunstâncias apontadas, baixou a pena maior para correccional, condenando-o em 20 meses de prisão, 75 dias de multa a 30$00 por dia, convertidos em dias de prisão, e na indemnização de 630 contos á firma queixosa.

O condenado recolheu novamente á cadeia para cumprimento da pena imposta.

Dois comboios de passageiros chocaram em Pinhal Novo

• Treze feridos (mas nenhum grave)

PINHAL NOVO, 5 — Dois comboios de passageiros chocaram, hoje de manhã, na estação desta localidade, provocando treze feridos e importantes prejuízos no material. O choque deu-se pouco depois das 7 horas. Quando o comboio n.º 9948 estava parado na linha 1, e pronto para seguir para o Barreiro, entrou na mesma linha o comboio n.º 9949 com destino a Praias-Sado, de onde o embate.

Dois feridos, apenas dois receberam tratamento no hospital e só um, o sr. Rafael Campos, guarda-freio de 1.ª, foi transportado para o Hospital de S. José, em Lisboa, não sendo porém grave o seu estado.

Com a linha n.º 1 impedida, o tráfego tem estado a ser feito pelas linhas 2 e 3, o que provoca alguns atrasos. Espera-se, no entanto, que tudo fique normalizado ainda hoje.

Entretanto, começou já a ser elaborado um inquérito para apurar as causas do acidente.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

VESPISTAS precisam-se
para condução de Vespas de cabina fechada na zona de Lisboa
PAGA-SE BEM
INFORMAÇÕES:
SR. JAIME SANTOS
RUA CASTILHO, 185-1.º — LISBOA

CONCURSO PARA PROFESSOR DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

PORTO, 5 — Começaram de manhã e prosseguem durante a tarde as provas do concurso para professor extraordinário do 6.º grupo da Faculdade de Medicina (Propedêutica Médica e Semiótica Laboratorial, Patologia Médica, Clínica Médica, Terapêutica Médica e Clínica das Doenças Infecciosas).

São concorrentes os drs. Manuel da Fonseca Pinheiro Coelho Hargreaves, João de Sousa Guedes Pereira Leite, Fernando de Carvalho Cerqueira, Magro Gomes Ferreira e Mário José Cerqueira Gomes Braga.

Clay foi o culpado...

BONAVENA DEMORA A RECUPERAR

NOVA YORK, 5 — (A. N. I.) — Foi adiado, de 22 de Janeiro para 12 de Fevereiro, o combate entre os pugilistas «pesados» Floyd Patterson e Oscar Bonavena.

O adiamento do combate, que se disputará no Madison Square Garden, é feito a pedido de Bonavena, cujos médicos o aconselharam a descansar mais depois da derrota sofrida, em 7 de Dezembro último, contra Cassius Clay.

Escola de Belas-Artes

Foi concedido o título de professores agregados pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, após concurso público, aos escultores Miguel Arruda e Carlos Amado dos Santos e aos pintores José Candido, J. Justino Alves e J. M. Rocha de Sousa.

Exclusivo

UM VELHO PADEIRO FAZ TREMER O REGIME DE BRANDT

BONN &

Um homem aparentemente simples e sem importância saiu do anonimato e dos mais obscuros recessos do silêncio na pátria do sr. Willy Brandt. Esse homem, Karl Geldner, padeiro de profissão, fez incidir sobre si os holofotes da política de Bonn. Este facto evidencia as virtudes (ou as fraquezas) do regime político da República Federal Alemã. E a fragilidade com que Brandt governa um dos mais prósperos países da Europa Ocidental.

Por JOE ALEX MORRIS JR.

WILLY BRANDT

ATÉ MUITO recentemente, quase ninguém tinha ouvido falar de Karl Geldner, um mestre padeiro, calvo, natural da Baviera.

Hoje é uma celebridade. O seu nome, muito embora não esteja na boca de toda a gente, ilustra a capa da mais importante revista noticiosa da Alemanha Ocidental, e é objecto de, pelo menos, dois casos judiciais

O que teria tornado este político obscuro e de segundo plano numa tal celebridade?

Apenas isto: à luta dura, secreta e sem regras para derrubar o Governo de alguns anos do Chanceler Willy Brandt, o primeiro regime dirigido por socialistas nos 20 anos da história da República Federal.

Brandt assumiu o poder com um engenhoso plano destinado a eliminar as tendências do passado e lançar a Alemanha Ocidental numa nova e vigorosa era, quer no plano nacional, quer no internacional. Todavia, desde o início que existia uma dificuldade: Brandt precisava que o pequeno Partido Democrático Livre lhe desse uma maioria, aliás difícilmente praticável, de 12 votos nos 494 lugares do «Bundestag», o Parlamento Federal.

Mas para alguns dos 30 democratas livres no Parlamento, a mudança da sua tradicional aliança com os cristãos-democratas para uma aliança com os socialistas era demasiado. Três passaram-se para as fileiras da Oposição, pelo que a maioria de Brandt desceu agora para seis.

É nesta altura que Geldner e os restantes democratas livres do «Bundestag» assumem uma posição importante. Só mais três deserções e Brandt perderá a sua maioria parlamentar.

A tentação experimentada pela Oposição tem sido grande. Geldner e, segundo se crê, outros doze deputados do Partido Democrático Livre têm estado sujeitos a um «namoro» intensivo — em todo o caso pouco correcto de acordo com os padrões alemães — por parte de elementos da Oposição.

Por razões que ainda não são suficientemente claras, Geldner colaborou no jogo, aceitando um lugar de conselheiro que lhe foi oferecido pelo fabricante de sacos de papel Anton Beyer, que lhe renderá para cima de 100 mil dólares no decurso dos próximos quatro anos.

Beyer é um ex-membro do Partido Democrático Livre que não aceitou a tendência do Partido para as esquerdas, e membro fundador da Acção Liberal Nacional, formada por políticos da extrema-direita do Partido Democrático Livre que romperam com o mesmo.

Geldner afirma que o dinheiro se encontrava ligado a uma promessa feita por ele de abandonar o Partido Democrático Livre e juntar-se à União Social Cristã de Franz Josef Strauss, a ala bávara da Oposição Federal. Existe uma grande controvérsia sobre este facto.

ARMADILHA

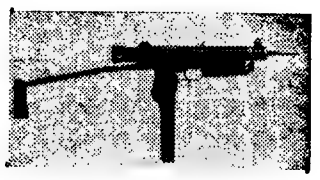
O que se não pode negar é que Strauss tomou involuntàriamente parte numa armadilha. Assinou uma declaração dando as boas-vindas a Geldner pelo ingresso nas fileiras do seu partido e comprometendo-se também a assegurar-lhe um lugar no Parlamento nas próximas eleições federais.

Strauss admite igualmente que os contactos que levaram à troca de partidos por Geldner foram feitos pela Acção Liberal Nacional.

O resultado foi classificado por um observador alemão ocidental como o maior escândalo da curta história do Parlamento da Alemanha Ocidental. Todos desempenharam um papel pouco limpo no assunto, com especial destaque para Geldner, que se considera «um honrado comerciante e um intransigível democrata».

O escândalo eclodiu numa sexta-feira, dia 13 de Novembro. Inesperadamente, a União Social Cristã anunciou, orgulhosamente, a deserção de Geldner a favor da sua causa e, alguns minutos mais tarde, o Partido Democrático e Geldner afirmaram que tudo aquilo não passava de

→



O «stop» às armas

São os interesses da própria Humanidade que obrigam a parar. Corre-se o risco de ver aumentar o número dos membros do clube atómico. O «stock» crescente de armas avoluma também o perigo de um conflito atómico.

(págs. 4 e 5)

Chianca escreve do Rio

Não perto da árvore de Natal, porque Chianca de Garcia é contra o «Natal sofisticado». Mas da praia de Copacabana, entre duas rochas, de ouvido bem aguçado para escutar o mar...

(página 9)

E' NOTICIA, ENCONTRA-A NO Diário de Lisboa

VARSÓVIA

A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NAS REGIÕES ATRASADAS DO LESTE EUROPEU

Por DAN MORGAN

No decurso dos anos, o Ocidente elaborou um sistema convencional para apreciar os Estados «satélites» da Europa Oriental. A tendência é classificá-los segundo as reacções ao domínio soviético no exterior, e às divergências políticas e pressões no sentido de reformas económicas no interior.

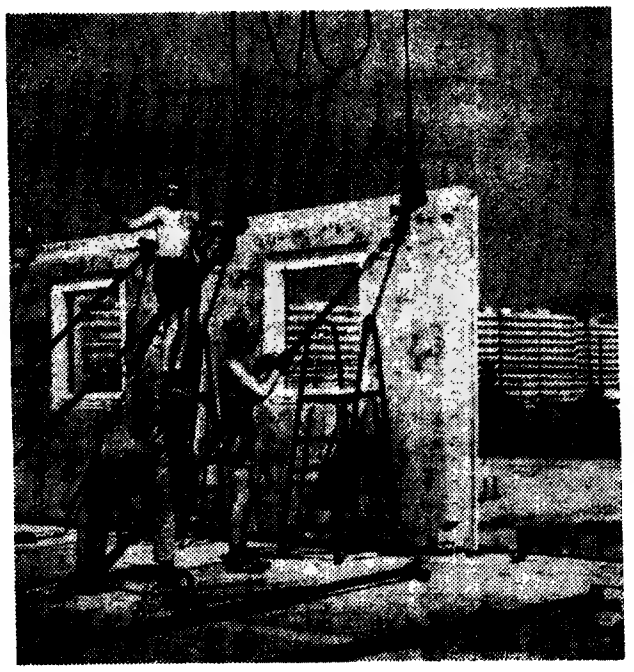
O problema é que este método não é suficientemente seguro para nos ajudar a compreender um outro género de revolução lenta, que constitui talvez o motivo de maior tensão hoje em dia no mundo comunisa do que o próprio dogmatismo comunista. Trata-se da influência exercida pela tecnologia, a industrialização e a urbanização de um certo número de Estados que, há vinte e cinco anos, eram regiões rústicas e atrasadas.

Existem ainda zonas rurais atrasadas em toda a Europa Oriental, e a cultura e a arte continuam impregnadas da influência da aldeia e da terra, mas o futuro reside, como em qualquer outra parte, na cidade, na fábrica e no computador.

A Polónia, a Hungria, a Bulgária a Roménia e (fora da influência soviética directa) a Jugoslávia, passaram do estádio semi-industrial. A Checoslováquia e a Alemanha Oriental, que se encontravam bastante desenvolvidas antes de 1945, enfrentam agora problema resultantes da tecnologia de que nunca duvidaram.

A industrialização da Europa Oriental proporcionou, evidentemente, resultados de que os comunistas se podem sentir orgulhosos. Por exemplo, o rendimento «per capita» passou de 96 dólares em 1938 para 750 dólares presentemente. E este país, que enviou cavaleiros armados de sabres contra a «Wermacht» de Hitler em 1939, gaba-se agora de possuir um poderoso e moderno exército e tendo produzido o seu próprio computador, «Odra».

O rendimento nacional da Hungria aumentou duas vezes e meia desde 1950 enquanto que a taxa de progressão foi apenas



Reformas económicas desde que conservem o sistema igualitário

de 25 por cento entre 1929 e o começo da última guerra. Entre 1960 e 1969, a produção industrial da Bulgária e da Roménia revelaram uma progressão anual de onze por cento.

O lado sombrio deste quadro reside no nevoeiro cinzento e enegrecido pelo fumo que cobre a linha do céu em Belgrado, Budapeste e Praga, no metropolitano de Budapeste, de construção recente e já superlotado, nos cortes de corrente que fazem desaparecer as luzes e parar as cadeias de produção e na crise endémica da habitação.

A penúria de determinados víveres e os problemas de distribuição mostram de um modo evidente, que a agricultura constitui o sector esquecido do período do pós-guerra, o que é documentado pelo facto de a contribuição da agricultura no produto bruto nacional diminuir em cinquenta por cento na Europa Oriental desde 1945.

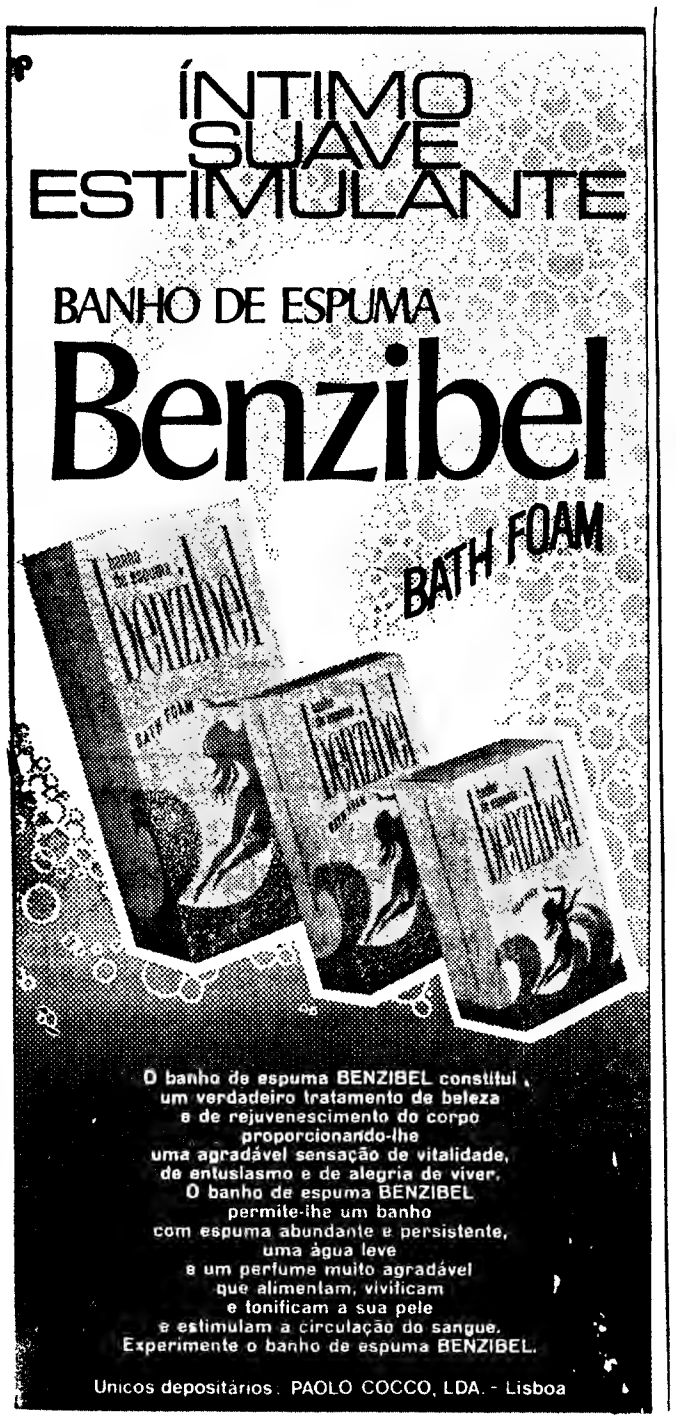
Talvez ainda mais inquietante do que estas manifestações de desconforto físico é a revelação feita por fontes oficiais polacas, que em 1975 faltarão 5 000 diplomados para trabalharem na economia.

Estes problemas, que se acumulam, são produto da idade tecnológica, mas devem-se igualmente a uma má gestão. Não se trata, pois, de uma coincidência que palavra tais como «Management» e «Eficiência» comecem a penetrar na gíria comunista.

Seria prematuro concluir, em virtude desta nova exaltação da eficiência, que está iminente a tomada de poder pelos tecnocratas. Os homens que governam a Europa de Leste nem sempre são engenheiros ou antigos directores de fábricas, mas, acima de tudo, profissionais do partido. Todavia, á medida que os problemas causados pela revolução industrial se acumulam, torna-se evidente que os pragmatistas — chamemos-lhes os «tecnocratas», «realistas» ou «elite directiva» — têm cada vez mais uma palavra a dizer

BENEFÍCIOS TECNOLÓGICOS

Foram os «pragmatistas» polacos que contribuiram no sentido da evolução da política antialemã ocidental do seu país, em 1969. Na verdade, eles compreenderam que um clima político mais normal permitiria o aproveitamento dos benefícios tecnológicos de Bonn. A evolução pragmática da Hungria foi recebida favorávelmente pelo próprio chefe do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev. Até mesmo nesta fortaleza da reacção e do conservantismo que é a República



UM VELHO PADEIRO

um estratagema arquitectado com o fim de mostrar ao mundo até que ponto Strauss e os seus adeptos iriam para conseguir os seus objectivos.

Parece não existirem quaisquer dúvidas de que o Partido Democrático Livre arquitectara toda a operação com o fim de desencorajar outros membros vacilantes a desertar das suas fileiras. Em várias ocasiões no decurso deste ano, o Partido pareceu estar perigosamente perto da dissolução, incluindo aquelas em que foi desalojado de dois Parlamentos estaduais aquando de eleições regionais.

ARDIL

O escândalo Geldner eclodiu uma semana antes das eleições no Estado da Baviera, mas o seu efeito não se fez notar, tendo o Partido de Strauss conseguido resultados impressionantes.

O Partido Democrático Livre reentrou no Parlamento estadual após quatro anos de esquecimento político. Todavia, este facto deveu-se menos a qualquer escândalo do que à árdua campanha levada a cabo pelo seu principal candidato, um atraente funcionário público superior de Bonn.

O escândalo teve como resultado a revelação de outros factos pouco edificantes há muito sepultados nos recônditos da intriga de Bonn. Dois dos principais desertores da Acção Liberal Nacional revelaram (ou alegaram) que os democratas livres lhes tinham oferecido convidativos empregos na burocracia federal no caso de desistirem dos seus lugares no Parlamento.

No caso de terem aceite, teria sido possível ao Partido substituí-los por indivíduos mais manejáveis.

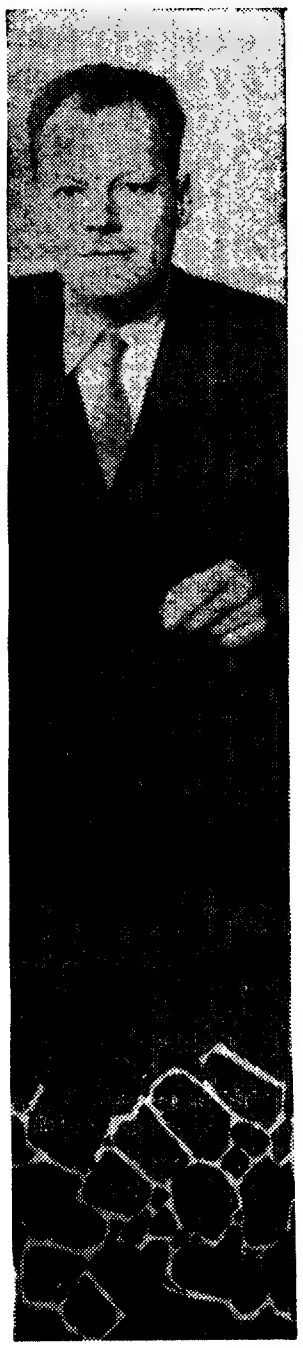
Como é natural, por toda a parte houve muitas manifestações de legítima indignação, algumas das quais parecem, porém, muito estranhas partido de políticos profissionais ligados ao caso.

Strauss, por exemplo, classificou o caso de «Lumpenstueck» — um desprezível ardil.

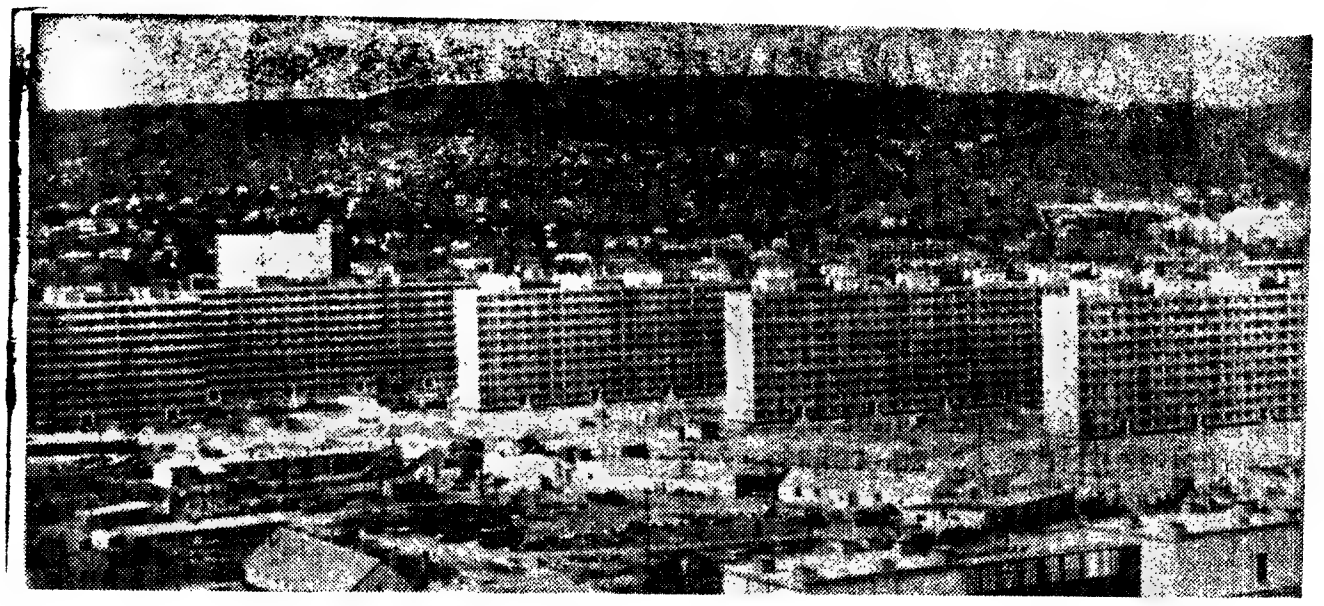
O «leader» parlamentar do Partido Democrático Livre, Wolfrang Mishnick, que tomou parte activa na armadilha preparada a Strauss, declarou sem se mostrar de algum modo confuso: «Nunca na história alemã do pós-guerra aconteceu uma coisa semelhante».

Todavia, o comentário mais sinistro ficou a dever-se a um estadista idoso pertencente ao Partido Democrático Livre, William Borm. O caso Geldner, declarou ele, apenas constituiu o cume do «iceberg» e, por debaixo das águas escuras, «círculos muito influentes» estavam a tentar derrubar o regime.

Eram estes os mesmos círculos que, duas vezes na história recente, tinham derrubado o Estado alemão. Borm referia-se a poderosos interesses industriais e políticos da extrema-direita que estão dispostos a usar quaisquer métodos para arrancar o poder ao regime de Brandt.



Brandt — vítima de um «namoro» da oposição?



A industrialização e a prosperidade estimulam mais do que acalmam as tensões entre as diversas camadas sociais

da Sérvia, na Jugoslávia, foi possível aos tecnocratas e aos «managers» modernizar o partido e a máquina económica.

Contudo, é um facto bastante evidente que a industrialização e a prosperidade relativa resultantes estimulam, mais do que acalmam, as tensões entre as diversas camadas da sociedade da Europa Oriental. Na Hungria, por exemplo, os operários queixaram-se de que o novo sistema de encorajamento da produção que recompensa as iniciativas reverte sobretudo a favor dos directores e dos feitores.

Na Jugoslávia, especialmente no Norte, onde o movimento operário existe há muito tempo, os políticos advertem que a tecnocracia directiva está a monopolizar o poder nas fábricas, sobrepondo-se deste modo ao sistema instituído pelo presidente Tito de gestão autónoma pelos operários.

E, devido em parte à industrialização do pós-guerra, é muito possível que a própria classe operária esteja a mudar de tal modo que se afaste das novas elites, a da jovem «meritocracia» dos filhos e filhas do partido, dos «managers» e mesmo, de certa maneira, da classe média, a qual se desenvolveu rápidamente a partir de 1945.

«A resistência ás reformas sociais parte não só dos burocratas reconhecidos como tal», afirmou um comentador polaco, «mas também da nova classe operária que se encontra a menos de uma geração de distância dos camponeses, e, assim, mais perto das atitudes conservadoras e católicas da aldeia polaca. Sentem-se seguros com um apartamento de três divisões e um frigorífico, e pensam muitas vezes que isso é suficiente para uma geração».

Afirma um outro jornalista polaco: «A questão é que nós desejamos reformas económicas, mas queremos também conservar o sistema igualitário. Mas como fazer as duas coisas?»

DESAFIO PERMANENTE

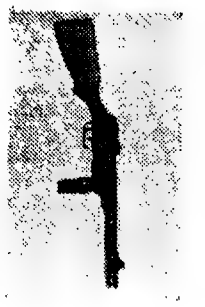
Esta questão inquieta alguns comunistas da Europa Oriental, os quais continuam a tomar a sério a ideologia, incluindo um certo número de jovens estudantes idealistas. Todavia, os mais velhos, que desfrutam plenamente da sua nova prosperidade, revelam poucas simpatias por estes temores.

Nos próximos dez anos, os dirigentes comunistas da Europa Oriental poderão ver-se obrigados a enfrentar um permanente desafio feito ao seu governo rígido pelo simples facto da vida que conduz cada vez mais as sociedades tecnológicas complicadas. É possível que isso se torne numa ameaça mais séria ao seu poder do que todos os protestos dos escritores, intelectuais e estudantes dos últimos vinte anos.

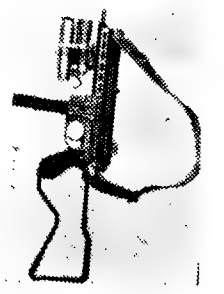
Exclusivo

Karl Geldiner: de padeiro obscuro a oposicionista temido por Willy Brandt. A crítica de um sistema político ou a condição efectiva de uma democracia moderna (págs. 1 e 2).

A Europa Oriental sofreu muitas e profundas transformações. De ordem técnica e científica. Mas o progresso também tem o seu preço. Os homens despertam do vácuo e da necessidade. E as tensões crescem (pág. 3).



Alto aos armamentos. O perigo aumenta. Os senhores possuidores da bomba A e H tendem naturalmente a multiplicar-se. E o armazenamento das armas redobra as hipóteses de um conflito nuclear (págs 4 e 5).



Como reage o cidadão britânico às «dificuldades» económicas da rainha? Essa reacção difere segundo as idades? Qual é de facto a fortuna da rainha? Quantos homens se encontram ao serviço da soberana? Uma série de interrogações a que encontra resposta no artigo número dois da série «O preço de uma coroa» (pág. central).

Da praia de Copacabana, à escuta do mar, Chianca de Garcia envia mais uma missiva do Rio de Janeiro. Não se alonga muito sobre o Natal. Mas fala de literatura, de autores brasileiros, da sua experiência e das suas amizades, mesmo ali à beira (pág. 9).

A vitamina C cura ou evita as constipações? É inofensiva ou perigosa? Há, porém, indícios que levam a crer não ser totalmente inofensiva para as mulheres grávidas. Daí a necessidade de atenção. Na pág. 8 pode ler-se um artigo em que se fala detalhadamente da vitamina C e dos estudos feitos sobre a mesma através do mundo.

No deserto do Negev está em curso uma invulgar experiência para transformar a imensidão arenosa em terreno fértil (pág. 10).

Oman, um pequeno sultanato (que não quer ser um sultanato pobre) viu nascer novas esperanças de um futuro mais próspero. O novo sultão derrubou o pai e promete dias melhores. Só promessas? (pág. 11).

Hughes, o milionário, dono de um autêntico império de companhias. É possível que tenha apenas 200 milhões de dólares... E quem o conhece? (pág. 12)

7 dias 7

ESPERANÇA PARA OS DOENTES DOS RINS

Milhões de pessoas estão ameaçadas, sem o saber, pela pielonefrite, uma infecção dos rins e dos ureteres, causada por bactérias. O seu reconhecimento precoce e respectivo combate encontram-se portanto no centro dos intensivos esforços científicos e médicos. Novos e eficientíssimos remédios, porém, podem agora evitar as graves consequências de uma enfermidade renal crónica, inclusive uma intoxicação mortal da urina — informaram os investigadores no III Congresso Internacional de Pielonefrite, em Bad Salzerflen.

GREVE DE ZELO NO AEROPORTO DE LONDRES

Os empregados das companhias aéreas britânicas decidiram prolongar a sua greve de zelo que durante mais de 10 dias bastante perturbação causou no aeroporto de Londres.

Os funcionários reclamam um aumento de salários da ordem dos 7 a 10 por cento. As direcções das companhias B. E. A. e B. O. A. C. não oferecem mais de 4,5 por cento.

DENUNCIADA A SITUAÇÃO DOS NEGROS NOS ESTADOS UNIDOS

Os escritores James Baldwin e Jean Genêt denunciaram a situação dos negros nos Estados Unidos a discriminação de que são vítimas e particularmente «a campanha de extermínio» conduzida contra certos grupos revolucionários como os Panteras Negras.

No decurso de uma reunião em Paris no centro americano para estudantes e artistas aqueles escritores declararam que «o racismo é o principal problema dos Estados Unidos não sendo a guerra no Vietnam senão um dos seus sintomas».

A reunião realizou-se por ocasião do processo contra os três negros acusados de assassínio de um guarda na prisão de Soledad na Califórnia. O advogado John Thorne, defensor de um dos acusados expôs as condições nas quais é obrigado a fazer a defesa do seu constituinte, George Jackson, cujo livro Soledad Brothers, **deve ser publicado brevemente pela Gallimard.**

A MARIJUANA FAZ PIOR DO QUE PARECE

Cientistas trabalhando para o Governo americano, incluindo um Prémio Nobel 1970, anunciaram a semana passada que a «marijuana» permanece no sistema

sanguíneo durante mais de três dias.

Além destes, leva mais de oito dias ao corpo humano a libertar-se dos vestígios da «marijuana», segundo outros investigadores do Instituto Nacional de Saúde Mental.

Os cientistas concluíram os primeiros estudos feitos desde sempre no comportamento da marijuana no corpo humano e chegaram ao resultado de que a droga e os seus produtos correlativos se instalam nos tecidos, através de administração regular, de uma maneira crónica.

Isto pode ser uma explicação para a pouco usual «tolerância» com que a marijuana é aceite pelos consumidores habituais, dizem os cientistas.

A equipa de cientistas incluí o dr. Julius Axelrod que ganhou o Nobel 1970 para a Medicina, pelos seus estudos de química cerebral.

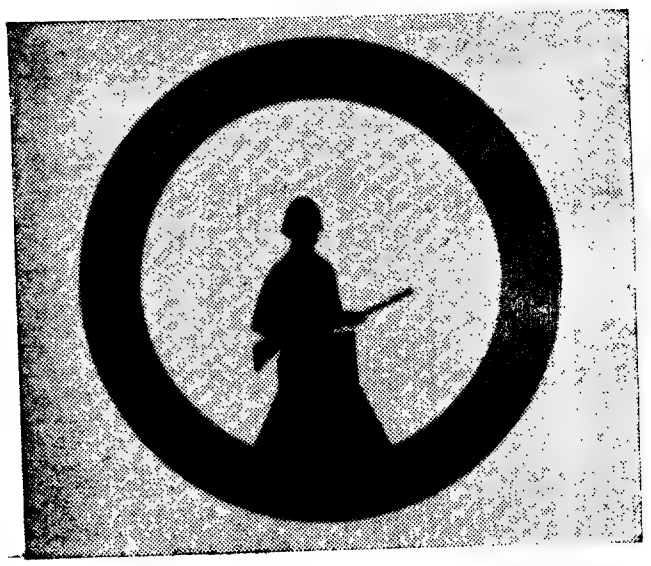
O frequente uso de marijuana — dizem eles — pode produzir enzimas que aceleram a reacção á droga.

OS MOTORISTAS ALEMÃES QUEREM TER MELHORES ESTRADAS...

Segundo o resultado de uma pesquisa de opinião publica, 80 por cento dos motoristas da Republica Federal Alemã estão dispostos a pagar mais um escudo, imediatamente, por litro de gasolina ou óleo diesel, se com este dinheiro fossem construídas estradas melhores e se fossem solucionados os problemas de transito nas regiões urbanas. Informa o Instituto Wieckert de Tuebingen, autor deste inquérito, que o inesperado resultado se baseia nas respostas de 1687 motoristas de todo o país, inquiridos durante 12 dias.

DIÁRIO DE LISBOA, 5 DE JANEIRO DE 1971
EXCLUSIVO SUPLEMENTO SEMANAL DO
Diário de Lisboa

COPYRIGHTS DE «LE MONDE» «WASHINGTON POST» «LOS ANGELES TIMES» E «PUNCH»



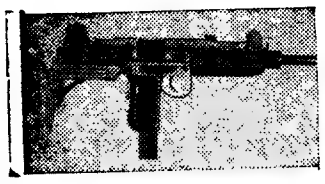
ARMAMENTOS:

Por JOSHUA LEDERBERG

(O Dr. Lederberg é um professor de genética distinguido com o prémio Nobel, que se interessa também pelo estudo da corrida aos armamentos e dos esforços no sentido de se conseguir o seu controle.)

WASHINGTON

As conversações para a limitação dos armamentos estratégicos, que serão retomadas no próximo mês em Helsinquia, são apontadas como a chave da sobrevivência do mundo durante a próxima década. Mesmo se considerarmos a corrida aos armamentos como um resultado da política internacional, em vez de um ser vivo e demoníaco dotado de existência independente, ninguém põe em duvida o interesse de que se revestem as tentativas no sentido de se chegar a uma limitação prática da espiral dos armamentos.



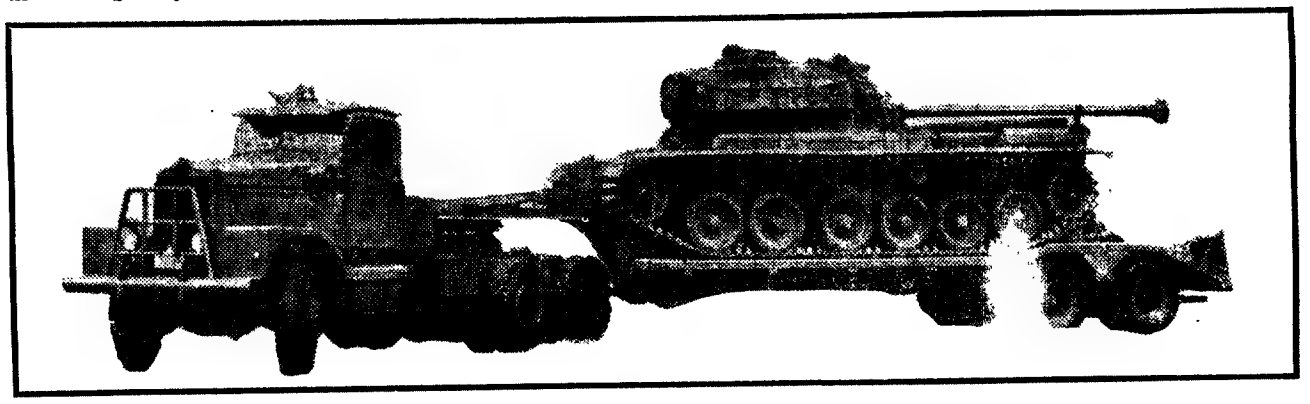
Os investimentos que se fazem neste domínio resultam da interacção de forças políticas nacionais e internacionais, bem como de acordos negociados. Todavia, mais do que qualquer outro processo, estes acordos formais obrigam-nos a examinar as suposições que servem de base á nossa estratégia de defesa e de conciliação.

Em minha opinião, a função mais importante das conferências para a limitação dos armamentos reside no seu valor educacional para os participantes, de modo que os responsáveis pela política de cada país possam melhor compreender toda a extensão dos seus interesses nacionais. Seria, pois, um erro avaliar a importancia das negociações diplomáticas unicamente em termos dos acordos formalmente concluídos.

Na opinião dos países pobres, a corrida aos armamentos pelas superpotências absorveu os recursos susceptíveis de serem utilizados no financiamento do desenvolvimento internacional. A sua pressão política (tal como a ameaça implícita de que a Índia poderia tornar-se um membro do clube atómico) constitui, sem duvida, um dos principais factores que levaram os Estados Unidos e a U.R.S.S. á mesa da conferência em Viena, Helsinquia e Genebra.

Se da limitação dos armamentos presentemente a ser negociada resultará uma economia apreciável para os respectivos orçamentos de defesa, é, todavia, problemático. Tal benefício pode ser uma consequência a longo prazo da estabilidade política, que constitui o principal objectivo da política estratégica; num futuro próximo, porém, é mais provável que se verifique apenas uma transferência das despesas para os programas — tais como lançadores de mísseis submarinos — não incluídos nos acordos.

Outro argumento a favor do «contrôle» dos armamentos é que a própria acumulação de «stocks», com todo o seu vasto potencial destruidor, torna mais provável a eclosão de um conflito nuclear. Existe uma certa verdade neste argumento. A tecnologia das armas nucleares é susceptível de se tornar conhecida e proliferar em determinada proporção com o esforço total que lhes é dedicado. O tratado de não-proliferação teria sido desnecessário se cada país não-nuclear se visse primeiro obrigado a financiar um projecto semelhante ao de Manhattan a fim de aprender a fabricar a bomba. Além disso, a possibilidade do lançamento não autorizado de uma arma nuclear por um motivo acidental ou qualquer outro, com todas as suas consequências catastróficas, é maior quanto maior for o numero de armas existentes.



Tem-se admitido a hipótese da destruição total do inimigo num ataque de surpresa (com uma pequena percentagem do seu «stock» nuclear qualquer das superpotências poderia fazer desaparecer a civilização da face da Terra), mas um dissuasor razoável é ainda susceptível de causar considerável destruição depois de ter absorvido esse primeiro ataque. A possibilidade de destruição total é, precisamente, o factor estabilizador do sistema que torna improvável a utilização, num momento de irritação, de uma arma nuclear. A partir deste ponto de vista, é despropositado discutir-se paridade nuclear, suficiência ou superioridade em termos do numero de mísseis, muito embora este jogo estar hoje em dia na moda. A exacta localização das bases de lançamento de mísseis, a precisão de orientação, o acerto na escolha dos alvos, a segurança do comando e do «contrôle» e, acima de tudo, o conhecimento que o inimigo tem do nosso dispositivo, todos estes factores são agora muito mais importantes sob o aspecto dissuasório do que a publicidade feita á volta do numero de mísseis ou de cabeças nucleares.

A função essencial das armas estratégicas é assegurar que elas jamais sejam utilizadas por qualquer das partes, e que qualquer ameaça nesse sentido conduza á estabilização, e não ao agravamento, das relações entre nações competidoras.

Verificando-se, hoje em dia, um empate na corrida aos armamentos, com

UMA COLECÇÃO DE ESPINGARDAS MAIS CARA QUE 3 «ROLLS ROYCES»

O PROBLEMA da esposa que se preocupa com o que há-de oferecer, pelo Natal, ao marido cujo passatempo favorito é o tiro ao voo foi hàbilmente solucionado por Holland and Holland, os famosos fabricantes britânicos de armas de fogo. Trata-se de uma colecção de cinco espingardas de caça semelhantes, que se vendem, juntamente com os respectivos estojos e um armário em madeira preciosa, pela insignificante soma de 23 mil libras (cerca de 1600 contos).

Ela podia, naturalmente, adquirir dois ou três Rolls Royces novos por aquela importância, mas qualquer desportista preferiria as espingardas. Trata-se, sem a menor dúvida, da mais soberba colecção de espingardas de caça jamais fabricadas. Duas são de calibre 12, duas de 20 e uma de 28, todas de cano duplo.

Conhecidas pela designação de «A colecção de cinco de 1970», estas maravilhas foram postas em exposição no Aspreys, um luxuoso antiquário de Bond Street.

As coronhas, feitas em nogueira cor clara e fortemente ondulada, proveniente do noroeste da Pérsia, são tão semelhantes que quase se não distinguem umas das outras, quando colocadas lado a lado. Diversos partes das espingardas apresentam gravuras reproduzidas de quadros do grande pintor britânico da vida selvagem, Archibald Thornburn, representando 15 espécies diferentes: patos selvagens, gansos do Canadá, faisões, galos silvestres, perdizes e até uma ave americana conhecida pelo nome de «bob white».

O armário, de dimensões consideráveis, é fabricado em madeira preciosa proveniente do Brasil, forrado de coiro escocês de cor bege. Os estofos, em prateleiras dispostas sob os suportes, são em «calf», havendo ainda três sacos destinados aos cartuchos e um depósito para pólvora. Além disso, existe um jogo completo de chaves de parafusos com cabos de marfim, varetas para limpeza, escovas para limpeza douradas, bem como caixas em marfim contendo peças sobressalentes para todas as espingardas.

DOIS ANOS PARA UMA ENCOMENDA

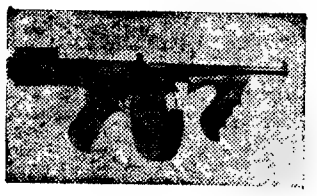
Os operários levaram uma média de 1300 horas para cada arma, cerca do dobro do tempo necessário para Holland and Holland» fabricar uma arma vulgar.

A firma, que fabrica apenas cerca de 100 armas anualmente fez uma colecção semelhante em 1968, que vendeu pelo mesmo preço a uma cliente não identificada de Wilmington, Delaware, a qual a ofereceu de presente ao marido.

O jogo de duas espingardas de calibre 12 e 20 constitui aqui uma necessidade. Os faisões e os galos silvestres são normalmente «empurrados» pelos batedores para junto dos locais onde se encontram os atiradores; as aves aproximam-se demasiadamente depressa e em grande número para permitir que o atirador volte a carregar ele próprio a sua arma. Por esta razão, ele dispõe de um ajudante ao qual entrega a arma por carregar, recebendo em troca uma arma já carregada. Trata-se de uma operação rápida e curiosa.

Falta acrescentar que, no caso de você, ou a sua mulher, não disporem de 55 mil dólares, e você desejar antes uma espingarda de caça Holland and Holland fabricá-la de acrdo com as indicações por apenas» 4000 dólares. O prazo de entrega todavia, é de dois anos.

PARAR PARA SOBREVIVER



resultados mais positivos do que se teria podido esperar há 25 anos, os perigos principais desta corrida consistem nos seus efeitos marginais quer nas políticas internacionais, quer nas nacionais. A consequência mais séria é uma ansiedade e suspeita permanentes de que possíveis descobertas técnicas possam pôr termo a esse empate.

Por um lado, este facto conduz a uma crescente desconfiança mutua acerca das intenções e planos de cada uma das partes. Por outro lado, tem como resultado uma pesquisa constante da tecnologia que permita «ser o primeiro a descobrir».

Desnecessário dizer que o ideal seria conseguir-se um mundo em que a defesa tivesse uma margem considerável sobre o ataque, mas como conseguir isso senão por meio de acordos mutuos cuidadosamente fiscalizados? Entretanto, o equilíbrio existente será desfeito e o mundo correrá o risco de qualquer dos lados se ver obrigado a desencadear um ataque preventivo. Na melhor das hipóteses, ambos os lados tentariam duplicar o numero das suas armas ofensivas a fim de conservar o respeito pelo seu poder de retaliação.

Na realidade, a segurança depende apenas parcialmente de inovações técnicas, e muito mais de maiores esforços no sentido de estabilizar a segurança mundial.

Em 1961, Leo Szilard, já falecido, escreveu uma obra de ficção «As cidades minadas», na qual as superpotências tinham trocado entre si a capacidade de destruição assegurada ao permitirem que as cidades principais fossem minadas pela outra parte. A ideia tem sido discutida de tempos a tempos mas, tal como acontece com outra sugestão de que se multiplica a segurança mundial dando-se a cada país quatro bombas atómicas, faz a uma engenhosa metáfora a pior injustiça ao tomá-la demasiadamente á letra. A finalidade é, porém, demonstrar que as nossas cidades são reféns umas das outras, quer as bombas se encontrem debaixo do solo, quer necessitem de ser transportadas por um foguetão no espaço de 30 minutos.

A construção de uma base de mísseis soviética em Cuba, ou a existência de bombardeiros americanos na Líbia, provocaram complicações políticas quase tão inaceitáveis como a concessão de direito de extraterritorialidade na capital dos Estados Unidos a um grupo de soviéticos portadores de bombas. E qual seria o papel dos franceses e dos chineses?

O não desdobramento de uma defesa antimísseis balísticos equivaleria á diminuição das despesas com o sistema de reféns, com o menor numero de efeitos marginais. Os «Mirv» (mísseis de cabeças multiplas), por outro lado, complicam as equações do dissuasor, pois dão ao país que primeiro atacar uma maior possibilidade de destruir o dissuasor da outra parte.

Quando os responsáveis se derem conta das enormes possibilidades dos «Mirv», verificaram simultaneamente a dificuldade de se exercer um «contrôle» efectivo do seu desenvolvimento posterior. Talvez o adiamento até agora das conversações sobre os armamentos se deva ao facto de ambas as partes desejarem poder estudar cuidadosamente todas as implicações dos «Mirv».

A maior ansiedade acerca de um ataque-surpresa na próxima década — enquanto ambas as partes aumentam o numero dos seus navios portadores de mísseis — é que novas descobertas possam fazer perigar a invulnerabilidade do submarino. É absolutamente inconcebivel que a detecção anti-submarina e a técnica da guerra pudessem chegar ao ponto de conseguir destruir a maior parte de uma força de retaliação num unico ataque de surpresa, sem terem sido primeiramente experimentadas em larga escala. Seria possível fiscalizar-se acordos mutuamente vantajosos que limitassem tais experiências, podendo mesmo constituir um complemento lógico da actual proibição de experimentar armas nucleares debaixo de água.

Todos estão de acordo em que a defesa mutua contra ataques-surpresa absorve necessàriamente uma parcela considerável dos recursos mundiais. Procura-se, actualmente, uma plataforma de entendimento que permita a destruição reciproca dos armamentos existentes, susceptível de assegurar que nenhuma das partes se aproveitará do acordo para conseguir vantagens estratégicas. Isto não será, evidentemente, fácil, dada a existência de receios, irritações, e interesses camuflados de elementos importantes dentro de ambas as superpotências.

Foi sugerida uma simples moratória no desdobramento de armas estratégicas, a qual, todavia, não tem muitas probabilidades de ser aprovada em virtude da dificuldade de acordo quanto ao tipo de armamento que deveria ser incluído: aviação, mísseis tácticos, etc.

Sob o ponto de vista técnico, o congelamento total de todas as experiências com mísseis militares seria fácilmente fiscalizável e tornaria desnecessárias as actuais despesas elevadas que visam a descoberta de novas técnicas.

O PREÇO DE UMA COROA

os jovens mos... indif...

Por JON AKASS

POR DUAS VEZES no decurso dos últimos anos, especialistas em produtividade afadigaram-se ao longo dos corredores dos palácios reais, observando os criados e manejando os seus cronómetros.

O resultado foi conseguir-se fazer algumas pequenas economias — ou «racionalizar-se» como o Palácio lhe prefere chamar. Deve ter sido uma tarefa extremamente difícil para os referidos especialistas, pois não existe um processo conhecido para se medir a eficiência de uma rainha.

Não há dúvida de que seria mais económico se a rainha se deslocasse, durante as cerimónias oficiais, num modesto automóvel em vez de o fazer num coche dourado.

Mas é isto que constitui a pompa real. Tal como acontece numa comédia musical do West End, a própria extravagância é eficiente.

Do mesmo modo, não se pode fazer uma comparação directa com outras monarquias, nem mesmo com os presidentes mais ostentosos.

A Família Real britânica é única em escala, estilo e importância. Ao fim e ao cabo, o único teste de eficiência consiste em saber se o povo britânico pensa que a inevitável extravagância se justifica.

A maioria pensa que sim. Muito embora exista uma crescente irritação relativamente ás tradições reais mais pretensiosas e — a longo prazo muito mais perigoso para a monarquia — uma crescente indiferença entre os jovens em geral.

Não existe na Grã-Bretanha qualquer movimento republicano formal, o qual é, suponho, o teste definitivo da eficiência real.

Há relativamente pouco tempo, nos anos vinte para sermos mais precisos, o Partido Trabalhista debateu regularmente ferozes resoluções republicanas na sua conferência anual.

O que acontece actualmente é um trabalhista membro do Partido Trabalhista, William Hamilton, apresentar uma moção na Câmara dos Comuns, na qual se declara que não é a altura apropriada para se pensar em aumentar os membros da Família Real.

Afirma ele que, no caso de ser necessária uma comissão superior, as suas conclusões devem ser tornadas públicas e os seus termos de referência devem ser alargados a fim de incluirem toda a esfera de acção da realeza moderna, bem como o seu custo.

HOSTILIDADE

O sr. Hamilton, um parlamentar astuto, herdou o papel do falecido Emrys Hughe de atormentador-chefe do Palácio. Uma vez pediu residências de favor para dois mineiros reformados do seu círculo eleitoral, alegando que os seus casos tinham mais justificação do que os dos habituais generais reformados.

Em face da hostilidade oficial, e, por vezes, em autêntica insolência, Hamilton tornou-se o principal especialista em finanças reais fora do Palácio de Buckingham.

Todavia, a sua fórmula para se levarem a efeito economias e reformas não é susceptível de o recomendar a sua majestade, ao príncipe Filipe, ou mesmo ao engraxador do Palácio.

«Dizem que a Família Real se justifica como uma atracção turística» — afirma ele. «Pois bem, tornemo-la numa verdadeira atracção turística.

«Abramos o Palácio de Buckingham e o Castelo de Windsor ao público. Mostremos as pinturas reais exibindo-as em galerias especialmente construídas através do país».

O republicanismo do sr. Hamilton baseia-se no papel da rainha no sistema inglês de classes.

«Afirma-se que os que nos visitam se sentem impressionados com a Família Real» — diz ele. «Talvez seja assim. Todavia eu conheço estrangeiros, especialmente dos países escandinavos, que se sentem mais impressionados com o efeito esmagador que o sistema de classes exerce na vida dos ingleses. E a rainha é o cume do sistema de classes.

«Ela encontra-se rodeada por pessoas de uma classe e, suspeito, de um partido. Ela devia abrir as portas ás pessoas vulgares deste país».

EXÍLIO

«A monarquia exerce uma influência corruptora na Grã-Bretanha». Vale a pena repetir aqui que não existe qualquer movimento republicano organizado na Grã-Bretanha.

Enquanto que as grandes dinastias europeias têm caído uma a uma, refugiando-se num exílio tragicómico, a Casa de Windsor tem-se tornado gradual e resolutamente mais segura, mais admirada e mais rica.

Sob certo aspecto, a Família Real conseguiu uma singularidade nova e invejável. Só a Casa de Windsor pode transmitir a sua riqueza aos seus filhos. A Família Real não paga impostos sobre herança.

Trata-se da única dinastia do dinheiro segura da Grã-Bretanha.

A SEGUIR:

«O preço da tarefa»

TODOS OS HOMENS DA RAINHA

Na gravura podem ver-se alguns dos 140 oficiais e tripulantes — incluindo uma mulher — do avião pessoal da rainha, a unidade mais privada da RAF. A linha aérea em que os tripulantes (incluindo a única mulher a bordo, que exerce as funções de telefonista) podem tomar uma bebida com os oficiais sem que surjam camplicações. Oficialmente, trata-se do Avião da Rainha. A unidade encontra-se estacionada numa base de transporte da RAF em Benson, Oxfordshire, fortemente guardada, e o hangar apenas se distingue dos restantes pelas iniciais «E I R» sobre a porta e pela frota de seis aviões pintados de encarnado. Custa ao país 450 000 libras por ano.

50 MILHÕES DE LIBRAS... 200 MILHÕES.

Por SANDY WALKER

Ninguém sabe exactamente quanto possui a rainha. É mesmo muito possível que ela própria não esteja bem certa.

Uma revista americana calculou certa vez que ela deve ser a terceira mulher mais rica em todo o Mundo, tendo a sua fortuna sido avaliada em qualquer coisa como os 200 milhões de libras.

Todavia, uma verba tão elevada inclui, provàvelmente, bens que, muito embora tecnicamente pertençam á rainha, não poderiam ser por ela vendidos sem a autorização da nação — tal como acontece com a colecção real de arte.

Deste modo, um cálculo mais realista da fortuna pessoal de sua majestade anda provàvelmente á volta dos 50 a 60 milhões de libras.

Tal como acontece com qualquer grande fortuna, a da rainha não se limita simplesmente a dinheiro no banco, ou mesmo a investimentos em obrigações e acções. Grande parte consiste em terras, edifícios, jóias, antiguidades e objectos de arte. Tal como acontece com a maior parte das fortunas, é herdada. Todavia, ao contrário do que acontece a todas as outras fortunas, tem passado de um monarca para o outro sem estar sujeita a impostos. O soberano não paga impostos sobre herança.

Quanto possui realmente a rainha? Bem, para começar há o Ducado de Lancaster que lhe rende cerca de 220 000 libras anuais, livres de impostos.

Vem depois a colecção real de arte, muito embora a rainha não possa dispor dela sem um Decreto do Parlamento. Tem-lhe sido atribuído o valor de 50 a 80 milhões

de libras
não tem
preço.
Seguer
se afirm
tas de 9
tuirem
colecção
do.
Convé
a colecç
á qual J
cularme
Existem

estram-se ferentes

LONDRES &

S... QUAL A FORTUNA DA RAINHA?

libras, mas a colecção
o tem literalmente
eço.

Seguem-se as jóias, que
afirma serem compos-
s de 900 peças e consti-
irem a mais valiosa
lecção em todo o Mun-
.

Convém não esquecer
colecção real de selos,
qual Jorge V era parti-
larmente dedicado.
xistem 500 a 600 albuns,
julgando-se que valem, pelo menos, um milhão de libras.

Segue-se a baixela de ouro. Os funcionários do Palácio de Buckingham recusam-se a confirmar boatos segundo os quais o peso da baixela de ouro é de cinco toneladas; afirmam que nunca foi pesada e, seja como for é tecnicamente prata dourada.

Todavia, tem estado a ser acumulada — em quantidade e valor — durante cerca de duzentos anos.

Vêm depois as antiguidades constituídas pelo mobiliário, a porcelana, os cristais, os vasos, as tapeçarias, a baixela de prata, as armaduras.

Só em Windsor, o inventário necessita de 75 volumes. Não esqueçamos Balmoral e Sandringham, ambos sua propriedade pessoal. Não omitamos tão pouco os cavalos de corrida reais, muito embora dêm provàvelmente prejuízo hoje em dia.

É isto que constitui o activo tangível, mas é preciso mencionar aqui os investimentos reais que, segundo se afirma, atingem os milhões.

PARA RECEPÇÕES... 25 000 LIBRAS

PARA O COMBOIO REAL... 35 000 LIBRAS

PARA O IATE REAL... 500 000 LIBRAS

Pergunta: Por que razão paga o país um subsídio fixo à rainha?

Resposta: Trata-se de uma tradição que remonta a 1760, data em que Jorge III trocou as terras que eram propriedade da Coroa por um subsídio anual fixo da nação — a Lista Civil. A verba foi fixada em £475 000 em 1952. Agora, a grande controvérsia reside nisto: deve ser aumentada para compensar a inflação — ou, pelo contrário, dever-se-ão diminuir as despesas reais?

P. Quanto despende o povo noutros países com os seus chefes de Estado?

R. Os alemães despendem 2 dinheiros por pessoa, em comparação com os nossos 11 dinheiros por pessoa, anualmente. Os noruegueses pagam 1s 9d e os luxemburgueses 5 s 10 d.

P. A rainha paga impostos?

R. O Palácio de Buckingham afirma que ela paga impostos sobre os seus investimentos e propriedades particulares: imposto de rendimento sobre os dividendos das acções que possui e sobre as suas propriedades particulares — tais como Sandringham e Balmoral — avaliadas em cerca de 3 milhões de libras. A rainha não paga impostos por herança. O imposto de propriedade nunca incide sobre as propriedades particulares do monarca, em virtude da Lei que criou este imposto em 1894 excluir o soberano.

P. Quanto custa quando a rainha inaugura digamos, um novo edifício, e quem paga?

R. Em «A Realidade da Monarquia», Andrew Duncan refere-se a uma ocasião em que a rainha inaugurou uma nova ala no «King's College Hospital», em Londres, em 1968. Segundo ele, o custo total da visita foi de £1111. A conta incluía verbas destinadas a encerar, ornamentar de novo, flores, passadeiras vermelhas, chá para 417 pessoas, convites, etc. Em ocasiões semelhantes, as despesas resultantes da limpeza de uma cidade, ou de um edifício, bem como da organização da cerimónia, são sempre a cargo das autoridades locais. No presente caso, afirma Duncan que a maior parte do dinheiro era proveniente do Fundo de Dotação do hospital, o qual também contribuira com o dinheiro para a construção da nova ala.

P. Quem paga as recepções reais?

R. As despesas com as recepções reais são suportadas pela Lista Civil da Rainha. Realizam-se, anualmente, quatro no Palácio de Buckingham e uma em Holyrood House, em Edimburgo. Custam cerca de 5000 libras cada, ou seja 11 xelins por convidado.

P. Quem paga os telegramas de felicitações que a rainha envias às pessoas que celebram o seu centésimo aniversário ou bodas de diamantes?

R. Somos nós. Todos os telegramas da rainha, os quais, tal como acontece com o resto da sua correspondência, gozam de prioridade, são pagos pelo Estado, através do Correio-Mor.

P. Quem paga as despesas do iate real?

R. A Marinha de Guerra e, por conseguinte, o Ministério da Defesa, paga as despesas do Britannia», o qual foi construído em 1952 e importou em mais de dois milhões de libras. O custo da sua manutenção elevar-se-á este ano a 500 000 libras, não contando com os ordenados da tripulação de 271 homens.

P. Quem paga as despesas ocasionadas com as viagens de comboio da rainha?

R. Quando a rainha viaja de comboio em missão oficial, o Estado paga através do Ministério dos Transportes. Recentemente, o custo da manutenção do comboio real foi adicionado à conta, que se eleva agora a cerca de 35 000 libras anuais.

WASHINGTON

A VITAMINA C

Por VICTOR COHN

PREJUDICIAL PARA AS MULHERES GRÁVIDAS

NINGUÉM, nem mesmo Linus Pauling, demonstrou que a vitamina C pode evitar ou curar as constipações.

Todavia, também ninguém demonstrou o contrário.

Por outro lado, ninguém sabe se é inofensiva ou perigosa em grandes quantidades, tomadas mês após mês. Há alguns indícios de que pode não ser inteiramente inofensiva, especialmente para as mulheres grávidas.

Isto é, em resumo, o que a maioria dos cientistas e médicos diz acerca do dr. Pauling, e da sua receita de vitamina C para a cura, ou como medicina preventiva, da vulgar constipação.

Pauling, de 69 anos de idade, desfruta de certa fama, há cerca de duas décadas, quer no campo da ciência, quer dos assuntos públicos. Como químico, demonstrou que a doença pode ser causada por moléculas deformadas. Alguns de nós, segundo ele, podemos ter aberrações inatas na estrutura atómica causadoras de doenças.

Pauling defendeu o seu ponto de vista com tremenda energia, tendo obtido o Prémio Nobel de Química pelo seu trabalho.

Também se insurgiu contra a queda de matérias radioactivas e contra as experiências e guerras nucleares, quentes e frias, tendo igualmente recebido o Prémio Nobel da Paz por esse facto.

AUMENTAR A DOSE

Assim, nos princípios de 1966, depois de ter tido «demasiadas constipações» e o dr. Irwin Stone, um bioquímico nova-iorquino, sugerir doses maciças de vitamina C, prontificou-se imediamente a seguir os seus conselhos e a experimentar.

Desde então, segundo ele conta «não mais tive uma constipação, ou, por vezes, não sei se posso dizer que tive ou não uma constipação. Posso sentir uma ligeira irritação da garganta ou começar a ter a sensação de estar prestes a constipar-me; tomo logo ainda mais vitamina C e os sintomas desaparecem».

A sua receita para todos, por conseguinte, é esta: experimente 250 miligramas de vitamina C (ácido ascórbico) por dia. Se isto não evitar os constipações, aumente a dose para um ou dois gramas (um

quarto a meia colher de chá). Se mesmo assim não resultar, experimente até 5 gramas ou mesmo 10. Tome ainda uma dose maior se estiver convencido de que vai constipar-se.

Num novo livro publicado nos Estados Unidos, escreve o Dr. Pauling que, sob o aspecto molecular, é possível que o ácido ascórbico ajude a sintetizar um produto químico chamado «interferon», o qual não deixa que os vírus da constipação entrem nas células. Cita os estudos efectuados por muitos médicos em grande número de países, durante 25 anos, os quais teriam revelado que a vitamina C, em determinadas doses, ajuda a evitar ou a reduzir os efeitos das constipações.

Todavia, os especialistas em nutrição, tais como o dr. Frederick Stare, da Universidade de Harvard, com base nos mesmos estudos, afirmam que elas nada provaram. Ou foram efectuados num número demasiadamente restrito de pessoas, ou não foram levados a efeito em condições rigorosas, ou não eram dignos de confiança noutros aspectos.

Efectivamente, Stare afirma: «Penso que é absolutamente ridículo recomendar doses enormes de vitamina C, já que os estudos bioquímicos efectuados demonstraram que a maior parte dela é eliminada em duas ou três horas».

APÓS A REFEIÇÃO

Pauling refuta a importância deste facto. Mas, em apoio da teoria de Stare, surge o dr. K. C. Hayes, de Harvard, o qual chama a atenção para um estudo japonês que demonstra que a vitamina C não se acumulará na corrente sanguínea para além do nível conseguido ao tomar-se unicamente 80 a 100 miligramas por dia.

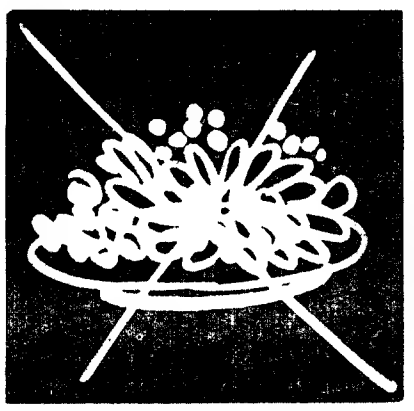
No livro em questão, a «A vitamina C e a vulgar constipação», Pauling afirma que a vitamina C não é uma substancia perigosa, excepto na medida em que, em grandes quantidades, pode causar diarreia, «especialmente quando é tomada sem ser acompanhada de alimentos». Por conseguinte, diz, «é provávelmente aconselhável que se tome o ácido ascórbico no fim de uma refeição, em vez de antes dela».

Stare, por seu turno, diz: «Qualquer produto é tóxico se for tomado em doses demasiadamente grandes». A diarreia é um sintoma de irritação ou inflamação intestinais, e não é nada agradável para os que já a experimentaram.

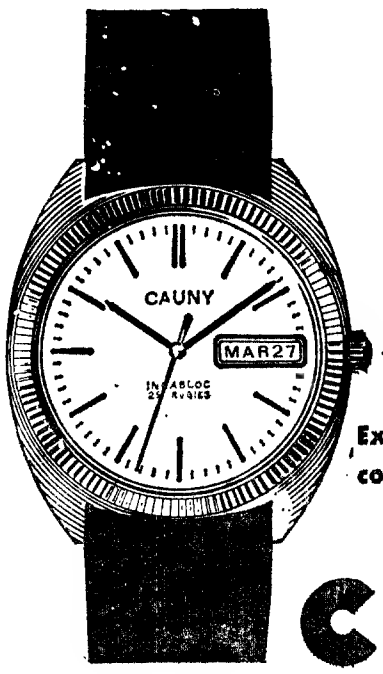
Haydes admitiu que numerosos estudos demonstraram que mesmo doses mais elevadas de vitamina C são «muito inocentes». Todavia, há dois estudos que o preocupam:

Um foi publicado na Russia em 1966. Injectada em 13 ratas grávidas, o ácido ascórbico provocou abortos em 3, e fez com que os níveis de estrógeno (hormona sexual feminina) subissem. Administrado a 20 mulheres grávidas, provocou hemorragia do tipo menstrual em 16.

O outro estudo, realizado em Itália, revelou que grandes doses causavam, por vezes, urinação dolorosa.



DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL.
AUTOMÁTICO
CALENDÁRIO
INCABLOC
RESISTENTE
Mudança de data ultra-rapida.



Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

cAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

NOSSO SENHOR, O MAR

Por CHIANCA DE GARCIA

RIO DE JANEIRO

Nesta manhã do dia 24 de Dezembro de 1970 não sei como escrever esta crónica em que semanalmente falo do que acontece em volta de mim, neste mundo versátil do Rio de Janeiro, entre brumas de inevitáveis reminiscências de Lisboa. Gosto de contar histó-

rias. Minhas, particularmente. Algumas até com laivos chaplianos (no jeito do Charlot grotesco da minha infância). Mas a verdade é que nem sempre posso estar fazendo confidências autobiográficas.

Por outro lado já falei nestas páginas, em anos sucessivos, do Natal. Natais sacros, natais profanos, natais humorísticos, natais em cores sertanejas de pintor primitivo. Natais humildes. Natais de candomblé. Natais de pés descalços pisando rosas murchas na espuma branca das madrugadas. Natais em terreiro de macumba. Natais entre bêbedos de garrafas viradas do avêsso. Por certo há também natais granfinos onde me encho de remorso e de tristeza. Não, não gosto de natal sofisticado com pinheirinhos artificiais tendo no sopé montes de caixas coloridas. Essa troca de presentes, á meia-noite, me desespera. Valha-nos o velho «whisky». E então é a fuga para a rua, para o desconhecido, para o primeiro banco de praia onde há sempre um vagabundo que olhando o céu indaga, entaramelado, como no desenho antigo de Hipólito Collomb.

— Qual delas é a estrela que me pôs os chifres?

E A BRISA LEVOU - I

Mas, não. Não quero falar de Natal. Já disse que estou escrevendo ás cinco da manhã. Num bloco. Na praia. Pertinho do mar. Entre duas rochas. Estou só. Mas faço um esforço enorme para ouvir o mar. É que da fogueira de Copacabana ergue-se um clamor de sons, de gritos, de risos, de beijos, de pipocar de garrafas de espumantes, de promessas, de sonhos, de ilusões. Ao diabo, isso tudo. E debruço-me atento numa daquelas miniaturas de começo do mundo, esverdeadas, pequenos arquipélagos oscilando num fundo de peixinhos minúsculos e onde os meus olhos teimam em ver navegar invisíveis naves fenícias...

E A BRISA LEVOU - II

Mas como calar Copacabana? Como? Nem o mar? Nem as ondas mais altas? Nem o vento a dominam. Nem este avião passando agora baixo num risco ultra-sonoro. É inútil. Copacabana está em mim. E escreve palavras na areia. E fala com voz de locutor de TV. Mil *Tapes* me perseguem Que vi eu ontem? Que vi hoje? Que ouvi? Quantas novas efemérides não poderei rabiscar nas folhas que o vento agita deste bloco?

E A BRISA LEVOU - III

Então vou falar de quê? De cinema? Pois sim! Dos filmes que vi durante o ano? Quais os melhores? Mas não, não ouso. Pelo menos nesta hora em que o sol começa a dourar a espuma das ondas. Muitos de vocês são, por certo, pelo cinema de autor. Os filmes de improvisação. Onde a qualidade não importa. Ora eu sou um adepto da qualidade, da técnica, da perfeição, do estilo, do poder mágico e sobrenatural da fotografia. Eu sou pelo cinema para ser «sentido». Comungado. Translúcido. De alma a alma. No fundo, simples e directo. Pois, como disse Oscar Wells: — «Se nenhuma forma de arte é tão válida em nosso tempo, como o cinema, isso se deve exclusivamente ao facto de que os verdadeiros filmes são sempre populares».

O que o povo não entende, não vale nada.

E A BRISA LEVOU - IV

Tenho uma amiga que no teatro musicado teve seus tempos de glória, e que mora perto do meu pequeno apartamento. Vivia na companhia de um cachorro inteligente e enternecido. Entendiam-se trocando incisivos olhares. Nem ela falava, nem ele latia. Mas por triste fatalidade o pobre «Liverpool» (porquê «Liverpool» não sei) deu de morrer há três dias. Então Jurema, é este o seu nome, pediu-me que a acompanhasse ao cemitério canino. Resignado, aceitei. E após simples formalidade, num coval de terra roxa, lá deixamos, com algumas flores, o corpo exangue do «Liverpool». Jurema chorava. À saída para me distrair, falei com o coveiro:

— Trabalha aqui todo o dia?

— Todo. De manhã á noite. durmo deitado na rede, ali naquele barraco.

— Este silêncio, esta solidão, não o angustia?

— Pelo contrário. Eu não gosto mesmo é de gente. Meu lugar é aqui, entre a cachorrada, sepultada por mim. Já trabalhei num cemitério de seres humanos. Fugi apavorado. Os mortos, lá, parece que estão sempre com vontade de fugir das tumbas. Viram fantasmas. Fazem diabruras. Cachorro, não. Ora veja o senhor, e apontando o jardim: — cachorro vira só flor. E depois bonito é ouvi-los cantar baixinho, debaixo da terra, uns hinos que o vento leva e os vai transformando em pó. Homem, não. Homem está sempre na crença de que um outro mundo está esperando por ele, lá do outro lado. O lado do nada.

E A BRISA LEVOU - V

Mudando de assunto. Andou pelo Rio um editor português que, falando a um jornal, anunciou que pretende, com auxílio da indústria paulista, lançar por aqui em grande estilo, alguns romancistas da pátria de Camilo Castelo Branco. E de Aquilino Ribeiro.

Achei perfeito. Mas disso discordou com eficiência Lúcio Benevides, ensaísta conhecido, que é uma espécie de herdeiro da má-língua eterna desse espírito vivo que é Agripino Grieco:

— Bobagem, sabe. Os autores que ele pretende editar eu conheço. Respeito-os. Mas isso não é, de jeito nenhum, um começo de vida para os possíveis leitores do Brasil...

— Que faria você, então?

— Um negócio muito mais simples e sugestivo. Com o necessário apoio do Governo português, seria lançada uma edição de uns... (e disse um palavrão).

— Olhe, encanta-me a ideia dessas duas antologias. A «Depois de Eça» e a «Depois de Fernando Pessoa». E se se propuséssemos a ideia...

— Ao Governo? Nem pense isso. Isso é iniciativa para ser tomada, com o mínimo de burocracia, talvez pela «Fundação Gulbenkian». Que acha da coisa?

Recordei este diálogo na praia. As ondas rebentavam á minha volta. O sol punha estrelas de oiro nas cristas das ondas. Tudo era pureza e serenidade.

— Porque, então, não acreditar no impossível?

E A BRISA LEVOU - VI

Então, de repente, lembrei-me de ter lido nos jornais:

«Brasília (sucursal) — O embaixador dos Estados Unidos disse ao vice-presidente Rademaker que o Governo do seu país, vai vender, talvez para um grande hotel, a residência oficial da rua de São Clemente, transferindo assim definitivamente a Embaixada para Brasília».

Agora eu pergunto mais uma vez: Para que vai servir, em breve, no Rio de Janeiro, a luxuosa Embaixada de Portugal, se não lhe derem, desde já, a útil função de força divulgadora da cultura portuguesa?...

E, aderindo à ideia de Lúcio Benevides, grito, olhando para o mar na direcção distante de Portugal:

— Porque não entregam a Embaixada à Fundação Gulbenkian?

Então, relembro meus compromissos para hoje. Porque o Natal integrou-se totalmente nas palalavras-chaves usadas agora diàriamente: — participação, integração, informação, comunicação.

E A BRISA LEVOU-VII

Levanto-me. Dou um último mergulho. Saio da praia. São nove horas da manhã. Sim, só nove horas. Mas imaginem. Já encontro a Avenida de Copacabana transformada num mercado do Oriente. Mulheres, com as pernas escorrendo ao longo destas pingônas maxi-saias, que arrastam a poeira do chão, esbaldam-se, atarefadas. Mulheres de todos os sexos, de todas as idades, de todas as cores, ajoujadas de embrulhos, entram e saem das lojas recém-abertas. Discutem, brigam, compram, pagam. Perfumes, «lingerie», sapatos, bijutarias, calças americanas, brinquedos. Vastos pacotes. Esbarram umas nas outras. Provam quitutes fornecidos gratuitamente pelas grandes lojas. Lambem sorvetes de casquinha. Encontram-se e discutem. Têm pressa, mas os táxis recusam-se a parar. Não resistem a um palavrão expressivo. Novos encontros. Abraços: — Você não falta, tá? A árvore de Natal tem algo para você.

ENFIM, PLENO SOL...

Empurrão para a direita, empurrão para a esquerda, entro no meu edifício. Dos cinco elevadores, com defeito, só funciona um. Subo entalado entre duas crioulas. Estou em casa. Mergulho no chuveiro. Caio numa poltrona. Abro o «Jornal do Brasil». E leio um manifesto que a *Acção Católica Operária de* Recife acaba de publicar. Leio ao acaso:

«O salário mínimo não é um salário de homem. De facto, nem permite ao trabalhador satisfazer as suas primárias necessidades, como vestir, comer morar numa casa digna, educar seus filhos. O salário está paralisando o desenvolvimento físico, espiritual e social da pessoa humana».

Toca o telefone. Jogo fora o jornal. Atendo:

— Escuta, você não falta hoje, não é verdade? Temos mesa no *Antonio's*. Whisky à gôgô, entende?

Entendo:

— Sim, não falto. Quem poderia resistir?

Mas agora há vocês. Vocês aí de Lisboa que se lembraram de mim neste fim de 1970. Muitos cartões. Cartões de neve na serra da Estrela. Vistas do Porto, de Viseu, e da praia da Arrábida. A todos o meu agradecimento.

Mas também chegaram vários livros. João Rui de Sousa enviou-me os seus poemas de *Meditação em Samos*. A *Portugália* põe nas minhas mãos receptivas um novo José Régio, agora o grosso volume de *Os avisos do Destino*. E Maria Isabel Dantas, que conheci e admirei como actriz, envia-me uma obra inédita de Julio Dantas, *A Catedral*, que não adivinho porque não pertence á colecção da sua editora tradicional.

Quanto a cartas tenho várias. A de Luiz Amaro, poeta que, de longe, se transformou num dos meus maiores amigos. António Pinho paga-me a visita que lhe fiz há meses, em espírito, enviando-me *rabanadas regadas em vinho quente da felicidade*.

A todos, muito obrigado.

Natal de 69.

UMA EXPERIÊNCIA NO NEGEV: TRANSFORMAR O DESERTO EM TERRENO FÉRTIL

Por TOM LAMBERT

ISRAEL

Se há uma certeza incontestável e implacável acerca do Médio Oriente, mais especificamente acerca daquela vasta e árida faixa de território que se estende desde as montanhas do Atlas, no Norte de África, através do Sahara e, no oriente, em direcção á India, é que existe uma escassez desesperada de água.

Há locais nessa região onde se verifica uma abundancia de água — ao longo do Nilo e do seu delta, ao longo do rio Jordão, perto do mar da Galileia, nas férteis terras entre o Tigre e o Eufrates, em oásis tais como Jericó.

Todavia, de um modo geral, o Norte de África, o Médio Oriente e a Arábia são constituídos por deserto: solo arenoso ou rochoso, ondulado ou solto, o qual apenas recebe umas gotas de água por ano.

Durante um breve período, o deserto torna-se verde, nele desabrochando uma profusão de flores e arbustos, para logo voltar á aridez escaldante, onde nada cresce excepto uma magra forragem para as ovelhas e cabras e uma mancha esporádica de vegetais ou cereais.

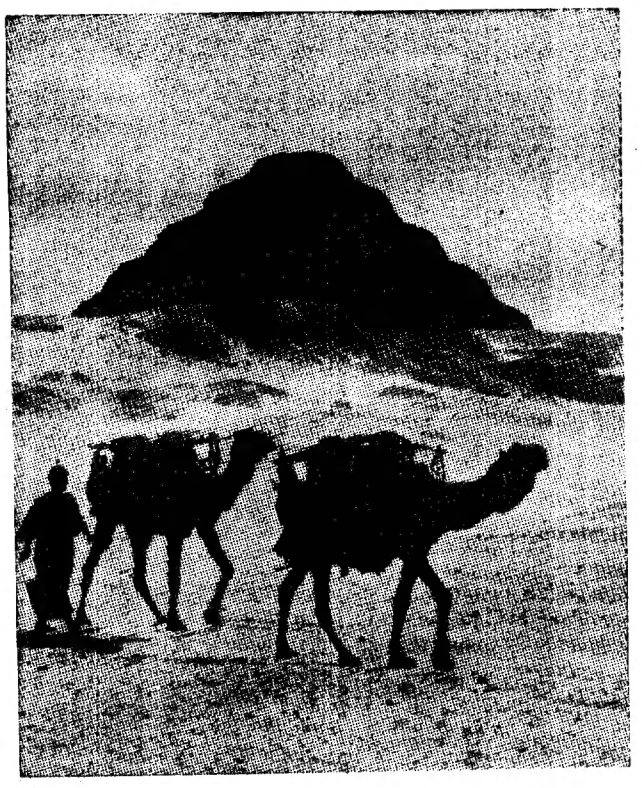
Aqui, neste vasto Wadi (vale), está actualmente em curso uma experiência sobre a conservação da água e cultura do deserto, numa tentativa de produzir fruta e cereais em terrenos tornados férteis pela mão do homem, numa faixa de 4000 acres situada no deserto de Negev, o qual, durante cerca de 1200 a 1300 anos, permaneceu estéril e coberto de pedras.

O projecto consiste no prolongamento de uma experiência, que durou 11 anos, levada a efeito á sombra das ruínas de Ein Advat, cidade que data do século III antes de Cristo, situada numa elevação ao sul de Wadi Mashash. Com grande satisfação dos especialistas empenhados nesta tarefa provou-se que é possível conseguir algumas colheitas, como aliás o fizeram povos há muito desaparecidos, apenas com o auxilio de uma quantidade reduzida de chuva anualmente.

«Serão plantadas aproximadamente 3000 árvores aqui e além», declarou o «Sheik» Ade Abu Mu' Amer, apontando com a mão este «wadi» de forma quase circular, propriedade da sua tribo beduína «Azami».

CRIAÇÃO DE LOTES

«E ali», continuou, indicando uma pequena depressão perto do local onde nos encontrávamos, «ali haverá um local reservado á erva silvestre e á pastagem para ovelhas e cabras».



Uma escassez desesperada de água

O «Sheik» Ade Abu Mu' Amer, cujo rosto, onde cresce abundante bigode negro, lembra um falcão, e os 6000 membros da sua tribo «Azami», constituem um dos quatro participantes no projecto de Wadi Mashash, ao sul de Beersheba, o qual, até agora, ainda se encontra numa fase experimental (medida da pluviosidade e estudo do solo), mas que se espera comece a produzir resultados no próximo ano.

Os outros participantes são o Governo israelita, principalmente na pessoa do botânico, professor M. Evenari, chefe das experiências de Ein Avdat; a «organização para a paz no mundo», da Alemanha Ocidental, e a associação religiosa suíça «Hek».

O actual projecto prevê a criação de uma série de pequenos lotes.

Estes têm, aproximadamente, 15 jardas quadradas e localizam-se no deserto de Negev. Cada lote é rodeado de muros construídos com a terra do deserto, cada um dos quais desce em suave declive em direcção a um canto do quadrado.

Em cada um dos cantos mais baixos dos lotes, os especialistas plantarão uma árvore (pereira ou amendoeira) ou alfalfa (passagem) e erva silvestre.

A fraca pluviosidade que cai anualmente nesta região será recolhida e conservada, escorrendo depois para o interior dos lotes e fertilizando o solo. Essa pequena quantidade de água proporcionará, de acordo com o que se aprendeu com a experiência de Ein Avdat, humidade suficiente para permitir o crescimento das árvores ou das plantas do lote.

A experiência de Ein Avdat, que principiou em 1959 e ainda prossegue, foi uma tentativa no sentido de reconstituir e provar a validade de um antigo sistema agrícola utilizado no Negev antes da era de Cristo.

Povos provenientes da Arábia do Sul fixaram-se nesta região, provàvelmente no século 4 antes de Cristo. Comerciavam em especiarias e sedas para a venda dos quais viajavam a ocidente dos diversos portos do Mediterrâneo e ao norte até Damasco.

O arqueólogo Nelson Glueck chamou-lhes «um dos povos mais notáveis da História».

Em Ein Avdat e noutras das suas cidades, eles deixaram provas arqueológicas incontestáveis da sua habilidade como comerciantes, engenheiros, arquitectos e artistas. E, também, conforme Evenari pôde verificar na sua experiência de reconstituição, da sua perícia como lavradores.

AS TÉCNICAS MAIS AVANÇADAS

Este povo aperfeiçoou um sistema de agricultura do deserto, segundo o qual criava pequenos lotes destinados á agricultura nos vales do deserto e nas terras planas canalizando para os mesmos a fraca pluviosidade que caía no Negev.

Este sistema de desvio implicava a construção de quilómetros de canais rodeados de muros, terraços condutas em pedra cisternas e diversas pequenas barragens a fim de conter as esporádicas inundações do Negev. Existem ainda numerosos vestígios deste sistema na região de Ein Avdat.

Com a água assim armazenada, aquele povo chegou talvez a cultivar, em determinda altura, 600.000 acres do deserto de Negev. Este sistema floresceu durante os períodos romano e bizantino. Todavia, com a conquista do Médio Oriente, no século 7 depois de Cristo, pelos árabes maometanos, o seu produtivo sistema agrícola acabou por desaparecer pouco a pouco.

Ao reconstituir certas partes do sistema, Evenari utilizou as técnicas mais avançadas no campo do aproveitamento das águas e da botânica, incluindo aparelhos de medição da pluviosidade, da penetração da água e da absorção do solo.

As experiências de Evenari tornam possível a criação de herdades semelhantes nas vastas e áridas regiões do Médio Oriente árabe e do Norte de Africa, onde há motivos para crer que o sistema a que acima fizemos referência foi utilizado em larga escala em tempos recuados.

MOBILIÁRIO MODERNO

tipo nórdico

Para quartos, salas de jantar e de estar. Grande variedade de maples e sofás, estofados em tecidos exclusivos

a melhor qualidade
aos melhores preços

Exposição e vendas na:
Avenida Almirante Reis, n.º 30-C
Lisboa
telefone 831150

OMAN

O SULTÃO QUE TEM DE ANDAR DEPRESSA

Por WILLIAM TUOHY

Oman — uma estagnação social imposta

RECENTEMENTE, o povo dançou nas ruas de Muscat. A musica, os cantares, os pandeiros, os tiros de espingarda e a comunicativa alegria dos habitantes emprestavam um ar extremamente festivo a esta antiga capital, construída em pedra, e situada na ponta oriental do mundo árabe.

Os festejos prolongaram-se durante vários dias, neste país de montanhas negras e desertos de areia, para comemorar o trigésimo aniversário do Sultão Qabus Bin Said, o qual em Julho se apoderou do poder, até então detido por seu pai, por meio de um golpe de estado palaciano.

As ruas encontravam-se pejadas de mulheres «baluchi», sem véu, e, embora de tez escura, muito atraentes envergando mantos de cor verde-esmeralda, vermelho-vivo e azul-safira, e de homens das tribos de Omam com os seus turbantes, bandoleiras repletas de cartuchos, velhos mosquetes de carregar pela boca e os clássicos punhais «Kunjah» de prata presos á cintura.

O jovem sultão encorajou esta explosão de exuberância desde a manhã até á meia-noite como uma válvula de escape politica destinada a um povo activo duramente reprimido no decurso dos 38 anos do reinado de seu pai.

A monotonia forçada fez com que Oman permanecesse na Idade Média: atrasado, reaccionário, pronto para o fermento da revolução, a qual, efectivamente, eclodiu na provincia do Dhofar, no sul do país.

ESTAGNAÇÃO SOCIAL

Durante o governo do sultão deposto, Said, não havia dança, musica, cinema, rádio, vida nocturna, sendo mesmo proibido viajar sem licença do sultão; mas pior ainda, não existia um serviço de saude publica, escolas ou hospitais.

Esta estagnação social era imposta muito embora o petróleo estivesse a ser produzido á razão de 320 000 barris por dia e os rendimentos do governo se estivessem a acumular a um ritmo de quase 100 milhões de dólares por ano.

O novo sultão espera poder modificar este estado de coisas, utilizando o dinheiro proveniente do petróleo na educação, na saude e no desenvolvimento.

Ao contrário de seu pai, que permanecia isolado no seu palácio situado na poeirenta vila piscatória de Salalah, 556 milhas ao sul de Muscat, Qabus mudou a sua residência, quase imediatamente, para Muscat, tendo-se tornado acessível ao seu povo. Realiza, regularmente, «Majlis», no decurso dos quais todos os cidadãos podem apresentar as suas reivindicações.

Durante os coloridos festejos que assinalaram o seu aniversário, milhares de pessoas vieram á capital para o aplaudir e a cidade vibrou com o cantico de «Qabus, Qabus, Qabus».

Qabus apareceu envergando uniforme de marechal. Bem parecido e com o rosto emoldurado por densa barba, olhos castanhos e profundos, enverga habitualmente um turbante multicor e o longo manto tradicional no país. Estudou na Academia Militar Britanica, «Sandhurst». Serviu um ano no exército inglês, tendo efectuado uma viagem á volta do mundo antes de regressar ao palácio, em Salalah.

Durante algum tempo, Qabus esteve, práticamente, sob prisão domiciliária.

«Há cerca de um ano, cheguei á conclusão de que meu pai não estava disposto a proceder ás reformas necessárias» — declarou ele numa entrevista concedida no seu modesto palácio de Muscat.

«Tentei de novo levar os homens mais influentes junto de meu pai a mudar algumas coisas. Depois, comecei a pensar em fazer eu próprio alguma coisa.»

CONTRA AS RESTRIÇÕES

Qabus obteve a colaboração do governador de Salalah e, com a provável aprovação do cônsul-geral britanico e dos oficiais britanicos que comandam o exército, o velho sultão foi deposto e enviado para Londres, onde está hospedado no hotel «Swank Dorchester».

Qabus mudou imediatamente o nome do país de «Muscat e Oman» para «O Sultanato de Oman».

«Nunca compreendi por que razão o nome do país tinha de incluir o nome da capital», explicou ele. «O nosso país é Oman. não Muscat. Não existem dois países.»

Qabus levantou todas as restrições e a alegria espalhou-se como o vento do Mar da Arábia.

«Alguns dos conservadores religiosos insurgiram-se contra o que consideravam excessos» — declarou o sultão. «A minha resposta foi muito simples: o Profeta Maomé proibiu-o? A resposta, naturalmente, é negativa.

«Quero que o meu povo sinta vontade de fazer o que lhe apetecer desde que as leis sejam respeitadas.»

O esforço no sentido de criar serviços sociais já está a dar os seus frutos. Calcula-se que a população de Oman se situe entre 650 000 e perto de um milhão de almas. Nunca foi realizado um recenseamento, mas, no tempo do velho sultão, só cerca de 500 rapazes frequentavam a escola onde se não via uma unica rapariga.

Actualmente, 4000 rapazes e 1000 raparigas frequentam a escola. Todavia, a maioria assiste ás aulas em mesquitas e outros locais semelhantes, em virtude da falta de salas de aula. Por outro lado, há uma escassez crítica de professores.

A situação sanitária é ainda pior: a população sofre de graves doenças endémicas. tais como tracoma, malária, anemia, subalimentação e doenças gastrintestinais, sendo a taxa de mortalidade infantil das mais elevadas em todo o Mundo.

Nem escolas, nem hospitais

(Um costume primitivo causador de elevado numero de mortes é a prática de introduzir pedras de sal na vagina das mães imediatamente após o nascimento, a fim de contrair rápidamente os musculos e os tecidos. Isto provoca, frequentemente, queimaduras em órgãos importantes, impedindo a dilatação aquando do nascimento do próximo filho e, se não for feita uma cesariana, a mãe e a criança morrem na maioria dos casos).

FACE A UMA REBELIÃO

Durante 16 anos, a diferença entre a vida e a morte para muitos naturais deste país tem sido um solitário médico americano, o dr. Donald Bosch, de 53 anos de idade, que dirige o hospital da missão americana.

Bosch tem executado, pelo menos, 2000 operações por ano, mas, actualmente, é auxiliado por outro cirurgião americano, o dr. Harvey Doorenbos, enquanto o novo sultão os vai ajudar mandando construir um novo hospital e dispensários regionais nas regiões mais afastadas da capital.

O sultão Qabus projecta empregar os rendimentos do petróleo na construção de novas estradas, instituições de orientação profissional, estações agronómicas, etc.

Um dos resultados, espera ele, será reduzir drásticamente o ímpeto da rebelião na província de Dhofar.

A rebelião de Dhofar principiou por uma disputa tribal entre o velho sultão e chefes dissidentes, mas mudou gradualmente de aspecto á medida que o sultão se tornava mais intransigente.

Em breve a rebelião começou a ser alimentada por agitadores inspirados pelos russos no norte do país e por revolucionários treinados pelos chineses a partir do Yémen do sul.

O exército, sob o comando de oficiais britanicos, espera levar a efeito um ataque decisivo contra os rebeldes no próximo mês, enquanto que não perde de vista o norte do país, em virtude de os filiados do partido revolucionário «Baathist», armado pelos russos, com base no Iraque, terem estado a tentar penetrar no norte de Oman através dos emirados da região.

O sultão prefere não tomar em consideração, por agora, a tentativa dos emirados do Golfo no sentido de se constituir uma federação, após a anunciada retirada dos britanicos, em Dezembro do próximo ano «Historicamente, somos o irmão mais velho dos estados da região» — declarou o sultão Qabus. — «Queremos que decidam por si próprios que espécie de federação desejam antes de nos dispormos a considerar a nossa adesão».

Por agora, o povo vive com euforia a sua nova liberdade e a popularidade de Qabus entre todas as tribos que povoam o país não sofre contestação.

Todavia, os entusiasmos também acabam e muitos observadores diplomáticos em Muscat crêem que Qabus deve agir depressa, pois, dentro de um ano ou dois, será julgado não pela liberdade de dançar e tocar nas ruas, mas sim pelo que conseguiu nos sectores da educação, saude e agricultura para o seu povo, valente mas empobrecido, e para o seu árido e velho país.

PERIGO DE Contágio?
DEFENDA-SE COM DE SINFEX
DESINFEX Desinfecta o ar
Diminui o perigo de contágios em ambientes fechados.
Facilita a respiração.
Torna o ar balsâmico e dá rapido alivio às pessoas com constipações, tosse, etc.
Modifica agradàvelmente o ar ambiente do quarto dos doentes.

SENSACIONAL

Vá a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pluma de luxo, Hotel de 1.ª, visita à cidade e Vale dos Caídos, etc. Sorteio a realizar em 27/3/71, autorizado pelo Ex.mo Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra receba logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes.

TELEVISORES
Desde 100$00 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS
Desde 100$00 Mensais

ESQUENTADORES
Desde 100$00 Mensais

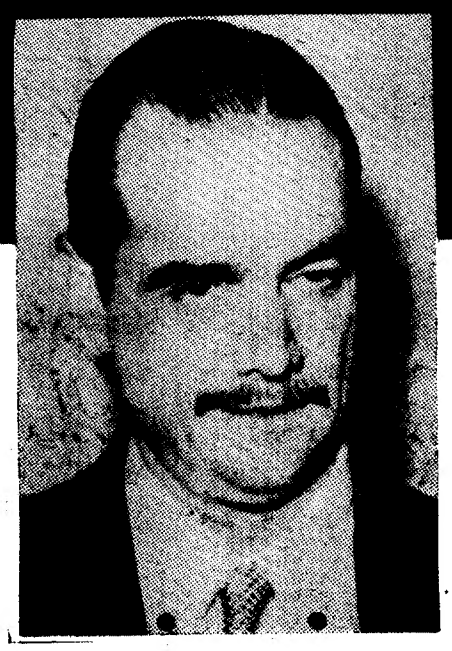
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Desde 150$00 Mensais

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Desde 150$00 Mensais

SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânica, 12-D
Telef. 53 45 36
Avenida 5 de Outubro, 53-C
Telef. 4 77 69
FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS
VENDA NOVA



HUGHE$

O MILIONÁRIO DESCONHECIDO

por AL DELUGACH

LOS ANGELES

HOWARD HUGHES é, talvez, um homem invisível, mas, para 40 000 pessoas que trabalham nos estados de Nevada e da Califórnia, ele é o homem que assina — por interposta pessoa — os seus boletins de salário (cerca de um quarto de um bilião de dólares por ano), sem falar das repercussões económicas do império de Hughes sobre o conjunto da economia destes dois estados.

Embora o império de Hughes, calculado em qualquer coisa como 2 biliões de dólares, possua as suas raízes no Texas, é sob o sol de Nevada e do sul da Califórnia que desabrocha de modo mais visível.

As alterações que acabam de afectar os principais directores dos negócios de Hughes no estado de Nevada prendem as atenções, desde há três semanas, da imprensa internacional.

E, contudo, o público, de uma maneira geral, conhece sobretudo Hughes como um «play-boy» estranho, que vive enclausurado, tendo em contrapartida um conhecimento limitado da imensidade de um império que faz de Hughes um dos homens mais ricos do globo.

A sua empresa mais importante, na Califórnia, é «Hughes Aircraft Co.», em Culver City, cujo volume de negócios se elevou este ano a mais de 600 milhões de dólares: satélites de comunicações, mísseis teleguiados, armamentos para aviões e aparelhos electrónicos diversos.

«Hughes Aircraft Co.» emprega 26 000 pessoas e um número apreciável de contratos permite-lhe encarar o futuro com optimismo, a despeito das dificuldades actuais da indústria aeroespacial.

OPERAÇÕES DE ESTILO

Hughes possui, igualmente na Califórnia, uma companhia de aviação, «Hughes Air West», cuja rede cobre oito estados do oeste dos E. U. A. Esta empresa, que emprega 3400 pessoas, e que perdeu 21 milhões de dólares no ano passado, foi adquirida por Hughes na Primavera. Continua a experimentar as dificuldades comuns às indústrias de transportes aéreos e ainda não proporciona lucros.

Uma outra companhia, que não se deve confundir com «Hughes Aircraft Co.», a divisão aeronáutica de «Hughes Tool Co.», com sede em Houston, emprega igualmente de 1500 a 2000 operários em Culver city. Esta divisão, que fabrica helicópteros ligeiros, encontrar-se-ia actualmente, segundo uma 'fonte ligada a Hughes «numa situação não muito feliz». Tendo acabado de terminar um importante contrato para o exército, deve efectivamente promover a versão civil deste aparelho.

As operações de Hughes no Nevada são de outro estilo. Desde a sua chegada a este estado há quatro anos, ele investiu efectivamente cerca de 250 a 300 milhões de dólares em cinco hotéis, sete casinos, antigas minas de ouro e de prata, um «country Club», um serviço de fretes, uma estação de televisão, uma herdade com 518 acres (cerca de 250 hectares) e um número desconhecido de hectares de deserto...

Contràriamente ao que acontece com «Hughes Aircraft Co.», propriedade do Instituto Médico Howard Hughes, organização sem fins lucrativos e cujos benefícios não revertem pois para Hughes, as empresas do Nevada dependem de «Hughes Tool Co.». Parece não haver motivo para grande satisfação relativamente aos lucros realizados este ano pelos casinos, a despeito do facto de os casinos de Hughes serem detentores de cerca de 13,5 por cento do volume de negócios do jogo no Nevada.

Em Culver City, a companhia «Hughes Aircraft Co.» gosta de dar a entender que não tem quaisquer relações com as casas de jogo de Hughes.

200 MILHÕES DE DÓLARES...

Todavia, dado que depende do Instituto Médico Howard Hughes, organização sem fins lucrativos de que Hughes é o único «Trustee», trata-se também de uma empresa controlada por Hughes.

Como em todo o império de Hughes não existe qualquer participação estranha, as suas companhias não são obrigadas a publicar balanços nem relatórios sobre os respectivos lucros.

Hughes é o único proprietário de «Hughes Tool Co.», que possui 78 por cento da companhia de aviação «Hughes Air West», possuindo Hughes pessoalmente os restantes 22 por cento.

Hughes obteve, pessoalmente, cerca de 556 milhões de dólares em dinheiro, em 1966, pela venda das suas acções (78 por cento) de «Trans World Airlines», após anos de litígio. Hughes teve de dar uma caução de 75 milhões de dólares, enquanto aguardava o resultado de um julgamento num tribunal de segunda instância, como consequência de um novo processo da TWA.

Um dos seus colaboradores afirma: «Hughes tem uma certa dificuldade em reunir fundos «cash» (de contado)...

«É possível que ele apenas tenha pouco menos de 200 milhões de dólares», acrescenta, dando a entender que, no fim de contas, a situação não era demasiadamente insuportável...

Efectivamente, Hughes possui o suficiente para comprar a TWA ao câmbio do dia, ou, a dar crédito aos rumores que correm, para se entregar a importantes negócios nas Bahamas, ou aproveitaria férias há muito aguardadas para realizar alguns negócios...